

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DAIANY CRIS SILVA

**Envelhecendo em movimento: relatos de experiências femininas.**

Maringá  
2020

DAIANY CRIS SILVA

**Envelhecendo em movimento: relatos de experiências femininas.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociedade e Políticas Públicas

Orientadora: Profa. Dra. Simone Pereira da Costa Dourado

Maringá  
2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S586e

Silva, Daiany Cris

Envelhecendo em movimento : relatos de experiências femininas / Daiany Cris Silva. --  
Maringá, PR, 2020.  
109 f.color., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Pereira da Costa Dourado.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências  
Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais, 2020.

1. Conceição Evaristo (escritora). 2. Mulheres idosas - Geração. 3. Mulheres - Gênero.  
4. Mulheres - Participação política. 5. Envelhecimento - Feminino. I. Dourado, Simone  
Pereira da Costa, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências  
Humanas, Letras e Artes. Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

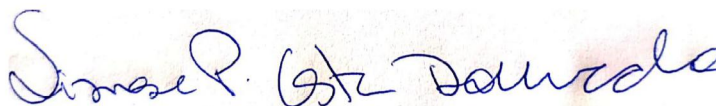
CDD 23.ed. 305.262

DAIANY CRIS SILVA

**Envelhecendo em movimento: relatos de experiências femininas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Pereira da Costa Dourado  
Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Cecilia Rodrigues Almeida  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vânia Zikán Cardoo  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Aprovada em: 14 de abril de 2020

*À mulher que com a sua experiência de vida me fez ver de perto a crueldade de um mundo em que os homens são nossos algozes.*

*À agricultora que lutando pela sobrevivência me fez ver que mulheres se movimentam e criam os seus próprios caminhos, mesmo que seus pés estejam pesados.*

*À mulher que em busca de um lampejo de carinho e respeito insistia em brigar quantas vezes fosse preciso para ter seu ponto de vista considerado.*

*À pessoa que se foi cedo demais, mas que em poucos anos de vida ensinou a todos que a conheceram que não há nada mais precioso que uma atitude persistente e corajosa.*

*À mulher que me curou da cegueira da submissão e me mostrou que o mundo é grandioso demais pra sentir medo de viver.*

*À ela todos os dias, todas as horas, todas as palavras, toda a minha vida em dedicação para que não a esqueçam.*

*Eu me lembro mãe, sempre me lembrarei dos seus sonhos e realizarei um por vez, começando por este, de ser uma mulher independente que persiste em cativar o seu lugar no mundo.*

*À Eufrásia, dedico este estudo sobre mulheres que assim como ela persistem e constroem suas vidas movimentando-se pela superação do que as sufoca.*

*À EUFRÁSIA.*

## AGRADECIMENTOS

O momento de agradecer chegou e não há como escrever agradecimentos sem os clichês da formalidade acadêmica e da emoção da conquista meritocrática. O sentimento do “eu consegui” é inevitável, mas para além da glória de vencer, há de se considerar o afeto das pessoas que percorreram esse caminho comigo, durante a minha formação como pesquisadora, e a rede de apoio que as políticas educacionais proporcionaram para o meu desenvolvimento científico. Pois bem, que iniciemos a grande lista de apoiadores desta dissertação e desta Cientista Social.

Agradeço primeiramente a minha família pelo suporte emocional, financeiro e incentivador. Aos meus pais, Erci e Eufrasia, que desde muito cedo incentivaram a mim e meus irmãos a sermos bons estudantes e buscarmos boas perspectivas sobre a vida. Agradeço o meu irmão Caito e minha cunhada Lígia, pelo apoio e orações. Agradeço, também, ao meu cunhado Adenilson e minha irmã Mislene que desde o início da minha formação colaboraram de todas as formas possíveis em momentos cruciais. À Mislene, principalmente, sinto uma gratidão incondicional por ser ela a pessoa que nunca cessou em me incentivar e, até mesmo, me empurrar diante dos desafios me forçando a enfrentá-los.

Dedico parte considerável da minha gratidão aos meus tios e tias que me ajudaram a garantir condições mínimas de sobrevivência, desde a alimentação às diversas palavras de carinho e conforto que recebi durante todos esses anos de formação, nomeio os mais presentes: Tino, Iara, Mauli, Lucas, Lu, Ceir e Nei. Obrigada por caminharem comigo, sem a presença de vocês eu não conseguiria dar nenhum passo sequer adiante.

Agradeço, também, aos meus primos que mantiveram meu astral lá em cima, riram comigo e estiveram presentes em todos os momentos importantes da minha formação, obrigada a Beatriz, Bruna, Paulo Henrique e, principalmente, a Tayná e o Marco que foram pessoas indispensáveis durante todo esse período.

Devo um agradecimento especial aos meus avós paternos, Delson e Nair, por construírem um espaço carinhoso e acolhedor em sua casa, onde eu pude me reservar de angustias e inseguranças que impediram por muitas vezes o meu processo de escrita, inclusive, as primeiras páginas desta dissertação só começaram a ser escritas na área da casa deles, quando senti que toda hesitação que teimei em prolongar não era necessária, nem mesmo pertinente.

Com relação aos enfrentamentos a dificuldades na escrita devo muita gratidão a minha terapeuta, Ana Beatriz, que nos anos de 2019 e 2020 me ajudou a me manter firme e lúcida durante o desenvolvimento da fase final desta pesquisa.

Sou imensamente grata aos meus amigos que suportaram as minhas lamúrias e me ajudaram a seguir adiante. São eles: Henrique, Camila, Pedro, Ana, Andressa, Keila, Daniela, Guilherme, Otávio, Matheus, Raquel, César e, especialmente, aos meus amigos Cientistas Sociais, Bruno, Renata, Luara, Laís e Carol, que me fortaleceram e me apoiaram com dicas de pesquisa, conversas sobre teoria, metodologia e escrita, obrigada pelo companheirismo, principalmente da Carol que leu praticamente todos os meus textos, comentou e participou de todo o processo de construção desta pesquisa, da definição da metodologia a escolha de interlocutoras.

Um agradecimento especial a equipe da Diretoria da Juventude se deve ao apoio da Salete e do Bacurau que me presentearam com o computador em que esta dissertação foi escrita. Obrigada por me apoiarem e possibilitarem que todas essas palavras estejam aqui.

A todos os meus colegas de turma, Milena, Mayara, Beatriz, João Paulo, Augusto, Ayra e Filipe, agradeço os compartilhamentos de anseios e conquistas. Ter boas conversas durante as disciplinas e trocas sobre os processos de investigação fez a solidão durante a pesquisa ser menor.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais agradeço pela dedicação. Especialmente a Meire Mathias e a Carla Almeida que estiveram a frente da coordenação do nosso programa, durante o período desta pesquisa, garantindo o bom funcionamento do nosso curso, junto ao Junior, nosso secretário, que não cessa em nos dar o suporte e apoio necessário para que nossas pesquisas se desenvolvam.

Aos professores que estiveram na minha banca da qualificação, sou grata pelos comentários muito construtivos e pertinentes ao meu trabalho, Hilton Costa e Marivânia Araújo, obrigada pela atenção. E a todos os professores do Departamento de Ciências Sociais que lutam diariamente pela sobrevivência da nossa profissão e nos formam com um cuidado e profissionalismo invejável, até mesmo para universidades de grandes centros, nunca me sentiria tão segura para defender minhas pesquisas e posicionamentos teóricos se não fosse pela formação sólida que o nosso departamento nos proporciona.

Agradeço ainda as pessoas que me indicaram caminhos e contatos para a realização das entrevistas deste estudo: Rosângela Cardoso, Victor Simião, Bruno Barra, Janete Duarte Rogoski, Carla Ayres, Ernesto Seidl e Rose Mary Gerber.

Às minhas interlocutoras minha gratidão é imensurável, por me receberem em suas casas ou espaços de trabalho e dedicarem tempo e atenção ao participar das entrevistas, claramente sem o apoio delas não haveria nenhuma linha sequer deste texto.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) agradeço pelo apoio financeiro que me permitiu a dedicação exclusiva ao mestrado. E excepcionalmente por financiar minha Missão Discente à UFSC, em Florianópolis, em maio de 2019, possibilitada pela minha participação no Núcleo de Pesquisas em Participação Política (NUPPOL) da nossa universidade. Essa Missão Discente, proporcionada pelo Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD), possibilitou a minha participação em disciplinas e grupos de estudos com debates muito pertinentes, principalmente na disciplina de Antropologia e Narrativa, no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social com a professora Vânia Cardoso. Em agradecimento nomeio as pessoas que me receberam nessa experiência acadêmica com muita disposição e hospitalidade: Julian Borba, Yan de Souza Carreirão, Lígia Helena Hahn Luchmann, Marcia Inês Schaefer e Heloísa Carguin.

Acredito que seja importante um destaque ao financiamento da CAPES a este estudo pois, é essencial demonstrar o quão importante foi para mim, filha de trabalhadores rurais e beneficiária do sistema de cotas sociais da nossa universidade, que sem o incentivo a pesquisa científica não haveria a possibilidade de realizar um bom trabalho, comprometido com uma leitura orientada sobre a sociedade brasileira.

E finalmente o agradecimento mais importante, à minha orientadora Simone Dourado que me acompanha desde 2014, o meu primeiro ano de graduação em Ciências Sociais. Simone recebeu a menina curiosa e medrosa que mal sabia que poderia sim alcançar muitos espaços, circular por muitas cidades e defender seus posicionamentos. Obrigada por me ensinar em todos os nossos encontros e conversas a escrita científica, a leitura de textos acadêmicos e teorias e me mostrar como desenvolver um olhar atento, tão caro as Ciências Sociais, e o mais importante, me fazer acreditar nas minhas palavras. Agradeço por ter oportunizado meu encontro com pesquisadoras tão competentes como a Nana, Isadora, Miriã, Maria Isabel e Jaqueline, que também contribuíram muito com a minha formação. Simone, além de ser essencial para a minha formação como Cientista você se tornou uma amiga que o destino trouxe para apaziguar minhas inseguranças e ter forças para sobreviver a vida acadêmica, com o seu apoio construí minha profissão como uma boa professora, teórica e pesquisadora. Sou grata pela profissional que você é.

Meus agradecimentos versam os percalços de se manter fortalecida na vida acadêmica, sobretudo, demonstra que a pesquisa nas humanidades é mobilizada por pessoas que



colaboram e constroem cotidianamente alternativas de sobrevivência e modos de vivência que possibilitam fissuras nas estruturas mais pesadas da nossa sociedade. Assim, acredito que meu principal agradecimento se deve aos caminhos que esta investigação me fez percorrer, tanto no desenvolvimento teórico e metodológico, como no contato com as pessoas, as já conhecidas e as que conheci durante a pesquisa, que me ensinaram muito sobre minha atuação como Cientista Social.

## **Envelhecendo em movimento:** relatos de experiências femininas.

### **RESUMO**

A presente dissertação dimensiona como se configura a participação política e social de mulheres idosas por meio de relatos de experiências com abordagem biográfica. O objetivo é compreender como o envelhecimento é experimentado por mulheres com a vida pública ativa. Para contribuir com o debate sobre a velhice como um objeto de investigação, busca-se responder as seguintes questões: Como as mulheres lidam com o envelhecer? Como elas organizam suas atuações na vida social e política? Quais caminhos percorrem para se manterem ativas durante o processo do envelhecimento? Para responder essas questões foram entrevistadas seis mulheres idosas que possuem uma vida pública na política, ocupando cargos públicos, gerenciando pequenas e grandes empresas, liderando associações e organizações não governamentais entre outros grupos e instituições sociais. As entrevistas foram semiestruturadas e tinham como intuito resgatar a trajetória dessas mulheres, verificar a importância que elas atribuem aos problemas de gênero e como percebem a vivência do envelhecimento. Inspirada pela escrevivência, conceito criado pela escritora Conceição Evaristo, a metodologia deste estudo relata vivências individuais que informam sobre a experiência social da geração de mulheres nascidas entre a década de 1940 e 1960. Desse modo, articular os conceitos de gênero e geração foi essencial para o dimensionamento efetivo dessas questões. As interlocutoras demonstram que a maneira como se vive a velhice é resultado das escolhas que tomamos durante o curso da vida e que estar em movimento e construir um valor condutor para sua trajetória é essencial para que se construa uma história de vida pública ativa.

**Palavras-chave:** Envelhecimento, Relatos de Experiência, Geração e Gênero.

## **Aging in motion: reports of female experiences.**

### ***ABSTRACT***

This dissertation is about elderly women's political and social participation configured through experience reports with a biographical approach. The object is to understand how aging has been experienced by women with an active and social life. Therefore, to contribute to the debate on old age as an object of investigation, we seek to answer the following questions: How do women deal with aging? How do they organize their activities in social and political life? What paths do they take to stay active during the aging process? To answer these questions six elderly women were interviewed who have an active life in politics, holding public offices, managing small and large companies, leading associations and non-governmental organizations among other groups and social institutions. The interviews were semi-structured and aimed to rescue the trajectory of these women, to verify the importance they attach to gender problems and understand how they perceive the experience of aging. Inspired by *escrevivência*, a concept created by the writer Conceição Evaristo, the methodology of this study reports individual experiences that inform about the social experience of the generation of women born between the 1940s and 1960s. Thus, articulating the concepts of gender and generation was essential for the effective dimensioning of these questions. The interlocutors demonstrate that how old age is lived is the result of the choices we make during life and that being on the move and building a conducive value for its trajectory is essential for building a history of active social life. The interlocutors demonstrated that old age is the product of the opportunities and choices they enjoyed during their lives and that the movement and the construction of a conducive value for their trajectory is essential for the construction of a publicly and active life's story.

***Keywords:*** Aging, Experience Reports, Generation and Gender.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>21</b>
<b>O USO DO CONCEITO DE GERAÇÃO EM ESTUDOS SOBRE O ENVELHECIMENTO FEMININO.....</b>	<b>21</b>
1.1 O CONCEITO GERAÇÃO.....	21
1.2 O CONCEITO GÊNERO NOS ESTUDOS GERACIONAIS.....	31
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>42</b>
<b>NARRATIVAS E ESCRIVIVÊNCIAS: O ENCONTRO COM CONCEIÇÃO EVARISTO E ABERTURA DOS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA COM MULHERES IDOSAS.....</b>	<b>42</b>
2.1 A FORMAÇÃO DE UMA LIDERANÇA NEGRA NO BRASIL.....	47
2.2 APROXIMANDO A ESCRIVIVÊNCIA DA ETNOGRAFIA.....	57
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>65</b>
<b>ENVELHECENDO EM MOVIMENTO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS FEMININAS.....</b>	<b>65</b>
3.2 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS FEMININAS.....	74
3.2.1 Lídia.....	74
3.2.2 Raquel.....	75
3.2.3 Fátima.....	76
3.2.4 Elena.....	76
3.2.5 Leonor.....	77
3.2.6 Fernanda.....	78
3.3 OS SIGNIFICADOS DA CONDIÇÃO DE GÊNERO.....	79
3.4 ENVELHECENDO EM MOVIMENTO: DICOTOMIA ENTRE MENTE E CORPO. .....	88
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>102</b>
Quadro 3: mapeamento detalhado de mulheres idosas em posição de liderança nas regiões brasileiras e América Latina.....	102
Quadro 4: perfil geral do mapeamento de mulheres idosas em posição de liderança nas regiões brasileiras e América Latina.....	104
<b>ANEXO 3: Carta Convite.....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO 4: Roteiro de construção de relatos.....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXO 5: Ficha de dados gerais.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXO 6: Roteiro de relato de experiência com abordagem biográfica.....</b>	<b>108</b>
<b>ANEXO 7: Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido.....</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

Este é um estudo antropológico que contribui para o debate sobre a velhice como um objeto de investigação. Busco responder aqui a seguinte indagação: Como as mulheres lidam com o envelhecer? Como organizam suas atuações na vida social e política? E quais caminhos percorrem para se manterem ativas durante o processo do envelhecimento? Para responder essas questões fiz uma pesquisa que recupera memórias e mobiliza experiências que informam sobre a vivência de mulheres brasileiras que enfrentam as transformações sociais intensificadas pelo envelhecimento. Entrevistei seis mulheres, com cerca de 60 e mais anos e que mantiveram uma trajetória de vida pública ativa a frente da militância política, ocupando cargos públicos, gerenciando pequenas e grandes empresas, liderando associações e organizações não governamentais, entre outros grupos e instituições sociais. As entrevistas foram semiestruturadas e as perguntas cumpriam um roteiro que teve por objetivo resgatar a trajetória dessas mulheres, verificar a importância por elas atribuída aos problemas de gênero e como se percebem em uma fase que é considerada como a última do ciclo de vida, a velhice.

Minhas pesquisas no campo dos estudos geracionais, minha participação no grupo de estudos sobre geração e no núcleo de estudos em participação política, bem como minha atuação como estagiária no setor responsável pelas políticas de juventude em Maringá, com pesquisas de iniciação científica na área de juventude, me levaram a construção de um objeto que relaciona gênero, envelhecimento e participação social e política. Como parte considerável da bibliografia contemporânea vem mostrando (DOURADO, Simone P. C.; ALMEIDA, Carla C., 2014; SILVA, Daiany C.; LIMA, Jaqueline. I.; DOURADO, Simone. P. C., 2018; SILVA, Daiany C. 2017), o acelerado processo de envelhecimento da população brasileira exige que as questões geracionais sejam pensadas a partir do envelhecimento e que mesmo a juventude passe a ser refletida diante dessa nova perspectiva: sua preparação para a chegada da velhice.

Nesse sentido, pensar sobre o envelhecimento é para mim um exercício constante, principalmente quando se trata do envelhecimento feminino pois, em certa medida, pensar sobre o envelhecer de uma geração de mulheres é refletir sobre quais perspectivas a nossa geração de mulheres irá se deparar. Dessa forma, o protagonismo de mulheres idosas que conseguem construir e manter uma a atividade da vida pública em uma sociedade que trata a velhice como fase de perdas e custos (DEBERT, Guita, 1994; MOTTA, Alda B., 2010) é o objeto desta investigação.

Há uns três anos, no caminho de volta para casa, por volta das cinco da tarde, sob um sol ardente de primavera, o ponto de ônibus estava lotado de senhoras arrumadas que conversavam alegremente. Acho que era dia de baile em algum clube da terceira idade na cidade, uma daquelas senhoras me chamou muita atenção, usando um vestido curto, salto alto e maquiagem, ela aparentava ter por volta de sessenta/setenta anos de idade, vestida para uma balada noturna sob o calor escaldante do meio da tarde, ela demonstrava entusiasmo em suas conversas, entre relatos sobre os cuidados dos netos e atritos familiares, ela contava sobre suas paqueras em conversas no celular e sua corrida vida cotidiana cercada de assuntos que demandavam soluções urgentes.

Eu ouvia atentamente cada palavra que aquela mulher dizia, tudo era dito energicamente, seguido por risos estridentes. Ela devia sentir dez vezes mais vigor do que eu sentiria naquele dia. Nesse momento percebi que estava diante de uma mulher que questionava toda a conduta que eu havia convencionado sobre mulheres idosas, o que eu acreditava que estaria distante das mulheres de mais idade, como a vida social ativa, os relacionamentos e as festas, era muito presente e vivo nela, e a velhice tão pouco se mostrava ali como sinônimo de solidão e tristeza.

Relatando sobre esse episódio no dia seguinte com meus colegas de trabalho, logo uma mulher que morava no bairro desconfiou sobre quem eu falava, era sobre aquela “velha animada” disse ela, e então, eu descrevi seus traços físicos e coincidiu com todas as características da “velha animada”, a sua vizinha. Questionei sobre o por quê dela ser conhecida dessa forma, e assim disse ela: “ela é namoradeira e festeira, todos do bairro conhecem sua fama”.

Vale destacar que nesse período eu trabalhava na Assessoria da Juventude, órgão responsável por implementar e construir políticas públicas para a população jovem no município de Maringá. Permaneci como estagiária nesse órgão entre os anos de 2015 e 2017, pesquisando sobre a participação política da juventude, por esse motivo eu havia me aproximado dos estudos geracionais, no entanto, por também me interessar pelos estudos de gênero e me descobrir feminista durante o meu processo de formação nas Ciências Sociais, cada vez mais abri o meu olhar para articular as questões de gênero e geração.

Ao conhecer uma mulher de mais idade cuja presença se torna relevante e referencial de ânimo ao envelhecer, a “velha animada” me provocou uma reflexão mais atenta sobre como lidar com o envelhecimento de mulheres.

A “velha animada” era referência de uma mulher que mesmo idosa buscava movimentar a sua vida com namoros, festas e, enfim, uma vida social ativa. Ser animada me parecia, nesse caso, relativo a demonstrar vivacidade, algo que era visível na figura daquela mulher e imprevisto na vivência do envelhecimento, pelo menos na visão de uma jovem na faixa dos 20 anos como eu.

Tendo em vista as provocações que aquele episódio impeliu e incentivada por leituras que recentemente havia feito sobre envelhecimento, comecei a me questionar sobre o alcance que os estudos de gênero teriam ao tratar de questões geracionais. Pois, ao ouvir inúmeras conversas de mulheres de mais idade que iriam a bailes diurnos, ou as que ainda eram trabalhadoras, nos pontos e bancos de ônibus, pude perceber que o envelhecimento de uma mulher é permeado por muitas nuances, muitas além das que consensualmente nos acostumamos a acreditar.

A “velha animada” vive em um fluxo dinâmico, com atividades sociais intensificadas por uma vida pública visivelmente ativa, claro que com características específicas do processo do envelhecimento, o que não significa inércia ou passividade. A sua vivência social informa sobre a experiência de uma mulher que envelhece em sociedade. Se documentadas e analisadas as conversas que ouvi nesse pequeno episódio, seria possível destacar temas como sexualidade, instituição familiar, socialização, divisão sexual do trabalho, entre outros.

Diante disso, me interessei sobre quais seriam os condicionantes para a existência de “velhas animadas”. O sentido desse animar a vida poderia ser compreendido de muitas maneiras, no entanto, a maneira que me saltou aos olhos ao pensar sobre essa temática é compreender o envelhecimento como um processo que se constrói de maneira dinâmica diante do curso da vida, ou seja, uma “velha animada” poderia decidir se recolher em casa e tomar todo o seu tempo com os cuidados da família, alternativa que me parecia ser a mais comum até então, no entanto, para as “velhas animadas” talvez, se abster da vida social nunca tenha sido uma opção e essa história da idosa que observei no ponto de ônibus colaborou para a definição de meu objeto empírico de pesquisa: mulheres idosas que atuam política e socialmente em diferentes campos. Busquei compreender então, como se estabelece a relação entre a vida pública e o processo do envelhecimento e como as mulheres lidam com o envelhecer e a atuação na vida social e política. Para responder a essas questões, um diálogo com as “velhas animadas” foi iniciado e para fazê-lo possível duas categorias foram alinhadas no processo de análise: gênero e geração.

Tendo em vista o envelhecimento como norteador desta pesquisa, é preciso atentar-se para as características do envelhecimento da população brasileira. Na segunda metade do século XX é possível perceber uma ascendência, em sete décadas, da longevidade dos brasileiros. Dentre os três fatores destacados nesse fenômeno: mortalidade, fecundidade e nupcialidade, as relações de gênero constituem o principal eixo de transformações demográficas. A emergência do feminismo, bandeiras libertárias sobre sexualidade, a maior participação de mulheres no mercado de trabalho, dentre outras questões políticas arrebataram as gerações do pós-guerra. Novos valores e práticas seguem afrontando conceitos e criando oportunidades para a experimentação social à medida que avançamos no século XXI (OLIVEIRA, Maria C.; VIEIRA, Joice M.; MARCONDES, Glaucia S., 2015).

Esse é um contexto em que se percebe que questões geracionais estão articuladas diretamente com as questões de gênero, pois, a renovação dos valores socioculturais e políticos revelam a relação entre essas duas situações sociais. Nesse sentido, mudanças no comportamento populacional impõe novos movimentos sociodemográficos, reconfigurações na estrutura social e transformações geracionais.

Apresenta-se como exemplo disso o que se apreende nas séries históricas dos censos demográficos dos últimos cinquenta anos no Brasil, nas quais se percebem mudanças significativas na estrutura social da população brasileira e apesar da manutenção das desigualdades sociais, o aumento da escolaridade e a grande presença de mulheres no mercado formal de trabalho se mostram como indicativos de transformações societárias de grande relevância, principalmente se compararmos as taxas de fecundidade entre diferentes gerações. Mais especificamente entre as gerações da década de 1970 e do início do século XXI, geração de 2010.

A taxa de fecundidade feminina em 1970 era em média de 3,2 filhos para as trabalhadoras e 6,7 filhos para as que não trabalhavam formalmente. Em 2010 houve um visível declínio em que 1,6 foi a taxa de fecundidade para as trabalhadoras e 2,6 para as que não trabalhavam formalmente (OLIVEIRA, Maria C.; VIEIRA, Joice M.; MARCONDES, Glaucia S., 2015). Esses dados nos revelam um percurso demográfico de baixa na fecundidade feminina, o que apresenta reais implicações na vida social, principalmente no que se refere a ocupação de postos de trabalho formal.

Se considerarmos o conjunto de decisões que compõe o comportamento de determinada coorte etária, perceberemos a diferença geracional entre as mulheres de 1970 e



2010. Na década de 1970 assumir um papel de mantenedora da vida privada tenderia a ser um destino comum para as mulheres dessa geração, portanto, o atendimento dessa expectativa se solidifica na escolha, ou imposição, de ter muitos filhos. Ao passo que a geração de mulheres brasileiras em 2010 apresentam uma menor tendência de atender essa expectativa, ao ter menos filhos ou não tê-los. Esse percurso demográfico se justificaria pelas fissuras estabelecidas no modo tradicional do comportamento feminino.

Percebe-se nesse comparativo que as tendências de comportamento dos grupos geracionais é engajada em uma postura que conecta mulheres em padrões e institui uma situação social comum, influenciando as suas escolhas e condutas durante o curso da vida. Portanto, visualizamos, nesse contexto, trânsitos geracionais e especificidades de gênero.

Os estudos demográficos nos indicam ainda que o comportamento populacional feminino possui uma influência significativa nas coortes etárias, poderíamos afirmar que, ao se tratar do processo de envelhecimento, elas também são protagonistas, em razão de sua superior expectativa de vida em relação aos homens, principalmente se destacamos faixas etárias mais avançadas. Segundo estimativas de 2015 a 2020 na América Latina, a esperança média de vida após os 60 anos é de 20,6 anos no caso dos homens e 23,9 anos para as mulheres (CEPAL, 2017, p.22). Denominamos esse fenômeno, que se refere a maior longevidade de mulheres, de feminização da velhice.

Ao considerar que a velhice tenha sido feminizada no decorrer dos anos e que as mulheres tenham apresentado uma maior independência na tomada de decisões, torna-se passível que mulheres se sintam mais livres no direcionamento de suas vidas, contexto possibilitador para a existência das “velhas animadas”. No entanto, embora as mudanças do comportamento populacional feminino tenham instituído novos movimentos sociodemográficos e reconfigurações na estrutura social, o acesso à renda continua a ser desigual para as mulheres.

Segundo os dados da previdência social brasileira (AEPS, 2016). em 2016 o valor médio dos benefícios urbanos concedidos a pessoas do sexo masculino é 24,3% maior que o do sexo feminino, situação que é recorrente para mulheres em toda região latino-americana. Observe-se que, 27% das mulheres com 60 anos ou mais que viviam nas zonas urbanas e 30% das que viviam nas zonas rurais não recebiam renda própria na região, em 2010, resultado da grande proporção de mulheres dedicadas ao trabalho privado, aos cuidados domésticos e ocupadas no mercado informal de trabalho (CEPAL, 2012).

É possível afirmar que, apesar da maior expectativa de vida, viver mais não é sinônimo de um bom envelhecimento feminino, pois, de fato elas ocupam uma posição desigual na tessitura social, principalmente se considerarmos que mulheres enfrentam maiores dificuldades na sua inserção na vida pública, dado as desigualdades na divisão sexual do trabalho e na dificuldade de sua integração nos sistemas de proteção social (CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza, 2007). No entanto, o aumento da longevidade feminina ainda se apresenta como indicativo de uma melhora nas condições de vida e calcular esses ganhos é uma boa alternativa para visualizar os caminhos percorridos pelas gerações coexistentes na atualidade.

Minha intenção ao apresentar esses indicadores demográficos é situar a interferência que modificações comportamentais, de uma dada população, provocam na organização social, principalmente quando são considerados os recortes das duas situações sociais em questão: gênero e geração.

Toma-se o conceito de gênero como um referencial de análise que possibilita a compreensão da estrutura de poder que estabelece desigualdades baseadas na sexualização. Essa estrutura não é fixa ou rígida, ela é difusa e inter-relaciona esferas como a economia e a herança cultural. Dado que o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e que primariamente é uma forma de significar as relações de poder, portanto, as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder (SCOTT, Joan Wallach, 1990, p.86).

É possível observar, nos dados indicados anteriormente, que uma maior inserção de mulheres no mercado de trabalho formal promove fissuras nas estruturas de poder, possibilitando a melhora nas condições de vida e promovendo uma menor desigualdade entre os gêneros.

Além disso, se faz necessário considerar o uso inter-relacionado dos conceitos de gênero e geração para visualizar a localização social da concentração de poder, seus percursos e modificações no tempo histórico.

Pertencer a uma geração, portanto, significa que há compartilhamento de um conjunto de fatores: transmissão da herança cultural entre diferentes coortes etárias, renovação de atores sociais e políticos e a reinvenção dos códigos sociais. Portanto, um grupo geracional não se constitui como um grupo concreto em que seus membros são interdependentes, e sim como uma estrutura que conecta grupos de pessoas com características específicas e que

compartilham de um tempo histórico com valores culturais e sociais específicos de seu contexto social.

Apesar do amadurecimento humano em suas diferentes fases: infância, juventude e envelhecimento, geralmente, ser compreendido por seus fatores biológicos, a estrutura geracional não se deve exclusivamente a um fenômeno biológico, pois, em seu processo de formação coexistem elementos da esfera social, cultural e comportamental dos agentes sociais.

Para que a nossa sociedade fosse apresentada da forma como a conhecemos atualmente, muitos movimentos sociais e intelectuais foram necessários para a transformação e desenvolvimento da nossa história e dinâmica social. Essa realidade só é possível na medida em que há uma renovação dos agentes nos processos sociais e da nossa herança cultural que é transmitida, reinventada e ressignificada (MANNHEIM, 1982), o que significa que o movimento necessário para o desenvolvimento social se baseia na manutenção de elementos culturais que ainda são úteis para o meio social e o descarte de elementos dispensáveis no processo de transformação. As mudanças promovidas por diferentes gerações é que constituem essa dinâmica, sem esse movimento precisaríamos desenvolver a capacidade de nos esquecer das heranças culturais que acumulamos para proporcionar uma melhor adaptação ao meio social, caso contrário viveríamos constantes atritos entre os novos e antigos agentes da sociedade.

A renovação de atores sociais, a reinvenção de códigos e valores proporcionam uma formação social que relaciona o tempo histórico com o tempo biológico, ou seja, o morrer, nascer e viver são mediados biologicamente, em paralelo com as construções culturais que determinam como se vive, nasce e morre em um dado contexto social do tempo histórico.

Tomamos como exemplo disso as fases da vida, especificamente a que tratamos neste estudo, a velhice. Como categoria natural e social o envelhecimento é cronologicamente determinado, considera-se idoso a pessoa com 60 e mais anos de idade, tal como afirma a legislação brasileira (Lei N°10/2003), no entanto, muitos estudos antropológicos já demonstraram que o envelhecimento, bem como as outras fases da vida, é significado simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades (DEBERT, Guita, 1998, p. 9).

Nas sociedades contemporâneas considera-se como rituais de periodização da vida, etapas como a escolarização ou a entrada e saída do mercado de trabalho, que influenciam diretamente na forma como se vivencia a velhice, por exemplo. O envelhecer é permeado por construções culturais, históricas e de organização social.

Nesse sentido, além de considerar que as fases da vida não são exclusivamente determinadas por fatores naturais, é preciso compreender que a condição social de uma geração é atravessada pela coexistência de grupos geracionais, constituídos de especificidades distintas, ou seja, em um recorte geracional há a articulação de deferentes situações sociais como classe e raça, que por sua vez, complexificam e dinamizam a vida (MOTTA, Alda B., 2010, p.243). Desse modo, compreender o envelhecimento, principalmente o envelhecimento de mulheres, somente é possível se percebemos a inter-relação dessas diferentes situações sociais e considerá-las no desenvolvimento do curso da vida. Os estudos geracionais, portanto, precisam estar atentos aos movimentos dinamizadores dos processos sociais.

Tendo em vista essa perspectiva, esta dissertação propõe uma discussão sobre a relação entre essas conceituações de gênero e geração, por meio do uso das narrativas de trajetórias de vida, para estabelecer um diálogo com aquelas “velhas animadas”, que ao animar a vida se movimentam construindo histórias bem demarcadas pelos processos sociais. Portanto, estarão presentes aqui relatos de experiências femininas que nos mostram os movimentos dinâmicos das relações humanas e estruturas sociais durante o curso da vida.

Com o intuito de recuperar memórias e tomar contato com experiências que informem sobre a vivência das mulheres brasileiras que pertencem a uma geração que enfrentou transformações sociais e vive suas intensificações no processo do envelhecimento, realizei seis entrevistas semiestruturadas, de abordagem biográfica, com mulheres de 60 e mais anos de idade, que mantiveram uma vida pública ativa a frente da militância política, ocupando cargos públicos, gerenciando pequenas e grandes empresas, liderando associações e organizações não governamentais, entre outros grupos e instituições sociais.

Para tanto, propõe-se a seguinte ordem de apresentação deste texto, que é composto por esta Introdução, capítulo 1, intitulado “O uso do conceito de geração em estudos sobre envelhecimento feminino”, em que se discute o conceito sociológico de geração, cunhado pelo sociólogo Karl Mannheim, articulando os estudos geracionais ao conceito de gênero. Seguido do capítulo 2, “Narrativas e Escrevivências: o encontro com Conceição Evaristo e abertura dos caminhos metodológicos da pesquisa com mulheres idosas”, em que relato uma

experiência de campo que determinou os caminhos metodológicos deste estudo, incorporando a concepção de escrevivência da escritora Conceição Evaristo como ferramenta de escrita etnográfica. E Capítulo 3, homônimo ao título da pesquisa “Envelhecendo em movimento: relatos de experiências femininas”, no qual apresento uma descrição detalhada do campo de pesquisa, os diferentes espaços e percursos etnográficos desenvolvidos e análises das entrevistas realizadas, dimensionando as concepções de vida pública das mulheres entrevistadas e suas perspectivas sobre o envelhecimento feminino. E, por último, a Conclusão, que contém as considerações finais desta dissertação, demonstrando como este trabalho apresenta experiências e pressupostos teóricos e metodológicos que versam sobre questões geracionais e de gênero.

## **CAPÍTULO 1**

### **O USO DO CONCEITO DE GERAÇÃO EM ESTUDOS SOBRE O ENVELHECIMENTO FEMININO**

Como demonstro no decorrer deste capítulo, há, como destaca Wivian Weller (2010), uma atualidade no uso do conceito de geração como ferramenta analítica que proporciona um olhar sociológico que situa pesquisadores, agentes de pesquisa e objeto em suas localizações históricas, sociais e culturais. Ao definir a participação na vida pública de mulheres idosas como meu tema central de pesquisa, busquei um embricamento das duas categorias que, sob a minha perspectiva, melhor representam o movimento dinâmico de uma sociedade, suas mudanças e transições, essas categorias são: geração e gênero.

A compreensão dos movimentos geracionais serve para dimensionar como a experiência social de mulheres é atravessada por múltiplas estruturas, que são constituídas, também, pelos trânsitos das gerações, sobretudo, apresenta-se, a partir dessa compreensão, as alternativas que mulheres de toda uma geração desenvolvem para lidar com esses atravessamentos.

Vale destacar que o uso do conceito de geração para o estudo da periodização da vida é uma tentativa de apresentar soluções de análise que nos livrem das armadilhas comuns aos estudos geracionais, que esbarram em categorizações universais baseadas em pressupostos biológicos, apresentam a velhice ou a juventude como problemas sociais a serem resolvidos sob tutela, como geralmente se coloca a prática de políticas públicas para essas faixas etárias, ou se baseiam em um discurso científico especializado, viciado em temas institucionalizados como temas de velhos e temas de jovens (DEBERT, Guita, 1998).

#### **1.1 O CONCEITO GERAÇÃO**

Cunhado pelo sociólogo Karl Mannheim, o conceito geração está presente em seu trabalho intitulado “O problema sociológico das Gerações”. O autor, além de ser um pioneiro dos estudos geracionais é, também, uma importante referência para discussões metodológicas sobre a técnica de pesquisa qualitativa. Como uma das suas principais contribuições nesse campo, está a criação do método documentário de interpretação, que consiste na compreensão dos espaços sociais e das visões de mundo de um determinado grupo, por meio da série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura, que por sua vez constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos (WELLER,

Wivian, 2005, p. 262), o que significa que o sociólogo contribuiu para o desenvolvimento de um método de análise da ação e/ou das práticas cotidianas (WELLER, Wivian, 2005, p. 267).

O surgimento da sociologia da juventude liga-se, também, fortemente as contribuições desse autor (WELLER, 2007), que demonstra como a questão geracional é pertinente para o estudo dos movimentos de transformação social. E a juventude, por ser essa fase da vida em que se sente com maior ímpeto essa colisão entre as discontinuidades históricas e, portanto, suas mudanças (FEIXA e LECCARDI, Carmen, 2010), torna-se um objeto de estudo fortuito as ciências sociais.

Como a juventude pode contribuir em nossa sociedade? Esse é um dos questionamentos norteadores da temática juventude nos estudos das Ciências Sociais, que são influenciados pelas reflexões de Karl Mannheim. O sociólogo, mais conhecido por suas contribuições na Sociologia do Conhecimento, apresentando as correntes teóricas e intelectuais como produto da realidade do grupo social subjacente a trajetória dos autores (MANNHEIM, 1967), pensa a juventude como uma reserva latente que nossa sociedade possui, cuja a potencialidade de ação é explorada de acordo com suas necessidades. A pessoa jovem e adolescente não está totalmente imersa nos conflitos sociais, e portanto, sente uma certa “desvinculação” (IANNI, 1963, p.160) dos processos sociais em curso, conseqüentemente a juventude pode apresentar uma força criadora (MANNHEIM, 1961, p.41) de capacidade transformadora, sendo, em grande medida, sua a responsabilidade de reordenação da ordem social, no que se refere a pautar novas dinâmicas culturais e mobilizar movimentos contestatórios.

As discussões da sociologia da juventude tem mobilizado debates teóricos sobre a atualidade do conceito de geração nas Ciências Sociais, que propõe uma dimensão do pensamento de Mannheim que pretende construir uma esfera intermediária nas análises sociais, em que o problema das gerações não se situa no campo macro e tampouco microsociológico. Mannheim apresenta em seu ensaio sobre o problema das gerações uma proposta de superação da oposição existente entre objetivismo e subjetivismo (WELLER, Wivian, 2010).

Publicado originalmente em 1928, o trabalho de Mannheim que conceitua geração demonstra que há um problema sociológico das gerações que precisa ser analisado, pois, segundo o autor, a formação das gerações possuem características estruturais para a organização social e, portanto, colabora para o condicionamento do comportamento humano

em sociedade. Dessa maneira, compreender sociologicamente as gerações possibilita visualizar os caminhos percorridos pela humanidade durante o desenvolvimento social.

Mannheim (1982) propõe que o problema sociológico das gerações se constitua por três ramificações: posição geracional, conexão geracional e unidade geracional. Essas três categorias nos permite conhecer como diversos condicionantes, como diferenças regionais, de classe, raça, gênero e etnia, complexificam a formação geracional e a dinamizam, ou seja, agrega-se ao tempo histórico, fatores sociais.

A posição geracional trata-se do compartilhamento de um destino comum marcado pelo tempo histórico e as condições culturais, esses dois elementos demarcam a formação de um grupo geracional.

Para se participar da mesma posição geracional, isto é, para que seja possível a submissão passiva ou o uso ativo das vantagens e dos privilégios inerentes a uma situação de geração, é preciso nascer dentro da mesma região histórica e cultural (MANNHEIM, 1982, p. 85-86). Mais do que nascer em um período cronológico específico, como, por exemplo: pessoas que nasceram entre as décadas de 1940 e 1960, esse período deve fornecer um contexto histórico e cultural que agregue essas pessoas em posição social comum, marcos políticos, características culturais específicas, entre outros elementos que moldem uma região histórica e cultural bem estabelecida.

Esse terreno, que possibilita o surgimento de uma posição geracional, é de caráter potencial, pois, são as forças sociais que a solidificam ou a neutralizam em meio aos processos em curso. O que define a posição geracional não é um estoque de experiências comuns acumuladas de fato por um grupo de indivíduos, mas a possibilidade ou “potencialidade” de poder vir a adquiri-las (WELLER, Wivian, 2010, p. 214). Essa potencialidade é determinada pelo compartilhamento do tempo histórico e de heranças culturais.

A posição geracional demarca a formação de uma geração como grupo social e potencializa uma maneira de ser, agir e pensar em comum entre as pessoas pertencentes a esse grupo, no entanto, não há um padrão de comportamento específico e atemporal para cada geração, todo e qualquer destino que uma geração toma é dependente das condições que o meio social impele.

Determinante para a coesão social de um grupo geracional, a conexão geracional estabelece concretamente um vínculo entre as pessoas que compartilham a mesma geração e



as possibilita uma experiência comum. Em algumas traduções, como a de Marialice M. Foracchi (1982) a conexão se refere a “geração enquanto realidade”, ou seja, a conexão geracional exige mais do que o compartilhamento de uma tal região histórica e social, um nexos mais concreto é necessário para que a geração se constitua como uma realidade. Esse nexos adicional pode ser descrito como a participação no destino comum dessa unidade histórica e social (MANNHEIM, 1982, p. 85-86).

Não basta, portanto, nascer em um determinado período para estar conectado geracionalmente, mas, a conexão surge por meio da adesão as possibilidades impostas pelos processos em curso, o que significa que o grupo de pessoas nascidas entre as décadas de 1940 e 1960, por exemplo, ao compartilhar determinadas tendências comportamentais, maneiras de agir, ser e pensar, configurados de acordo com as forças sociais em que estão imersos, conectam-se geracionalmente, pois aderem as possibilidades de possuir uma experiência comum do tempo histórico em que vivem, possibilidades estas que são emergentes da sua posição geracional. No entanto, é possível haver diversas perspectivas dentro deste grupo, condicionadas pela condição de classe, cor, gênero, orientação sexual, entre outros, essa diversidade de perspectivas forma as unidades de geração.

A unidade geracional pode se constituir por um grupo de pessoas, nascidas no mesmo tempo histórico e pertencentes a mesma conexão geracional, mas, que compartilham experiências e estilos de vida peculiares, desse modo, cria-se uma unidade geracional que coexiste a outras unidades de gerações com perspectivas específicas.

(...) a mera “situação” comum em uma geração é de uma significação apenas potencial, uma geração enquanto uma realidade é constituída quando contemporâneos similarmente “situados” participam de um destino comum e das ideias e conceitos de algum modo vinculados ao seu desdobramento. Dentro dessa comunidade de pessoas com um destino comum podem então surgir unidades de geração particulares. Elas se caracterizam pelo fato de que não envolvem apenas a livre participação de vários indivíduos em um padrão de acontecimentos compartilhando igualmente por todos (embora interpretado diferentemente por indivíduos diferentes), mas também uma identidade de reações, uma certa afinidade o modo pelo qual se relacionam com suas experiências comuns e são formadas por elas. (MANNHEIM, 1982, p.89)

Podemos exemplificar essas nuances do conceito de geração da seguinte maneira: há uma conexão geracional, entre pessoas que nasceram entre as décadas de 1940 e 1960, representada pela adesão de experiências comuns que são potencializadas pelo contexto que a posição geracional oferece, e diferentes unidades de geração com relação a mulheres e homens dessa geração, que podem se subdividir em outras pequenas unidades de geração dentre a perspectiva de gênero das mulheres, por exemplo, formando diferentes unidades

geracionais para mulheres brancas ou negras de classe alta, mulheres trabalhadoras brancas ou negras, mulheres com alta escolaridade, as que integram o mercado de trabalho ou não, mulheres indígenas, imigrantes, latinas e afroamericanas. Cada situação social define uma diferente perspectiva e, portanto, forma uma unidade de geração, que ainda está conectada com relação a realidade compartilhada, de estilo de vida e gostos que essa geração desenvolve, mas que possui diferentes significados para essa condição.

Mannheim (1982), ao criar essa dimensão de unidade geracional reconhece a existência de diferentes perspectivas dentre os grupos humanos, nesse sentido, demonstra que não se pode lidar uniformemente com questões sociais.

É possível perceber que o autor conceitua geração como uma estrutura complexa que agrega diversos condicionantes sociais, nesse sentido, fazer parte de uma geração é compartilhar de uma mesma situação social que conecta perspectivas e vivências distintas. Se, como é o caso deste estudo, consideramos a categoria gênero ao estudar o envelhecimento populacional, perceberemos que a situação geracional de uma pessoa idosa é um fato potencial para determinadas tendências de comportamento, mas a coesão de um comportamento comum depende das condições sociais e históricas para se firmar, portanto, o gênero com que as pessoas dessa geração se identificam é um condicionante importante, pois, essa condição é significada por construções sociais e históricas.

Nesse sentido, a conexão geracional estabelece uma forma de agir específica para homens e mulheres de uma dada situação social, todavia, o ser mulher unifica um grupo de pessoas com uma perspectiva específica, a classe que essa mulher pertence, a cor que possui e o lugar onde vive, determinam de maneiras distintas suas vivências, o que configura diferentes unidades geracionais. Isso significa que a condição de gênero promove a formação de uma grande unidade geracional que engloba outras condições sociais vivenciadas pelas mulheres.

Diante do exposto, acredito ser possível destacar que uma das grandes vantagens que o conceito de geração proporciona é o dimensionamento da diversidade de vivências, que podem ser antagônicas, o que possibilita visualizar interações sociais peculiares e distancia a fixidez do olhar de quem busca compreender as relações sociais dos grupos geracionais. Isto é, percebe-se na dinâmica dos movimentos societários a inexistência de estruturas rígidas.

Desse modo, o conceito de geração traz a compreensão de que a sociedade é parte de um construto coletivo que não se apresenta como uma realidade imediata submetida a

comandos exteriores de forma passiva e receptiva. Isso significa que a formação de uma sociedade compreende movimentos de interação entre os agentes sociais, esses movimentos se materializam em um conjunto de eventos que apenas são possíveis a partir da produção de seres individuais que compartilham experiências em comum.

A capacidade de intervenção humana na realidade possibilita, portanto, a criação de trânsitos dinâmicos na vida em sociedade, se considerarmos esses trânsitos em suas individualidades de vivência perceberemos a sua potencialidade criadora e ativa nos arranjos do desenvolvimento social.

Essa perspectiva reconhece que as pessoas, em suas individualidades, ligam-se umas as outras em sua pluralidade, pois, a sociedade é um complexo plural. Cada um tem um papel, e todas as decisões tomadas possuem funções interligadas que influenciam em diversas trajetórias. Tal como afirma Norbet Elias em “Sociedade dos Indivíduos” (1994):

Numa palavra, cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependente de outrem e tornaram outros dependentes dela. Ela vive, e viveu desde pequena, numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita; vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal. (ELIAS, 1994, p. 19)

Esse trecho do texto de Elias (1994), nos impele a refletir sobre as relações de interdependência que cada vivência individual possui, isso significa que, embora haja muitas dimensões na vida em sociedade e elas possuam peculiaridades entre si, não se deve analisá-las separadamente. Se consideramos que individualmente cada pessoa, segundo a sua situação e posição social, possui uma função indispensável nas relações sociais, podemos utilizar meios de análise que coadunam as diferentes perspectivas individuais.

Dessa maneira, compreender os percursos cotidianos das pessoas é uma forma de visualizar como as ações individuais tornam-se decisivas no estabelecimento das estruturas sociais. Simmel (2006;1979), propõe uma sociologia que observa esses trânsitos individuais e compreende como cada pessoa torna-se agente ativo e interventor na realidade social.

Sob essa perspectiva, acredito ser possível uma aproximação de autores como Mannheim, Simmel e Elias, pois, todos apresentam uma perspectiva sociológica que considera a diversidade de situações sociais e sua relação com os percursos individuais. Os autores colaboram para se pensar o estudo do envelhecimento, principalmente no que se

refere a pesquisas que utilizam relatos de trajetórias de vida como meio de análise. Como é o caso deste estudo.

Quem vive o processo do envelhecimento, além de viver determinações e marcos culturais e históricos muito bem situados por sua condição geracional (BOSI, Ecléia, 1994), possui um tempo em sua biografia que pode ser capaz de apontar como uma trajetória é ao mesmo tempo parte da história e a constitui por si mesmo (BARROS, Myriam M. L., 2006, p. 111), sob a intervenção de suas próprias vivências do dia a dia. Nesse sentido, autores que consideram os antagonismos da vida cotidiana, apresentam pressupostos analíticos que despertam uma maior atenção as peculiaridades da vivência social.

No que se refere a Simmel (2006), o autor compreende como problema sociológico o quadro analítico que é composto por investigações que interpretam as relações sociais estabelecidas pelo que o sociólogo denomina como *sociação*. A *sociação* consiste em toda e qualquer forma de interação que haja reciprocidade entre as pessoas.

O autor entende que a individualidade humana concebe a existência social, portanto, compreender as individualidades nos permite visualizar as *sociedades* e dimensionar o meio social. Nessa perspectiva, Simmel afirma que o conceito de “indivíduo” é um objeto de vivência (SIMMEL, 2006, p. 12), o que significa que a observação das vivências cotidianas e as relações estabelecidas entre diferentes agentes podem nos revelar a uma síntese dos construtos estruturantes na realidade social.

Essa realidade social é tida como objeto da sociologia para Simmel (2006). pois, é por meio de categorizações mediadas por ela que se constrói o conhecimento científico. Dessa maneira, analisar as *sociedades* passa por estabelecer um caminho investigativo que persegue o momento de estabelecimento das interações humanas e isso só é possível se estamos atentos aos percursos individuais.

É possível indicar, portanto, que o desenvolvimento social é resultado de interações que se concretizam por meio de fluxos contínuos de troca de vivências, compartilhamento da herança cultural, códigos e regras de conduta. Base da construção de sistemas sociais, as interações humanas possuem o papel de agir nas transformações dos processos sociais e na sociedade, cuja a vida se realiza num fluxo incessante, conecta-se as pessoas pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros (SIMMEL, 2006, p.17).

Nesse sentido, a história da humanidade é determinada pelo modo com que as pessoas lidam, individual e coletivamente, com seus dilemas e questões sociais e como elas administram suas interações umas com as outras. A reciprocidade e a troca cotidiana são cruciais para que a ação humana se fortifique como agente do desenvolvimento social, pois, é nesse contexto que se solidificam ou se renovam os códigos sociais. Ao considerar esse movimento, percebe-se que as condições de existência social estão ligadas ao contexto do tempo histórico compartilhado, desse modo, condições temporais são determinantes na forma de materialização da realidade social.

[...] a produção de fenômenos através da vida social, que ainda se dá por meio de dois sentidos. Em primeiro lugar, pela contiguidade de indivíduos que agem uns sobre os outros; assim, o que é produzido em cada um não pode ser somente explicado a partir de si mesmo. Em segundo lugar, por meio da sucessão das gerações, cujas heranças e tradições se misturam indissociavelmente com as características próprias do indivíduo, e agem de modo tal que o ser humano social, diferentemente de toda a vida subumana, não é somente descendente, mas sobretudo herdeiro. (SIMMEL, 2006, p.21)

Simmel (2006) nos mostra que a herança social é o que solidifica o constante ser e fazer da humanidade, é o que possibilita o desenvolvimento social. E assim como discutimos anteriormente, no texto introdutório, sem a constituição geracional, os seres humanos deveriam desenvolver a capacidade de se esquecer de suas heranças culturais para se adaptar as novas construções sociais, ou viveriam constantes atritos entre os novos e antigos agentes sociais (SILVA, Daiany C., 2017, p. 6). Atritos como esses não colaboram para a construção de uma sociedade harmonizada pois, não estabeleceriam um quadro de “evolução” nos processos sociais se considerarmos que os novos agentes sociais não teriam memória nenhuma de organização societária. Nesse sentido, é possível aproximar Mannheim da ideia simmeliana de interação, ou seja, da complexa interação existente entre distintos fatores constitutivos de gerações (WELLER, 2007).

Portanto, a produção da vida social só é possível por meio da interdependência de interações que as pessoas cultivam cotidianamente em diversos níveis do processo social, seja por sua situação geracional, de classe, raça, etnia ou de gênero.

Porém, a diversidade de situações sociais podem causar conflitos na vivência social que não necessariamente são desarmônicos. Na perspectiva de Simmel (2006), o conflito pode ser considerado um elemento de circularidade nos processos sociais, pois, se consideramos o fluxo contínuo de transição das gerações e sua força inovadora, devemos ter em vista o conteúdo conflitivo desse movimento. Uma geração jovem, por exemplo, não recebe

passivamente sua herança social, há contestações nesse processo. No que se refere a isso, Mannheim (1982) destaca cinco fenômenos básicos relacionados a investigação sociológica:

a) novos participantes do processo cultural estão surgindo, enquanto b) antigos participantes daquele processo estão continuamente desaparecendo; c) os membros de qualquer uma das gerações apenas podem participar de uma seção temporalmente limitada do processo histórico, e d) é necessário, portanto, transmitir continuamente a herança cultural acumulada; e) a transição de uma para outra geração é um processo contínuo. (MANNHEIM, 1982, p.74)

O contínuo processo de transição geracional é o que possibilita que a nossa sociedade nos seja apresentada tal como a conhecemos hoje, e para que isso ocorra, vários movimentos sociais e intelectuais transformam e desenvolvem nossa história, esses movimentos foram pautados na dinâmica de surgimento de novas demandas da população e desaparecimentos de velhos agentes sociais. Desta forma, as interações em nível interpessoal da vida cotidiana se conecta com o todo social nesse contexto de movimentação societária.

O desaparecimento de determinados agentes, que possuem sua ação limitada ou totalmente anulada no período histórico, possibilita a renovação e circularidade nos processos sociais. Sobre isso, há quem diga que “alguém tem que morrer para que outra geração avance”<sup>1</sup>, esse pode ser um trecho de uma música de banda independente brasileira ou até mesmo a citação de um filósofo que se perdeu a referência, mas sintetiza muito bem o que Simmel (1983) nos diz sobre o conflito, pois, em nossas interações divergimos até que o outro elemento conflitivo seja dizimado e a unidade seja alcançada.

Assim como o universo precisa de “amor e ódio”, isto é, de forças de atração e de forças de repulsão, para que tenha uma forma qualquer, assim também a sociedade, para alcançar uma determinada configuração, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis. Mas essas discordâncias não são absolutamente meras deficiências sociológicas ou exemplos negativos. Sociedades definidas, verdadeiras, não resultam apenas das forças sociais positivas e apenas na medida em que aqueles fatores negativos não atrapalhem. Esta concepção é resultado de ambas as categorias de interação, que se manifestem desse modo como inteiramente positivas. (SIMMEL, 1983, p.124)

Nesse trecho é possível perceber que o conflito precede a unidade e opera para a sua existência, consiste como unidade, no sentido apresentado por Simmel (1983), a disputa de forças contraditórias que nessa interação sobrepõe-se uma sobre a outra. Nesse sentido, as interações sociais se caracterizam por constantes lutas conflitivas, que embora sejam desgastantes para as relações pessoais, em caráter de abrangência garantem coerência aos grupos sociais.

---

<sup>1</sup>Trecho da música “Herói Devolvido” da banda brasileira de Rock Independente, Vespas Mandarinas.

Considerando essa concepção de Simmel (1983), pode-se afirmar que divergir para convergir é uma possibilidade factual e ao estabelecer esse conflito uma força integradora age sob o grupo. Logo, o antagonismo demarca seu papel positivo. Os trânsitos constituídos no nosso cotidiano, por relações conflitantes entre pessoas que na sua individualidade informam e recriam o espaço da vida social, apontam que o ato de caminhar junto aos agentes sociais é essencial para compreender os percursos que resultaram na composição do contexto social.

O conceito de geração de Mannheim (1982) somado a perspectiva sociológica de Simmel tende a explodir uma fixidez presente em teorias sociológicas superestruturais, pois possibilita análises interseccionais, que articulam diferentes categorizações, em razão de basear-se nas interações e condutas individuais dos agentes sociais e, assim, permite considerar a infinidade de condicionantes socioculturais que estruturam as relações humanas. Compreendendo que o método sociológico, tal como foi formulado por Simmel (2006), é no fundo uma maneira de ver a sociedade, pois, proporciona certa imagem da realidade histórico-cultural (BARBARA, 2014, p.91), os pressupostos do autor proporcionam um meio de expor a realidade social de modo a demonstrar que a vivência humana possui uma real capacidade de intervenção nas estruturas sociais.

Nessa perspectiva, lidar com relatos e histórias de vida é uma maneira de compreender a complexidade das sínteses formuladas por humanos viventes, demonstrando que a vida social não é o cerne da vida humana ela é parte da conexão da natureza com a capacidade criativa das pessoas em sociedade, que deve ser interpretada e deduzida e não tratada como uma fórmula.

Diante disso, é preciso se atentar a relação entre a biografia pessoal e a história coletiva, no que se refere a sua complexidade e contraditoriedade. Assim como afirma Avtar Brah (2006), ao argumentar sobre a questão da diferença na formação da identidade:

Enquanto as identidades pessoais sempre se articulam com a experiência coletiva de um grupo, a especificidade da experiência de vida de uma pessoa esboçada nas minúcias diárias de relações sociais vividas produz trajetórias que não simplesmente espelham a experiência do grupo. De maneira semelhante, identidades coletivas não são redutíveis à soma das experiências individuais. Identidade coletiva é o processo de significação pelo qual experiências comuns em torno de eixos específicos de diferenciação – classe, casta ou religião – são investidas de significados particulares. Nesse sentido, uma dada identidade coletiva parcialmente apaga traços de outras identidades, mas também carrega outros traços delas. Isso quer dizer que uma consciência expandida de uma construção de identidade num dado momento sempre requer uma supressão parcial da memória ou senso subjetivo da heterogeneidade interna de um grupo. (BRAH, Avtar, 2006, p. 371-372)

A socióloga nos chama a atenção para o equívoco de se universalizar experiências individuais ou coletivizar identidades apagando a heterogeneidade existente nos grupos sociais. Essa é uma dimensão importante a ser destacada em estudos que consideram as trajetórias cotidianas e mobilizam teorias como as que discutimos neste capítulo, pois, revela que é preciso haver atenção aos significados específicos mobilizados dentro do objeto investigado.

Acredito que esse movimento é necessário para localizar o papel de quem analisa e propõe interpretações sobre as trajetórias individuais, situando-as no processo social a que pertencem.

Esse argumento pode ser bastante conveniente para os estudos geracionais por permitir que a análise instrumentalize o tratamento dos agentes da investigação como interlocutores de uma realidade, não submetidos a conceitos pré determinados e universalizantes. As técnicas de entrevistas em profundidade e relatos de trajetórias de vida podem contar a história de cada agente social, e por meio desse material compor um quadro analítico coerente a realidade social do tempo histórico que vivenciam. Essa dinâmica é importante para se pensar as gerações em razão de permitir uma composição analítica que permeie múltiplos fatores, atravessados por fluxos contínuos de transição e transformação.

## **1.2 O CONCEITO GÊNERO NOS ESTUDOS GERACIONAIS.**

O trabalho da antropóloga Guita Debert (1998;1999) sobre o envelhecimento contribui para compreender como a significação da periodização da vida é um discurso em disputa. Ao afirmar que há uma reinvenção da velhice a antropóloga possibilita o dimensionamento do envelhecimento como um objeto de pesquisa da antropologia, situado social e culturalmente e não apenas como um demarcador cronológico. A velhice vista não como uma abstração porque as pessoas não são abstratas, o envelhecimento é uma realidade vivenciada por pessoas com suas histórias de vida singulares (GONÇALVES, Marlene, 2002, p. 182).

Diante dessa perspectiva, os pressupostos sobre os diferentes grupos geracionais, principalmente o de pessoas de mais idade, não devem ser baseados em conceitos abstratos, pois, eles não colaboram para a construção de um conhecimento científico que considera a ação humana em suas peculiaridades do movimento geracional. Dessa maneira, tratar o problema sociológico das gerações da maneira proposta por Mannheim (1982) proporciona uma maior aproximação do conhecimento científico com a realidade, o que conduz ao



cumprimento da proposta de Simmel: não negar que nossa produção acadêmica também é produto das estruturas sociais (SIMMEL, 2006).

Tendo em vista esse olhar sociológico, delimitei neste capítulo uma perspectiva teórico metodológica para se pensar as questões do envelhecimento feminino, em uma tentativa de alcançar uma dimensão da análise mannheimiana das gerações que, tal como aponta Wivian Weller (2010), busca não apenas contribuir como uma metodologia de análise social, mas superar as dicotomias das análises existentes:

Mannheim nos convida a repensar a construção de instrumentos analíticos capazes de mapear e dar forma à singularidade de experiências concretas, que carecem de uma análise teórica. Em outras palavras, sua perspectiva não representa apenas uma contribuição teórica para os estudos sobre gerações, mas também uma proposta teórico-metodológica de pesquisa, capaz de superar as dimensões binárias presentes em algumas correntes teórico-metodológicas. (WELLER, Wivian, 2010, p.220)

Segundo o argumento da socióloga a contribuição metodológica do conceito geração de Mannheim (1982) coloca-se como um desafio de encontrar quem são as pessoas que expressam as experiências sociais concretamente, representando a multiplicidade de singularidades que habitam a vida em sociedade.

Considerando que as mulheres vivenciam boa parte dessas multiplicidades, demarcada pela situação de gênero, que é produto de processos políticos determinados por vários atores e várias significações que estão em constante conflito para delimitar as instâncias de poder (SCOOT, Joan, 1990), é possível visualizar nos relatos de vida delas, os trânsitos desses diferentes atores e significações, que agregam as suas trajetórias uma multiplicidade de fatores que possibilitam um melhor manuseio dessa concepção teórica.

Não posso afirmar que é apenas ao estudar questões relacionadas a condição de gênero das mulheres, que vivenciam estruturas geracionais determinadas, que o uso do conceito de geração é fortuito, mas, apresento aqui uma proposta de articulação dessas duas categorias por acreditar que elas possibilitam um melhor dimensionamento metodológico para o estudo geracional, pelo menos no caso deste objeto de estudo.

Pois, como já apontamos no texto introdutório, este é um estudo antropológico que contribui para o debate sobre a velhice como um objeto de investigação, tal como proposto por Guita Debert (1999), o que significa que ao buscar dimensionar como as mulheres lidam com o envelhecer e a atuação na vida social e política pretendo conhecer os caminhos percorridos por elas para se manterem ativas durante o processo do envelhecimento e esse

movimento da questão de pesquisa se constitui como desenho metodológico do uso do conceito de geração.

Tendo em vista, portanto, que além do recorte geracional há aqui a presença do recorte de gênero devo demonstrar em que medida a concepção de gênero pode ser articulada ao conceito de geração apresentado.

A teoria feminista não só avançou no debate sobre os direitos políticos e sociais das mulheres como contribuiu para o entendimento das questões de identidade que influenciaram significativamente no modo com que as gerações da atualidade vivem suas trajetórias (HALL, 2006).

A teoria e prática feminista, ao questionar sobre a naturalidade do feminino, abriu margem para discussões mais profundas sobre o significado de “ser mulher”, significado esse que pode ser múltiplo.

Assim como afirma Joan Scoot (1990):

[...] as categorias “‘homem’ e ‘mulher’ são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas”. Isso significa que não há um único sentido para a condição de gênero de uma mulher, seus significados se transformam e não podem ser fixados em concepções universais. (SCOOT, Joan, 1990, p.93)

Diante disso, questiono, se quando tratamos sobre “mulheres” estamos realmente lidando com todas as questões que afetam as pessoas desse gênero, pois a experiência feminina é constituída por determinações sociais e históricas que não podem definir uma identidade única para as mulheres, olhar sob essa perspectiva nos permite “entender diferentes femininos” (EVARISTO, Conceição, 2005, p. 06).

Algumas correntes do movimento feminista, representadas aqui pelo feminismo negro interseccional<sup>2</sup>, atentas a essas conexões plurais na vida social, têm buscado reconhecer que o nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder, assim como afirma a teórica Avtar Brah (2006), que considera ainda que a nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos (BRAH, Avtar, 2006, p. 341).

Compreende-se, portanto, que dentro dessas estruturas de poder, não existimos apenas como mulheres e nossas relações sociais são permeadas pela intersecção de categorias

---

2 Movimento protagonizado por mulheres negras que buscaram pensar o feminismo de maneira distante dos universalismos considerando que há um embricamento dos processos de exclusão e desigualdades. (WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Terezinha Henn, 2019)

diferenciadas, nominadas tais como “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas” ou “mulheres imigrantes” (BRAH, Avtar, 2006, p. 341). Desse modo, há a vivência de experiências em diferentes segmentos na sociedade, que são resultados de transformações sociais e culturais percebidas de acordo com os movimentos geracionais que as solidificam.

Nessa perspectiva, a categoria gênero torna-se uma ferramenta de descentramento de identidades universais, que ao tratar do transbordar ou esvaziar de seu significado, contestando a universalidade da “humanidade”, apresentando as experiências privadas da vida familiar, sexual e doméstica como questões políticas, demonstra como uma situação social é fluída e maleável, de acordo com as necessidades de uma sociedade e das interferências dos seus agentes (HALL, 2006).

Ligada estreitamente a problemática das mudanças sociais e ao modo como as diferenças geracionais são experimentadas na vida em sociedade, a questão das gerações, proporciona visualizar as experiências de envelhecimento que estão conectadas às referências de classe, de gênero e de cor (BARROS, Myriam M. L. B., 2006, p.120). E quando se diferencia essas experiências segundo suas perspectivas de gênero percebe-se que suas peculiaridades constroem cotidianamente estruturas significativas para a vivência social, tornando o conceito gênero um referencial de análise que possibilita a compreensão do sistema de poder que estabelece desigualdades baseadas na sexualização.

Ao mobilizar o conceito de geração, pode-se visualizar a condição de gênero como uma situação social que proporciona uma perspectiva específica dentro de sua geração, no entanto, se não utilizamos uma conceituação de gênero que considere a diversidade de significados sobre o “ser mulher”, por exemplo, a concepção de unidades geracionais se distancia do conceito de geração proposto por Mannheim (1982).

No decorrer deste capítulo, tratei como o problema sociológico das gerações expressa-se em um tempo histórico que se apreende qualitativamente, de modo a primar pela análise de experiência. Assim, a diversidade de perspectivas e a atenção sobre as informações prestadas por parte das pessoas que constituem o objeto de pesquisa, proporcionam um dimensionamento atento a vida em sociedade que se constrói cotidianamente. E a questão geracional por se apresentar como um movimento que representa as transformações vivenciadas em sociedade é um conceito que propicia essa perspectiva sociológica,

principalmente se for articulada a uma concepção de gênero que interpreta as estruturas societárias de forma plural e interseccionada.

O processo de escolha das interlocutoras e o desenvolvimento da metodologia são os principais momentos de mobilização dessa perspectiva, além do tratamento analítico. Diante do posicionamento teórico apresentado, busquei mapear mulheres de uma mesma posição geracional, que possuem 60 anos ou mais, e que são conectadas por sua condição de mulher, mais precisamente, a mulher que possui uma trajetória de vida pública ativa com atuação profissional e política.

A posição geracional é a de pessoas nascidas entre as décadas de 1940 e 1960, pois, viveram as transformações no mercado de trabalho, seja com a integração de mulheres na formalidade e sua profissionalização ou, que ainda, vivenciaram em suas trajetórias as mudanças nos regimes sociodemográficos de nupcialidade, natalidade, mortalidade e aumento da expectativa de vida. Esses fenômenos começaram a se intensificar na década de 1970 (OLIVEIRA, Maria C.; VIEIRA, Joice M.; MARCONDES, Glaucia S., 2015) período em que as interlocutoras viveram sua juventude ou início da vida adulta, o que influenciou no modo como conduziram suas vidas em sociedade.

Conectadas pela vivência feminina, constituindo uma grande unidade geracional pautada na perspectiva do gênero que se identificam, as seis mulheres que aceitaram o convite de participar deste estudo apresentam uma diversidade de vivências que representa diferentes situações sociais. Além da condição de gênero, outros fatores podem ser unificadores geracionais: a escolaridade, profissionalização e posição social como lideranças.

Suas trajetórias demonstraram que para haver a manutenção de uma vida pública alguns padrões no estilo de vida foram necessários para a maioria delas, além de carreiras profissionais consolidadas, todas as entrevistadas possuem curso superior completo e uma vida financeira estável, de classe média.<sup>3</sup> Além de manter um estilo de vida familiar característico, por possuírem poucos filhos, apenas duas entrevistadas possuem filhos, sendo o máximo três, e quatro dentre seis não possuem descendentes.

Para visualizar com mais clareza quem são nossas interlocutoras apresento a seguir um perfil geral das mulheres entrevistadas, é importante destacar que todos os nomes utilizados são fictícios, o intuito é preservar certo conforto de escrita ao realizar as análises

---

3 Dados sobre o perfil geral das entrevistadas como data de nascimento, grau de escolaridade e renda per capita, foram coletados por meio do preenchimento de uma ficha de dados gerais, modelo em anexo 06.

diante do anonimato das participantes<sup>4</sup>. Lídia, possui 68 anos, é advogada, empresária e engajada no associativismo de mulheres do ramo empresarial. Raquel, tem 76 anos, é religiosa, atuante em organizações do catolicismo, e enfermeira dedicada a políticas de saúde da infância e da família. Fátima, com seus 74 anos de idade, diz ser pedagoga de formação e agricultora por acidente, atualmente possui uma das propriedades rurais mais produtivas do país. Elena, 68 anos, a historiadora especialista em gênero e raça, foi pesquisadora do IBGE durante 30 anos e na atualidade é ativista em uma Rede de Mulheres Negras e no Movimento LGBTTI<sup>5</sup>. Leonor, 63 anos, advogada e sindicalista, na juventude foi militante no combate a ditadura militar e atualmente é membro de organização partidária. E Fernanda, a mais jovem do grupo, com 53 anos, é educadora e ativista no movimento de mulheres transsexuais.

Cada uma dessas interlocutoras possibilitam o dimensionamento de diferentes perspectivas, representadas em diversas unidades geracionais: da mulher da classe média alta inserida no meio empresarial, da mulher religiosa dedicada ao engajamento social, da mulher de classe alta ruralista, da mulher negra ativista política, da mulher socialista e engajada no combate as desigualdades e a mulher que se construiu nessa condição socialmente e se movimenta pela sua legitimidade e garantia de seus direitos.

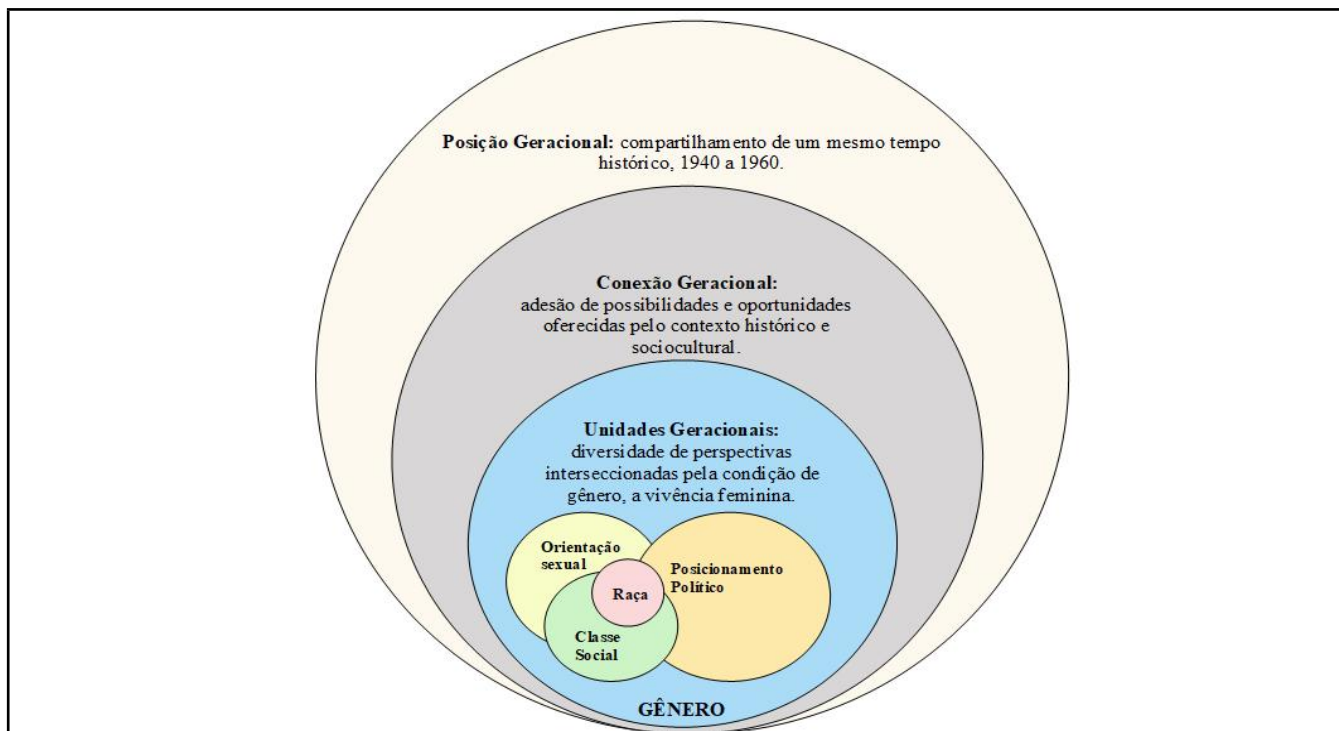
Diante desse perfil de interlocutoras, o conceito de geração possibilitou delimitar as peculiaridades vivenciadas na posição geracional que essas mulheres se localizam, no entanto, apenas a articulação com a conceituação de gênero, da maneira apresentada neste capítulo, considerando interseccionalidades, é que permite que essas peculiaridades sejam analisadas de modo a contemplar as experiências concretas que essas mulheres vivenciam em suas diferentes unidades geracionais. Apresento a seguir um esquema que demonstra como as interlocutoras deste estudo estão localizadas geracionalmente de acordo com o conceito de geração de Mannheim (1982).

---

4 As participantes assinaram um termo que consentimento livre e esclarecido em que consta essa informação, o modelo está em anexo 7.

5 Acredito ser importante demarcar os motivos pelos quais decido utilizar essa nomenclatura para tratar da população LGBTTI, a sigla se refere a pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Intersexo, de acordo com a denominação indicada pela ABGLT (Associação Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais) instituição que uma das agentes dessa pesquisa é representante. Sobre o tema, consultar site oficial da instituição: <https://www.abgl.org/>.

### Esquema 1: Relação entre a posição, conexão e unidade geracional das interlocutoras.



De acordo com o esquema é possível perceber que a posição geracional proporciona a potencialidade de comportamentos e ações compartilhadas, que só se mostra efetiva se as outras características estruturais que constituem a formação de uma geração estejam presentes na vida cotidiana. Dessa maneira, só há uma conexão geracional na medida em que há adesão as potencialidades proporcionadas pela posição geracional, e as unidades geracionais possuem a função de moldar os comportamentos e ações compartilhadas de acordo com cada situação social que individualmente as pessoas pertencem. Nesse sentido, o gênero funciona como uma grande unidade geracional que agrega uma perspectiva em comum de uma geração, mas que pode sofrer múltiplas subdivisões a depender de condicionantes como o posicionamento político, classe, raça ou orientação sexual.

O recorte deste estudo me possibilitou perceber como as características desse esquema estão presentes no perfis das entrevistadas quando os analisei.

A articulação dos conceitos de geração e gênero me possibilitou compreender, por exemplo, em que medida a trajetória de vida de uma interlocutora possui conexões com as outras, por considerar que a vivência feminina é dotada de significados que se constroem na vivência social, bem como, traça quais são as aproximações na construção das trajetórias de

destaque de pessoas com posicionamentos e visões tão distintas, como é o caso de Lídia e Fátima, duas interlocutoras que tendem a aderir posições mais liberais, com relação as outras quatro, Raquel, Elena, Leonor e Fernanda que se dedicam a pautas mais progressistas.

Para compreender como o compartilhamento de um tempo histórico, a posição geracional pode desencadear diferentes perspectivas sobre a vivência social e ao mesmo tempo traz aproximações entre as entrevistadas, apresento um quadro demarcando temporalmente as etapas de amadurecimento das interlocutoras.

<b>Quadro 1: Demarcação temporal das etapas de amadurecimento das interlocutoras.</b>					
<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Década de nascimento</b>	<b>Década em que atingiu 18 anos</b>	<b>Década em que atingiu 29 anos</b>	<b>Década em que atingiu 60 anos</b>
Lídia	69	1951	1969	1980	2011
Raquel	77	1943	1961	1972	2003
Fátima	75	1945	1963	1974	2005
Elena	69	1951	1969	1980	2011
Leonor	64	1956	1974	1985	2016
Fernanda	53	1967	1986	1997	ainda não atingiu

De acordo com o quadro 1. o período de nascimento das entrevistadas é entre os anos de 1940 e 1960. Entre o fim da década de 1960 e meados da década de 1970 elas viveram o início da sua juventude. A vida adulta se concentrou por volta dos anos 1980 e o processo de envelhecimento chegou apenas no início deste século, nos anos 2000 a 2010. É possível destacar, portanto, que essas mulheres compartilharam uma série de momentos históricos para a vida moderna e, principalmente, para a constituição da vida política brasileira. Exceto no caso de Fernanda, que é um pouco mais nova mas, que ainda assim, em períodos diferentes da vida, vivenciou os mesmos acontecimentos históricos e contextos sociais.

Para visualizar melhor esses marcos históricos e contextos sócio-culturais compartilhados pelas interlocutoras, pontuo no quadro a seguir quais são os momentos mais marcantes que elas vivenciaram e em que momento da vida.

**Quadro 2: Marcos históricos e contextos socioculturais compartilhado pelas interlocutoras.<sup>6</sup>**

<b>Décadas</b>	<b>Marcos históricos e contextos socioculturais</b>	<b>Fases da vida das interlocutoras</b>
<b>1940</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Segunda Guerra Mundial, findada em 1945;</li> <li>• Fundação da Organização das Nações Unidas (ONU);</li> <li>• Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948);</li> <li>• Queda do Estado Novo, governado de Getúlio Vargas, e redemocratização do país;</li> <li>• Instituição do Salário Mínimo e Consolidação das Leis do Trabalho (CLT);</li> <li>• Criação da Conselho Nacional de Bispos do Brasil (CNBB)</li> </ul>	Infância de Raquel e Fátima
<b>1950</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Juscelino Kubitschek foi presidente do Brasil (1956 a 1960);</li> <li>• Fortalecimento da política econômica desenvolvimentista;</li> </ul>	Infância de Lídia, Elena e Leonor.
<b>1960</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fechamento dos canais democráticos no Brasil, Golpe Militar de 1964;</li> <li>• Crescimento dos movimentos sociais contrários a ditadura militar;</li> <li>• Comercialização da Pílula Anticoncepcional;</li> </ul>	Infância de Fernanda; Juventude de Raquel e Fátima;
<b>1970</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação do Movimento Negro Unificado (MNU);</li> <li>• Fundação o Movimento Feminino pela Anistia;</li> <li>• I Encontro Nacional das Comunidades de Base, com o tema “Igreja que nasce do povo”;</li> <li>• O movimento negro elege a data da morte de Zumbi como Dia Nacional da Consciência Negra;</li> <li>• 1979 A UNE realiza sua primeira eleição direta, com 343 mil votantes.</li> </ul>	Juventude de Lídia, Elena e Leonor; Início da vida adulta de Fátima e Raquel
<b>1980</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Movimento Diretas Já!;</li> <li>• Eleições diretas (governadores, senadores, deputados federais e estaduais);</li> <li>• Voto dos analfabetos, legalização dos partidos comunistas e eleições diretas em todos os níveis, liberdade para a criação de partidos e coligações.</li> <li>• Aprovação da Constituição Cidadã (1988).</li> </ul>	Juventude de Fernanda; Início da vida adulta de Lídia, Elena e Leonor;
<b>1990</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estatuto da Criança e Adolescente – ECA;</li> <li>• Eleições gerais no Brasil: governos estaduais e Assembleias, Senado, Câmara de Deputados (1990);</li> <li>• Movimento Caras Pintadas (1992);</li> <li>• Impedimento do Presidente Fernando Collor (1992);</li> <li>• IV Conferência Mundial da ONU sobre a Mulher, em Beijing (1995);</li> <li>• Fernando Henrique Cardoso é eleito e reeleito a</li> </ul>	Início da vida adulta de Fernanda;

<sup>6</sup>Fontes de pesquisa: TATAGIBA, Luciana (2014); PEDRO, Joana Maria, 2003; SOARES, Iraneide da Silva, 2016; CARVALHO, 2006; OLIVEIRA, 2011, e DHnet – Rede Direitos Humanos e Cultura.



	presidência do Brasil (1994 a 2002); <ul style="list-style-type: none"> <li>• Difusão da internet em todo território nacional;</li> </ul>	
<b>2000</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2002 Lula é eleito presidente da República no segundo turno, vencendo José Serra, do PSDB</li> <li>• Promulgada, no Brasil, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, pelo Decreto nº 4.377, de 13/9/2002</li> <li>• Criação da Lei Maria da Penha</li> </ul>	A chegada a velhice de Fátima e Raquel
<b>2010</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manifestações de Junho de 2013;</li> <li>• Sancionadas as leis nº 12.711/2012 e Lei 12.711 define cotas sociais e raciais nas instituições federais;</li> <li>• Manifestações de Maio de 2015, contra o governo Dilma;</li> <li>• Golpe parlamentar e impedimento da Presidenta Dilma (2016);</li> <li>• Ascensão reacionária no cenário político, eleição de Jair Bolssonaro (2018);</li> </ul>	A chegada a velhice de Lídia, Elena e Leonor;

O quadro 2 indica que em momentos decisivos da história política brasileira as entrevistadas viveram períodos importantes do seu processo de amadurecimento e não só os vivenciaram como construíram boa parte desses movimentos, principalmente no que se refere ao processo de redemocratização do Brasil, nos anos de 1980 a 1990, e de solidificação dos movimentos sociais.

Como perceberemos nas análises dos relatos de experiência, a questão feminina não se mostrava como um movimento central na política Brasileira, a organização de mulheres estava difusa entre os movimentos de trabalhadores, organizações partidárias ou religiosas. O que significa que os processos de redemocratização foram vivenciados pelas entrevistadas em dois momentos distintos. O primeiro após a queda do Estado Novo, seguido do fim da ditadura militar, direcionando a organização das mais diversas correntes políticas no nosso país, isto é, a luta por direitos, ao trabalho, educação, saúde, liberdade e o combate as desigualdades são pautas muito presentes na vida política e social dessa geração de pessoas nascidas entre os anos 1940 e 1960.

Diante desse contexto é possível afirmar que a posição geracional em que se localizam as participantes do estudo proporciona possibilidades de construção de trajetórias ativas politicamente, ou que pelo menos, possuam atitudes e modos de agir e pensar progressistas, no sentido de buscar novos espaços de atuação. Realidade que para as gerações anteriores de mulheres era de menor acesso ou inacessível.

Porém, dizer que o contexto político atravessado pelas interlocutoras pode dar a elas valores mais progressistas, não significa que todas compartilhem do mesmo posicionamento

político, muito pelo contrário, será possível perceber que muitas delas aderem a posições muito diferentes com relação a política nacional, no entanto, existem discursos que se encontram, independentemente se elas são mais progressistas ou conservadoras, como é o caso da valorização do papel da mulher no mercado de trabalho e na sua liberdade de escolha. Mas, friso que esse discurso é mobilizado com justificativas diferentes, ele está presente na fala de todas as entrevistadas, o que a meu ver, é resultado do movimento de democratização de direitos vivenciados por elas nesse período histórico.

Em âmbito geral, situar trajetórias que, embora compartilhem uma mesma posição geracional apresentam perfis tão distintos, possibilita demonstrar que ainda que haja diferentes perspectivas da vida em sociedade para cada uma delas, ainda há conexões e determinações estruturais da geração a que pertencem que as colocam em posições semelhantes. E por mais que a maneira que desenvolvem significados para o mundo seja distinta, há condicionantes que potencializaram a possibilidade de viverem nas posições de destaque que vivem.

Esse posicionamento teórico de análise proporciona para este estudo um dimensionamento do conceito de geração representado pelas trajetórias que foram relatadas por essas mulheres.

E como é a condição de gênero de uma geração de mulheres em posição de liderança que conecta essa diversidade de perfis, a metodologia para investigação e análise deste objeto de estudo também é baseada na perspectiva de uma mulher, uma sétima interlocutora, que não foi entrevistada formalmente como participante da pesquisa, mas que com sua trajetória profissional e intelectual proporcionou um debate determinante para os caminhos metodológicos deste estudo, questão que tratarei no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2

### NARRATIVAS E ESCREVIVÊNCIAS: O ENCONTRO COM CONCEIÇÃO EVARISTO E ABERTURA DOS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA COM MULHERES IDOSAS

Esta pesquisa se constitui em meio ao meu processo de formação como pesquisadora que têm sido permeada pelos encontros e experiências com as interlocutoras deste estudo. E assim como nos ensinou o sociólogo Wright Mills (1969), nós apenas conseguimos dimensionar a nossa própria experiência quando localizamos e compreendemos as possibilidades de todas as pessoas a nossa volta, e no caso de pesquisadores, quem interage e dialoga conosco são nossas agentes de pesquisa, pelo menos no curto espaço de tempo em que a pesquisa se desenvolve.

Dessa maneira, é possível afirmar que o encontro com as mulheres agentes desta pesquisa proporcionou um estudo que possui uma metodologia que não é apenas minha, mas é inspirada em minhas interlocutoras, especialmente firmado por meu encontro com Conceição Evaristo.

A narrativa elaborada por Conceição Evaristo em sua trajetória ilumina o debate sobre gênero, envelhecimento e protagonismo feminino, pois, nos lembra dos pluralismos vivenciados nos processos sociais, principalmente no que se refere aos processos de envelhecimento e as relações de poder que permeiam a construção das lideranças femininas. Por esse motivo, a narrativa da autora, têm sido apropriada por mim como recurso etnográfico.

No ano de 2018, a Festa Literária de Maringá (FLIM) teve como patrona a escritora Conceição Evaristo e o tema foi “Resistências”, o principal objetivo era visibilizar mulheres, pessoas negras, indígenas, refugiadas e LGBTTI. No dia 18 de Outubro do mesmo ano foi anunciado um pré-lançamento da FLIM, em que sua patrona estaria presente. Quando essa notícia chegou até mim surgiu uma pequena esperança de entrevistar a escritora, até porquê como eu poderia perder a oportunidade de dialogar com uma das principais referências da literatura brasileira, sobretudo, sendo Conceição uma mulher que representa uma narrativa singular sobre a temática deste estudo.

Narrativa, uma palavra que se fez tão presente no curso desta pesquisa, mas, que até o momento em que não conhecia Conceição eu não tinha a dimensão do quão importante seria.

Para que compreendam melhor o significado de considerar uma entrevista com Conceição Evaristo é preciso delimitar quem são as minhas interlocutoras.

A proposta metodológica deste estudo é utilizar relatos de experiências femininas, ou seja, entrevistas semiestruturadas que buscam delinear trajetórias de vida. As entrevistas foram realizadas com mulheres que possuem 60 ou mais anos de idade e mantêm uma vida pública ativa. Elas estão presentes em espaços de poder na militância política e cargos públicos, gerenciam pequenas e grandes empresas, lideram associações e organizações não governamentais, entre outros grupos e instituições sociais, ou, como no caso de Conceição Evaristo, são mulheres que possuem trajetórias profissionais de destaque para o cenário nacional ou regional.

Tendo em vista o perfil das minhas interlocutoras, ao realizar um mapeamento de mulheres idosas que possuíam um grande alcance nacional o nome de Conceição apareceu e inicialmente meu interesse se concentrou em sua trajetória profissional.

Conceição é uma escritora que representa um discurso político marcante para a literatura brasileira e o movimento de mulheres negras no Brasil, ela têm grande projeção na atualidade, mas o início de sua carreira foi impulsionado pelas publicações independentes do Movimento Negro. Professora, mestre e doutora em literatura, Conceição obteve destaque como escritora tardiamente, no início dos anos 2000. Atualmente, aos seus 73 anos de idade, possui suas produções traduzidas em várias línguas e viaja pelo Brasil e pelo mundo divulgando sua obra e estabelecendo diálogos com militantes, pesquisadores e leitores (DUARTE, Constância L., CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A., 2018). A mineira que advém das camadas populares, incentiva um importante debate sobre a negritude e o racismo institucionalizado no Brasil.

Considerando, portanto, a representatividade e qualidade do trabalho de Conceição e sua notável atividade na vida pública durante o processo do envelhecimento, busquei contatá-la para a convidar para participar da pesquisa.

Como o fazer antropológico é, também, constituído pela comunidade profissional, como diria Roberto Cardoso de Oliveira (1996), entre conversas de corredor, eventos acadêmicos e os círculos universitários que possibilitam direcionamentos e referências, devo a esses momentos muitas indicações de interlocutoras. E foi por meio dessa comunidade que busquei dialogar sobre alternativas para se fazer possível essa entrevista com Conceição, assim como muitas outras realizadas neste estudo.

Diante disso, soube de uma pesquisadora<sup>7</sup> que poderia ter o contato da produção da autora e por meio dela consegui um número telefônico e um endereço de e-mail da assessoria de Conceição. Ao ligar eu recebi um não sonoro, mas muito bem justificado pela curta estadia da escritora na cidade, no entanto, eu já havia enviado o convite para a autora por e-mail, anteriormente, e infelizmente, ela também o negou, mas escreveu pessoalmente sua justificativa e me indicou uma autobiografia que havia escrito há alguns anos para um blog chamado “Nossa Escrevivência”<sup>8</sup>.

Correndo o risco de me mostrar uma pesquisadora desinformada, que sabe pouco sobre suas interlocutoras previamente, devo confessar que praticamente não sabia nada sobre o que era a Escrevivência, muito menos sobre o seu significado na obra de Conceição, busquei me informar e rapidamente incorporei essa concepção aos meus estudos. E dei por certo que mesmo sem uma entrevista com a autora, a história de Conceição estaria presente aqui.

Conceição conceitua a escrevivência de modo a destacá-la como um conceito emergente dos movimentos populares e da oralidade, a autora demonstra em depoimentos e relatos sobre sua obra que o conceito trata do processo em que a escrita e o viver se con(fundem). Esse movimento que aproxima escrita e vivência é o que a escritora define como escrevivência<sup>9</sup>.

A literata apresenta a escrevivência em argumentos claros em sua obra literária e produções acadêmicas, que demonstram que o conceito é um recurso discursivo que revela uma condição social e posições políticas sobre uma versão da história que é encoberta pela historiografia tradicional (EVARISTO, Conceição, 2006), portanto, escrever vivências se mostra como um posicionamento que autores negros adotam para valorizar a história oral do povo negro brasileiro, e por meio disso, apresenta-se perspectivas de vida em sociedade e interpretações do mundo.

A literatura afro-brasileira traz o registro de uma memória social, enquanto lembranças de vários indivíduos. Memória que permitiu um conhecimento de um sistema simbólico, que possibilitou uma reorganização do território negro da diáspora, através de uma mística negra, vivida em um tempo que escapa a uma medição cronológica, por se tratar de um tempo mítico. (EVARISTO, Conceição, 2006, p. 4)

---

7 Agradeço imensamente a essa pesquisadora que se chama Rosângela Cardoso, doutoranda em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e pesquisadora que se dedica a autoria afro-feminina.

8 Ver Blog Nossa Escrevivência, disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/>.

9 Ver autobiografia indicada pela autora: Conceição Evaristo por Conceição Evaristo, disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>.

Nesse sentido, a escrevivência, como produto da história oral e da vida cotidiana, é uma ferramenta de reconstrução da história e da memória social que elabora uma maneira de ver o mundo atenta aos movimentos plurais da vida em sociedade. Esse conceito de escrita da literatura afro-brasileira é tido como uma forma de registro da memória e da história da população negra no nosso país.

Tendo em vista o posicionamento político e teórico da literata, percebi que não era apenas por meio de uma entrevista que a autora poderia contribuir com esta pesquisa, a sua trajetória intelectual como narrativa já haveria de me conceder um horizonte metodológico pertinente ao trabalho etnográfico, além de indicar os caminhos de construção de uma liderança negra no Brasil. E a conversa coletiva que participei no pré-lançamento da FLIM, a qual tratarei adiante, possibilitou que eu visse pessoalmente como a autora mobiliza essa narrativa.

O relato de experiência de vida da Conceição ainda estava no horizonte. Nos corredores da universidade e nas redes sociais as notícias se movimentaram muito rápido e dentre os contatos que fiz para tentar acesso a produção de Conceição, um colega jornalista<sup>10</sup> me contou sobre uma coletiva de imprensa que aconteceria antes do evento de pré-lançamento da FLIM e que nesse momento eu poderia trocar algumas poucas palavras com a autora.

Diante disso, me apressei para buscar o gravador comunitário do nosso departamento de ciências sociais, organizei questões primordiais e fui até o local da coletiva tentar uma participação.

Aquele foi um dia pouco propício para se fazer pesquisa de campo, havia um chuvisqueiro com uma ventania teimosa, árvores caídas pelas ruas e no campus universitário, a energia do bairro em que morava caiu, em razão das árvores que obstruíram as ruas, não havia ônibus de acesso ao centro da cidade, portanto, as chuvas causaram um grande transtorno em Maringá.

Os jornalistas da cidade não foram cobrir a vinda de Conceição, exceto aquele meu colega que indicou que haveria a coletiva, acredito que as chuvas e árvores caídas pela cidade tomaram todo o tempo da imprensa local, diante disso, já se percebe o quão relevante foi para os canais de comunicação a vinda da autora, o que se apresenta como um pesar muito grande. No entanto, esse desdém abriu espaço para que militantes, fãs e admiradores de Conceição

---

10 Agradeço as indicações deste jornalista, Victor Simião.

pudessem ter uma conversa com a escritora, ou seja, a coletiva de imprensa se transformou e um diálogo coletivo, o qual pode estar presente.

Alguns estudantes<sup>11</sup> da graduação de letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), responsáveis pela edição de um jornal acadêmico, fizeram o papel de conduzir boa parte daquela conversa. Com uma câmera semiprofissional e um bom roteiro de entrevista eles mediaram o nosso diálogo coletivo e eu até deixei de lado o meu gravador e me concentrei em ouvir tudo o que ela tinha para nos dizer, somente intervi pontualmente. Ali eu começara a entender que teria acesso apenas ao discurso público de Conceição, que não seria direcionado por minhas questões de pesquisa, mas, que naquele momento se mostrou pertinente para o conhecimento da trajetória intelectual da escritora.

Entre relatos emocionados sobre a admiração que todos nutriam pela autora e questões curiosas, Conceição nos contou um pouco sobre suas perspectivas em relação ao processo de criação e sistematização de uma obra. A literata afirmava possuir como projeto trazer para o texto uma realidade cotidiana, permeada por suas vivências e posições políticas.

Foi perceptível a curiosidade dos presentes se existiam histórias reais na obra da escritora, uma das primeiras questões dos acadêmicos foi: “Sobre os personagens, são histórias que você presenciou?” Demonstrando que há um elemento característico na obra de Conceição, que se constitui por uma narrativa baseada no dinamismo da vida, assim como a própria autora qualificou.

Tudo que eu escrevo, que pode ser um trabalho literário, um conto, uma poesia, um romance, ou uma pesquisa, é profundamente marcado pela minha condição de mulher negra brasileira. A minha subjetividade comanda as minhas escolhas, eu vou escolher que tipo de história eu quero contar, que personagens eu vou levar pro texto, então é um trabalho ficcional sim, mas é um trabalho que tem também essa escolha ideológica, desde as palavras com que eu construo o texto, como o enredo e o tipo de personagem que eu quero criar.  
(Conceição Evaristo, Maringá, 18/10/2018)

Essa concepção de produção literária é o que a escritora denomina como *Escrevivência*, que, como já discuti anteriormente, é um recurso literário de escrita que parte de experiências da vida em sociedade que transformam um trabalho ficcional em um retrato do cotidiano. E, como aponta a escritora, é parte de um processo de elaboração de um produto literário que possui um conteúdo político e ideológico de construção de narrativas baseadas em sua condição de mulher negra.

---

11 Agradeço a Bruno Barra, acadêmico da graduação de letras da UEM, que me concedeu a gravação realizada no evento pré FLIM, em 2018.

O literato OLIVEIRA (2009), em resenha, na Revista Estudos Feministas, da obra “Becos da Memória” de Conceição Evaristo, avalia que a escrevivência se manifesta na obra da autora como uma escrita que imprime as experiências do corpo de uma mulher negra brasileira (OLIVEIRA, 2009).

Escrevivência: corpo, condição e experiência. O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa. (Oliveira, 2009, p.622)

Qualifica-se como obras de escrevivência, portanto, as que possuem um forte conteúdo político, demarcado por posicionamentos e significados que buscam se manter distantes dos moldes tradicionais, uma vez que partem de espaços historicamente silenciados e marcados por resquícios, ainda presentes na contemporaneidade, do colonialismo e da escravidão. Essa abertura tem ocorrido aos poucos, pois a reivindicação do direito à escritura – e à escrevivência – parece ter sido ouvida tardiamente (BAROSSO, Luana, 2017, p.22).

Desse modo, vale ressaltar que o fato do destaque da obra de Conceição ter ocorrido tardiamente, considerando que uma de suas obras mais aclamadas, “Becos da Memória”, ficou engavetada durante 20 anos (OLIVEIRA, 2009, p. 621), é expressão do contexto de valorização das narrativas da população negra na atualidade, valorização esta que foi difundida e fortalecida pela divulgação do Movimento Negro Brasileiro entre seus militantes, com publicações independentes, que alcança o público em geral anos depois em edições de grandes editoras.

## **2.1 A FORMAÇÃO DE UMA LIDERANÇA NEGRA NO BRASIL**

Além de compreender a narrativa intelectual de Conceição, é preciso estabelecer como a biografia da escritora, assim como de outras estudiosas brasileiras, como Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, indicam que o reconhecimento como liderança pode ser tardio, chegando apenas na velhice, como é o caso de Conceição. Esse lugar de destaque acontece mediante ao novo lugar do Movimento Negro Brasileiro contemporâneo, em razão da rede criada por esse movimento, especialmente pelas feministas negras.

O lugar de fala na academia possui elementos de tensão que são geracionais de acordo com o contexto que os autores se encontram. No caso das novas gerações de intelectuais compreender a construção teórica de autores clássicos têm sido um grande desafio, sob



perspectiva majoritariamente masculina e colonial os cânones desenham um quadro sobre a formação da sociedade que veementemente têm sido contestado pelos movimentos sociais, como o movimento negro e feminista, principalmente os organismos que condensam esses dois movimentos, isto é, as organizações de mulheres negras.

Essa contestação é pertinente e toma forma nas lutas sociais e no discurso da militância desde muito cedo e, concomitantemente, essa atitude se consolida na produção teórica de diversos pensadores brasileiros<sup>12</sup>.

Nesse sentido, a produção de conhecimento científico sobre a sociedade brasileira passa por transformações de ordem intelectual, pois, os agentes do conhecimento não são mais apenas homens brancos e privilegiados, e acredito que nunca tenha sido apenas eles, embora o destaque tenha se concentrado nesses intelectuais durante muito tempo. Mas atualmente, os movimentos que contestaram suas visões de mundo tradicionais e autocentradas, construíram redes de fortalecimento de novos discursos e demonstraram que é possível tratar as desigualdades na sociedade brasileira articulando categorias de forma inter-relacional para a compreensão da condição da nossa população, levando em consideração a situação de classe, cor, etnia, gênero, orientação sexual e geração.

A frente desse movimento de renovação e ponderação dos discursos científicos, ao reafirmar a posição de mulheres afro-americanas, pensadoras como Conceição Evaristo, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez questionam concepções que foram cristalizadas por correntes clássicas do conhecimento, como os esteriótipos de personagens negros, o mito da democracia racial e a universalização da concepção de gênero. E isso só foi possível em razão do posicionamento que essas mulheres apresentam ao escrever sobre as suas vivências, possibilitando a criação de novos conceitos que representam o contexto brasileiro.

A definição de conceitos promovida por autoras negras, pode fornecer um quadro de referência ideológica (COLLINS, Patricia Hill, 2016, p. 111) que foi desconsiderada pela ciência, pois, apenas a presença da escrita de mulheres negras é que poderia chamar a atenção para diversos domínios inexplorados por autores canônicos. Isto é, na medida em que a escrita possui um forte teor biográfico pessoal e cultural, não hegemônico, que ocupa um espaço na formação do pensamento social, um sentido subversivo é denotado a essas avaliações da realidade social, além de proporcionar um referencial de visão de mundo, aproximando-se de grupos invisibilizados e colaborando na elaboração de sua organização social.

---

12 Destaca-se como pensadores negros brasileiros mais relevantes nesse contexto: Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Milton Santos e Sueli Carneiro.

Formar essas redes de referência ideológica se mostra como um importante instrumento de organização social para o Movimento Negro Brasileiro e, em grande medida, intelectuais como Conceição, Lélia e Sueli, tornaram-se grandes lideranças nacionais para a população negra, na medida em que se consolidaram como referenciais teóricos. Vê-se como um grande exemplo desse movimento na atualidade a projeção do nome de Djamila Ribeiro no cenário nacional. A partir da divulgação de produções acadêmicas e suas discussões sobre lugar de fala (RIBEIRO, Djamila, 2017), a filósofa pôde participar de programas de alcance nacional, publicar livros e coordenar selos editoriais, como o selo Sueli Carneiro, lançado pela editora Boitempo.

A maneira com que essas autoras se colocam como referências ideológicas não produz apenas um recurso de ordem discursiva, sobretudo, demonstra que a produção de conhecimento está localizada sobre corpos específicos que ao se formarem como intelectuais impactam consideravelmente nas nossas visões de mundo e aquecem a organização social dos seus grupos de origem. Nesse sentido, é possível afirmar, que a obra de Conceição, assim como a ciência produzida por Lélia e Sueli, não só consolidam uma corrente intelectual, mas apresentam essas mulheres como lideranças nacionais de todo um movimento sociocultural.

Quando nos atentamos para o significado que o conceito de Escrivência de Conceição Evaristo apresenta para o contexto social, percebemos que a escrita para mulheres negras é um ato político. Ao demarcar que assume o compromisso de escrever histórias cuja a perspectiva da população negra é valorizada, a autora busca como prática política de intervenção social subverter os esteriótipos que tornaram-se consenso na cultura brasileira.

Subverter esteriótipos é uma das grandes características da teoria feminista de mulheres negras, e mediante a uma postura crítica da realidade elas questionam consensos e constroem um ponto de vista que enriquece a perspectiva científica. Essa postura só é possível pois, como intelectuais marginais (COLLINS, Patricia Hill, 2016, p.101) essas mulheres possuem uma vivência marcada pela desigualdade social cotidiana. Esse olhar é o que dinamiza os fundamentos teóricos.

Quando tive a oportunidade de conhecer Conceição, a maior lição que aprendi naquele encontro foi perceber que a concepção de feminismo com que havia me habituado estava muito distante do que ela pôde me apresentar. A escritora relatou a sua vivência feminista como uma prática cotidiana, emergente da necessidade de sobrevivência.

Transcrevo a seguir a fala de Conceição sobre o tema de forma mais prolongada, pois, acredito que apenas as suas palavras seriam pertinentes para apresentar esse ponto de vista.

[...] ser feminista foi um processo que eu aprendi na prática, mas dentro de casa. Por quê? Porque eu acho que a própria luta das mulheres negras, das mulheres das classes populares, a nossa maneira muitas vezes de se portar na vida, ela já traz uma afirmativa da nossa condição como mulher, não só uma afirmativa, mas ela já traz táticas de sobrevivência, de nossa sobrevivência numa sociedade patriarcal, numa sociedade racista. Tem uma história que eu acho, eu acho não, com certeza é uma atitude feminista dentro da minha família, e que essa história, se a gente for, por exemplo, estudar a história do feminismo no Brasil, nós não vamos encontrá-la. Minha mãe é de uma região, que hoje tem o aeroporto de Belo Horizonte, Aeroporto Internacional Confins. Minha mãe é de 1922, ela nasceu em outubro de 1922, semana da arte moderna, e a minha tia mais velha, era de 1911. Quer dizer, são mulheres que a juventude delas aconteceu mais ou menos de 40 a 50 anos, talvez menos até, do que a assinatura da Lei Áurea em 1888. Essa história que elas narram, é de mais ou menos dos anos 20 até 30. Então, nesse momento, mulheres do interior de Minas, que já tinham inclusive uma prática de trabalhar na lavoura, porque muitas vezes a gente acha que na escravização, as mulheres todas trabalhavam dentro da casa grande, não, as mulheres também trabalhavam na rua, elas trabalhavam no plantio, são mulheres que já tinham essa tradição de trabalho. Então, nesse momento, mais ou menos nos anos 20, nessa região de Pedro Leopoldo, os fazendeiros não queriam dar trabalho para as mulheres porque achavam que o trabalho das mulheres rendia muito pouco em relação ao trabalho dos homens. E o que essas mulheres fizeram? Essas mulheres começaram a trabalhar em mutirão, juntas, elas aravam a terra, plantavam, semeavam, colhiam... Até que chegou um momento em que os fazendeiros perceberam que o trabalho dessas mulheres rendia tanto quanto ou mais do que o trabalho dos homens. Então, nós temos aí mulheres, no interior de Minas, nos anos 20, criando táticas de enfrentamento ao poder patriarcal e branco local, o que quer dizer, que essas mulheres, no cotidiano, pela própria força de sobrevivência, tiveram um enfrentamento. Essas mulheres se construíram como grupo e coletividade para enfrentar o poder local, essas mulheres descobriram práticas feministas para enfrentar os homens. Essa história não está escrita na história do feminismo no Brasil, como a história, por exemplo, da própria ditadura e seus enfrentamentos, ela é sempre escrita a partir do ponto de vista de uma classe média, das mulheres letradas. A história do povo, o que o povo protagoniza, normalmente, não está escrito. Então, é disso que eu falo quando eu digo que a minha prática feminista eu aprendo na própria luta pela sobrevivência. [...] o nosso feminismo nasce de um outro lugar social, ele nasce por outros motivos. Nós encontramos outras táticas de sobrevivência sem teorizar, acho que qualquer uma de nós que pararmos para olhar o que nossas avós e bisavós fizeram percebemos atitudes que elas tomaram contra o sistema sem nunca ter feito um discurso sobre o feminismo.

(Conceição Evaristo, Maringá, 18/10/2018)

Conceição retrata nessa fala uma perspectiva de quem sobrevive em uma sociedade patriarcal e racista e pontua que suas táticas de sobrevivência possuem um conteúdo de resistência e subversão a essas desigualdades. O olhar da escritora é marcado por sua condição de mulher negra brasileira, como ela própria afirma, que herda uma conduta feminista incentivada pelos desafios cotidianos da sua vida em sociedade.

Quando cruzamos a biografia e a história criamos a oportunidade de compreender a relação entre ambas, o que se torna mais significativo e esclarecedor quando isso aponta um distanciamento da história formal (MILLS, 1969). Conceição argumenta que há capítulos do nosso contexto histórico que não chegaram até os bancos das universidades e tão pouco iluminaram as análises sobre a nossa sociedade, o que demonstra a relevância de conhecer as biografias das pessoas que produzem a história, no caso de Conceição ela se baseia na história oral rica de significados sobre o nosso contexto cultural, político e econômico.

De acordo com os apontamentos de Conceição, é perceptível que a história do feminismo no Brasil não foi escrita por mulheres negras e, portanto, não possui relatos como de Conceição, a historiografia brasileira pouco se deteve na história da construção do gênero, em especial em sua conjugação com raça (CARNEIRO, Sueli 2018, p.155). Desse modo, é pela oralidade que as mulheres negras narram suas trajetórias e ensinam, umas para as outras, seus meios de sobrevivência e resistência, e tornam-se referência de visões de mundo e atuação na vida social e política. E como pudemos perceber na fala de Conceição, para algumas mulheres, principalmente as negras, suas trajetórias são profundamente marcadas por práticas feministas na cotidianidade, portanto, são políticas.

Nota-se no relato acima que Conceição busca recuperar uma memória que restitui a história que não foi escrita e busca construir uma consciência de um lugar desconhecido e encoberto (GONZALEZ, Lélia, 1984, p. 226), mobilizando um discurso que colabora na compreensão das opressões e no ativamento da memória e consciência de um povo que é esquecido pela cultura racista e sexista que desconsidera a sua capacidade de agência.

Quando esses fatos e acontecimentos, narrados pela oralidade, tomam forma em espaços como a arte e a academia, eles reafirmam a perspectiva de mulheres negras e organiza novos referenciais para se pensar as mulheres brasileiras como um todo, pois, traz para o centro da análise processos sociais que foram desconsiderados, em razão da ausência da pluralidade de perspectivas. Esse contexto da formação intelectual possui um forte impacto em nossa construção como sociedade, principalmente com relação a organização política de determinados grupos sociais.

Porém, a pluralidade de perspectivas não se refere ao movimento de lidar com diferenças de opinião, crenças e valores, pura e simplesmente, é o reconhecimento de quais corpos e experiências vividas carregam esses elementos, pois, é a presença desses corpos que causa impactos materiais (PHILLIPS, Anne, 2001). Desse modo, poderíamos nos questionar

aqui, se as ideias, como referencial teórico e político, são consolidadas apenas pelo teor intelectual, disciplinar, ou podem ser qualificadas pelo conteúdo político dos corpos que as carregam.

Segundo o sociólogo Karl Mannheim (1982), o pensamento social constitui um complexo dificilmente dissociável, quer das raízes psicológicas dos impulsos emocionais e vitais a ele subjacentes, quer da situação em que teve origem e que procura solucionar (MANNHEIM, 1982). Nesse sentido, é preciso compreender o pensamento dentro do contexto concreto de sua situação social.

Assim, não são os homens em geral que pensam, nem mesmo os indivíduos isolados, mas os homens dentro de certos grupos que elaboram um estilo peculiar de pensamento graças a uma série interminável de reações a certas situações típicas, características de sua posição comum. (MANNHEIM, 1982, P.98)

O compartilhamento de uma posição social colabora para que pensadores organizem o pensamento de um modo singular que condiz com as características do seu grupo de origem. Esse fator contribui para que a teoria feminista de mulheres negras construa, segundo o que argumenta Patrícia Hill Collins (2016), uma significação sociológica específica, que é constituída de um conteúdo temático indissociável da estrutura de pertencimento social.

Nesse sentido, a abordagem feminista de mulheres negras apresenta duas principais características: 1) a ênfase na interdependência entre opressões interligadas (como, por exemplo, a intersecção das seguintes categorias: gênero/raça, classe social/raça, gênero/raça/classe social), e, 2) o contexto das escolhas que movem as ações das mulheres negras (COLLINS, Patrícia Hill, 2016, p.114).

Considerando essa perspectiva, torna-se compreensível a postura de Conceição Evaristo de ressaltar como o seu trabalho é demarcado pela sua condição de mulher negra. Esse mesmo movimento intelectual é perceptível nas análises de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro. Ambas, interpelam as teorias sociais canonizadas e demonstram que a formação cultural, política e social da sociedade brasileira está fundamentada em opressões que possuem um caráter interdependente. Assim o fazem, pois, possuem a perspectiva de quem é tocada pelos atravessamentos dessas opressões.

Considerando a notável relevância da condição social das autoras, acredito ser pertinente demarcar quem são essas pensadoras.

Lélia Gonzalez, é uma referência importante para o movimento negro brasileiro, pois, na década de 1970, fez parte da construção do Movimento Negro Unificado (MNU).

Graduada em história e filosofia, mestra em comunicação social e doutora em antropologia política/social, foi professora da rede pública e posteriormente professora universitária na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio). Dedicou-se a pesquisar sobre gênero e etnia, escreveu trabalhos como *Festas Populares no Brasil*, obra premiada na Feira de Frankfurt<sup>13</sup>.

Por sua vez, Sueli Carneiro, é filósofa, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra – primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. É, também, uma grande referência para o movimento negro brasileiro, pois, como estudiosa de questões sobre gênero, raça e direitos humanos, atua na discussão de políticas para a população negra<sup>14</sup>.

Assim como Conceição essas duas pensadoras possuem uma posição social em comum: são mulheres negras que emergiram das classes populares, militância política marcante no movimento negro, além do desempenho combativo na construção de análises sobre a sociedade brasileira, que as tornam referências para mulheres do movimento.

As produções das autoras concentram a divulgação e publicação em canais construídos pelo movimento negro. Recentemente, apenas, essas autoras têm obtido espaço em canais de grande circulação, resultado do trabalho que os movimentos sociais que as acompanham realizaram ao divulgá-las<sup>15</sup>.

As autoras são referenciais teóricos para as organizações sociais que pertencem, por meio de canais independentes de divulgação. Os canais “oficiais” ou “tradicionais” não são a fonte inicial de valorização da produção dessas mulheres. Esse movimento revela que além da maneira de produzir, o conteúdo das obras de escritoras negras, os meios de divulgação e o modo como esse material chega até as mãos de pensadores e militantes também é subversivo, o que demonstra uma forma singular de construção intelectual.

Como um ato político, essas pensadoras reivindicam seu espaço de fala e assumem o compromisso de falar por si próprias. Lélia Gonzalez, no texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, ressalta esse posicionamento quando escreve em primeira pessoa, no singular e

---

13Ver biografia da autora publicada pelo Instituto Mulher Negra GELEDÉS, “História, 1935, nascia Lélia Gonzalez”, disponível em: <https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-1935-nascia-elia-gonzalez/>.

14Ver biografia da autora, publicada pelo site Alma Preta, “Sueli Carneiro: filósofa, educadora e porta-voz de uma geração”, disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/sueli-carneiro-filosofa-educadora-e-porta-voz-de-uma-geracao>.

15Recentemente, em 2018, Djamila Ribeiro lançou o “Selo Sueli Carneiro”, o qual coordena. O objetivo do selo é a publicação de escritoras negras, sobretudo, brasileiras, latino-americanas e caribenhas, cujas as produções foram invisibilizadas. Ver: RIBEIRO, Djamila, 2018.

plural, demarcando que fala sobre a perspectiva de sua vivência e de todas as mulheres negras brasileiras. Assim afirma a antropóloga: “o lixo vai falar, e numa boa” (GONZALEZ, Lélia, 1984, p. 225).

Assumindo a sua condição social, Lélia Gonzalez possui uma escrita irônica e debochada, que articula argumentos racistas para situar o debate e utiliza palavras do vocabulário coloquial, acredito que seja como um artifício de aproximar a linguagem de seus textos ao “*pretuguês*”, expressão utilizada pela antropóloga para demarcar que a linguagem coloquial, dita como “errada”, é originada em línguas de matrizes africanas (GONZALEZ, Lélia, 1984). É perceptível o esforço da autora de se colocar como sujeito do texto que apresenta, o que parece ter como intuito buscar legitimidade para os seus argumentos diante da reafirmação de suas perspectivas.

Sueli Carneiro, possui uma postura parecida e embora não seja tão irônica em suas afirmativas, a autora utiliza a primeira pessoa do plural, em momentos pontuais, como recurso para se colocar como parte do objeto de análise. Em seu texto “Gênero e raça na sociedade brasileira”, destaca que o feminismo negro construído no contexto de sociedades multiculturais e pluriculturais tem como principal eixo articulador, o racismo e o seu impacto sobre as relações de gênero (CARNEIRO, Sueli, 2018, p.169).

Inspiradas pelo desejo de construir um conhecimento que visibilize a experiência de mulheres negras, o pensamento feminista, mobilizado pelas autoras, se constitui por um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro-americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade. Esse ângulo, envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que a vivem (CARNEIRO, Sueli, 2018, p.184).

Os conceitos criados por Sueli Careiro e Lélia Gonzalez ao relacionar a interdependência de raça, classe e gênero ampliam os instrumentos de análise social e qualifica o debate sobre a ação e organização das mulheres. E esses conceitos são desenvolvidos no processo de escrita de vivências que essas autoras desempenham e, portanto, tornam-se referenciais para mulheres que compartilham processos semelhantes aos que elas representam.

Diante dessa exposição ligeira e exploratória sobre as características dessas pensadoras brasileiras, negras e feministas, é possível compreender que essa discussão teórica é permeada por fatores interdependentes, principalmente a organização política na luta pelas

desigualdades, seguido da criação de novos referenciais analíticos para se pensar questões sociais proeminentes a sociedade brasileira.

Sobretudo, acredito que o surgimento de intelectuais como Conceição Evaristo, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez é a expressão de um movimento de luta social que busca firmar uma visão de mundo que questiona o sistema vigente e, assim, incentiva uma melhor organização política e social de seus grupos sociais de origem, além de interferir no modo como diferentes gerações buscam influenciar no meio em que vivem, seja pela luta política ou pela produção de conhecimento científico.

As trajetórias de práticas políticas e intelectuais de feministas negras possui um forte impacto sobre a organização de mulheres negras, essa consolidação de um discurso teórico, promovido pelas redes de divulgação e organização do Movimento Negro, fizeram das intelectuais citadas neste capítulo referências para as mulheres que compartilham da mesma condição social. A trajetória de Conceição Evaristo é exemplar no sentido de demonstrar como a narrativa de vivências semelhantes incentiva novas perspectivas de vida para a sua geração e as próximas. Assim, a memória e o relato da história se transformam em lição, explicando o mundo e orientando a vida (EVARISTO, Conceição, 2006, p. 8).

[...] quando o diário de Maria Carolina de Jesus, lançado em 58, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar.

Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos.

Minha mãe leu e se identificou tanto com o Quarto de Despejo, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária. Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela. (EVARISTO, Conceição, 2009)

Diante da imagem de escritora de Carolina Maria de Jesus, que alcançou um lugar de destaque na literatura brasileira ainda no período da infância de Conceição, a autora pôde se espelhar e considerar um futuro possível pra si e a partir disso construiu sua trajetória.

Um caso exemplar dessa influência que intelectuais feministas negras possuem sobre a atuação de mulheres negras brasileiras, é o relato de Elena, outra interlocutora deste estudo, que é uma militante do Movimento Negro e, atualmente, atua em uma Rede de Mulheres



Negras na capital do estado do Paraná. Pertencente a uma família de intelectuais negros cariocas, a historiadora, especialista em gênero e raça, se engajou no movimento negro na década de 70, incentivada pelos debates acadêmicos e referenciais de teoria e prática política, como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. Sobre o início da trajetória de militância de Elena:

Eu começo minha trajetória ali no debate antiracista do Instituto de Pesquisa de Cultura Negra do Rio de Janeiro (IPCN), entre 1974 e 1985. Daí eu fui deslanchando, eu fui lendo e me interessei pela questão e começo a ler, a ler, a ler... e conheço Lélia Gonzales pessoalmente e Beatriz Nascimento, essas mulheres tornam-se referências naquela época elas eram as nossas referências de mulheres.

(Elena, 68 anos, Curitiba - PR, 16/05/2019)

Além de reconhecer que Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento<sup>16</sup> foram suas referências na consolidação de seu ativismo político, Elena cita Neusa Santos e sua obra “Tornar-se Negro” (SOUZA, Neusa S., 1983), como referência para o movimento que fazia parte e como responsável pelo seu processo de conscientização da identidade de mulher negra. O relato da historiadora ressalta a importância da formação de referenciais ideológicos, tal como apontou COLIINS (2016), para sua formação como ativista e liderança negra no país.

Nesse sentido, a possibilidade de formação de uma liderança negra no Brasil, passa portanto, por esse contexto de consolidação de um movimento político que difunde uma narrativa agregadora, que possibilita referenciais teóricos de compreensão da vida em sociedade. Elena, assim como Conceição, Lélia, Sueli e Beatriz, possui uma trajetória marcada pela militância no movimento negro desde a juventude, e por meio da elaboração de um significado identitário para sua vida ela fortaleceu sua militância, até que o amadurecimento como intelectual e ativista a transformou em uma liderança nos movimentos sociais que faz parte.

Baseado na narrativa elaborada por semelhantes dentro de um movimento político, essas mulheres, que atualmente são referenciais de liderança negra no Brasil, colhem os frutos da construção de um discurso de ação política e social que é difundido desde os anos 70 pelo Movimento Negro Brasileiro.

---

<sup>16</sup>Beatriz Nascimento foi uma historiadora brasileira, dedicou-se ao estudo de temas relacionados ao racismo e aos quilombos. Ver: <http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/1622-serie-mulheres-e-o-arquivo-maria-beatriz-nascimento>

## 2.2 APROXIMANDO A ESCRIVIVÊNCIA DA ETNOGRAFIA

As contribuições teóricas de Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo, bem como as suas trajetórias como lideranças negras no Brasil, são norteadoras para a definição desta metodologia, que compreende que não existe, portanto, uma identidade única para as mulheres, pois, a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinada (BAIRROS, Luiza, 1995). As trajetórias intelectuais dessas autoras demonstram como a escrita de vivências pode impactar na organização social e política a qual são referências.

A escrita de vivências femininas reconstrói uma história e como a memória feminina é um instrumento atento a detalhes dos processos sociais que permeiam diversas peculiaridades da vida, o registro de suas perspectivas informam sobre questões cruciais para a vida em sociedade e por esse motivo, por elas apresentarem perspectivas semelhantes as mulheres que as leem, elas tomam uma posição de referência de atuação política.

Por ocuparem espaços distintos na sociedade as mulheres constituem suas lembranças também de maneiras distintas, há aquelas que tanto na memória oral como na escrita, criam versões da vida familiar, constituindo uma história semioficial (PERROT, Micheli, 1989), e há aquelas ainda que na oralidade e na autodefinição de sua história fazem do contar de suas trajetórias um ato político (COLLINS, Patrícia Hill, 2016). Em ambos os casos a visão feminina da história incorpora a categoria gênero na produção científica e aponta para uma sexualização da experiência humana no discurso (RAGO, Margareth 1998).

Desse modo, refletir sobre os significados e representações do papel social que a mulher desempenha durante o curso da vida nos permite observar nuances da conjuntura das sociedades contemporâneas, portanto, analisar memórias é uma maneira de sistematizar lembranças que identificam processos sociais bem demarcados, principalmente quando se trata de relatos de experiência de pessoas idosas pois, elas atravessaram a realidade de um determinado tipo de sociedade com padrões culturais e sociais bem estabelecidos e as suas lembranças esclarecem o modo de vivência de uma geração (BOSI, Ecléia, 1994).

Considerando essas especificidades da memória feminina em sua condição geracional irei ponderar como os diferentes métodos e técnicas da pesquisa qualitativa (histórias de vida, autobiografias, biografias e relatos de experiência) contribuem para os estudos sobre o envelhecimento. Meu objetivo é refletir sobre como esses recursos metodológicos seriam

potenciais na apreensão do modo de significação do processo do envelhecimento, especificamente em relação a velhice, vivenciada e significada por mulheres.

Para compreender as escolhas tomadas por mulheres de mais idade, me proponho aqui a realizar o exercício de conhecer a abordagem biográfica nos estudos qualitativos. Tendo em vista os apontamentos destacados anteriormente, que consideram os percursos cotidianos de seres individuais na formação das realidades sociais, acredito ser importante estabelecer uma posição que trata as integrantes deste estudo como interlocutoras, o meu intuito é produzir uma etnografia que se faz “com” elas e não “para” elas. Dessa maneira, não é meu objetivo transformá-las em um objeto de estudo, mas sim, pretendo tornar possível o movimento de diálogo (GIUMBELLI, 2002).

Esse é um dos grandes desafios no século XX, em que nós, como antropólogos e “nativos” devemos nos preocupar com a interlocução das nossas análises e de nossa escrita. O feminismo faz esse jogo de contextos pois, lida com a teoria escrita e o que não é teorizado mas vivenciado cotidianamente, e então a antropologia tem o desafio de brincar com essa realidade de escritoras que são ativistas e cientistas ao mesmo tempo (STRATHERN, Marilyn, 2014, p.231).

Sobretudo, as interlocutoras, também, compõem esse desafio, pois, elas se somam nesse contexto de significar suas vivências através do ativismo e, portanto, produzem interpretações sobre a vida em sociedade, e é em razão dessa característica que as considero como parte ativa na construção de análises.

Tendo em vista essa realidade, a escrevivência torna-se um importante referencial metodológico de compreensão das distintas narrativas femininas, que possuem corpo, condição e experiência (OLIVEIRA, 2009). Diante disso para melhor estabelecer uma interlocução com as agentes de pesquisa, proponho como ferramenta para as pesquisas sobre a velhice os relatos de experiências de abordagem biográfica, por acreditar que só seria possível escrever vivências se as conhecemos pela perspectiva de quem vivenciou e permanece a vivenciá-las.

Sob uma abordagem biográfica, os relatos de experiência podem promover a escrita de vivências e narrativas no fazer etnográfico, possibilitando, neste caso em específico, mapear os caminhos percorridos por mulheres idosas com vida pública ativa.

A abordagem biográfica, neste estudo, exige uma capacidade analítica de compreender as significações e análises de mundo em que as interlocutoras de pesquisa formulam, caminhando no sentido contrário de encaixá-los em categorias externas, pré-definidas, portanto, traçar trajetórias significa apreender a configuração de uma experiência de vida singular que informa sobre a situação social (KOFES, Suely 2001).

Desta forma, o exercício que proponho aqui é cruzar histórias que compartilham de uma experiência social comum: envelhecer, ser mulher e ocupar lugares de destaque na vida pública. A fonte de informação que me interessa portanto, é a forma como as interlocutoras compõe seus relatos de experiência de vida, de modo a dimensionar e interpretar a realidade social vivida por elas, isto é, a partir de interpretações individuais busco apreender experiências sociais.

Segundo Suely Kofes (1994) é nesse sentido que as histórias de vida ainda se apresentam como instrumentos fundamentais para a compreensão e análise de relações sociais, de processos culturais e do jogo sempre combinado entre atores individuais e experiências sociais, entre objetividade e subjetividade (KOFES, Suely, 1994, p. 140).

A abordagem biográfica ganhou espaço na medida em que a história oral é revalorizada na academia (PEREIRA, Lígia Maria L., 2000), presente em todos os métodos e técnicas de fonte oral: histórias de vida, autobiografias e biografias, ela estabelece que comumente em todos esses métodos há uma sequência biográfica da vida individual. Contudo, o que diferencia cada modalidade é quem controla o registro da narrativa.

Na técnica de histórias de vida, a narrativa é mediada por quem pesquisa, ao passo que na autobiografia é a narrativa da própria existência, quem narra é quem vivenciou e controla a versão que quer apresentar de si, e a biografia é a narração de uma história controlada por outro (PEREIRA, Lígia Maria L., 2000).

As diversas maneiras de se narrar a história oral enquadram as nossas construções históricas, afinal cada pessoa representa um pedaço da história e suas experiências individuais demarcam os processos sociais em curso. No entanto, é de suma importância manter-se vigilante quanto a contextualização, trazendo a crítica como um elemento constante nesse tipo de pesquisa, pois, há tantos ganhos quanto desvantagens nos usos da história oral de teor biográfico.

Nas biografias e histórias de vida, o diálogo é parte principal do processo, contudo, na autobiografia e relatos escritos, como diários pessoais, a falta de troca e conversa permite que lacunas se abram e não sejam compreendidas, portanto, os depoimentos orais tornam-se cruciais para preencher essas lacunas (FERREIRA, Marieta M., 2005).

No entanto, devemos considerar que a pesquisa se transforma em comunicação por intermédio do processo de escrita do texto (LEVI, 2005, p. 169), portanto, cabe aos pesquisadores o cuidado de não se colocar em posição de julgar quais são as verdades ou incoerências nos relatos de experiência, afinal é a análise do conteúdo das informações prestadas que nos importam, suas representações e significados sobre a realidade social.

Contudo, é indispensável reconhecer a necessidade de contextualização e reconstrução da superfície social em que se localiza o interlocutor, mas, ainda assim, não nos cabe a dúvida, pois até mesmo as incertezas e lapsos no enredo das histórias informam sobre as leituras de mundo do interlocutor.

Sob essa perspectiva, escolho aderir a concepção referenciada por Suely Kofes (2001) que demonstra que a abordagem biográfica implica por parte do pesquisador, uma atitude analítica que procura não encaixar o objeto em categorias externas, mas compreender os campos semânticos dos próprios agentes (KOFES, Suely, 2001, p. 27).

Isto é, interpreta-se as vicissitudes biográficas em contexto por meio da singularidade de trajetórias (LEVI, 2005), nessa perspectiva, trabalhar com contextos mobilizados por memórias de pessoas de mais idade contribui para a apreensão do modo como toda uma geração compreende os processos sociais.

Ecléia Bosi (1994) ao estudar as memórias de velhos nos mostra que as lembranças identificam uma história social bem esclarecida, nesse sentido, a memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações (BOSI, Ecléia, 2003, p. 202). Portanto, trabalhar com a perspectiva biográfica se mostra como uma estratégia pertinente na análise dos relatos de experiências, pois, se o intuito não é descrever diretamente os retratos desenhados nas narrativas e sim o que o seu conteúdo evoca, a forma como se narra e os elementos destacados durante a fala são cruciais para se apreender esse conteúdo.

Considerado os pontos positivos e negativos com relação ao uso das biografias no fazer etnográfico, ao aproximar esse debate metodológico do modelo de produção literária de

Conceição Evaristo, a escrevivência, construímos um instrumento importante para a antropologia, que como afirma Mariza Peirano (2014), só é boa quando também se constitui como contribuição teórica e se distancia de descrições jornalísticas, ou o fetichismo de curiosidades sobre o outro, nesse caso não traria nenhum aporte teórico (PEIRANO, Mariza, 2014, p. 382).

Isso significa que quando argumento que ao escrever vivências pensadoras criam conceitos e tornam-se referenciais teóricos, o que acaba por colocá-las em posições de destaque, busco demonstrar que elas fazem um movimento de construção de um aporte teórico, baseado em outras vozes, não convencionais, e essas vozes passam a se espelhar ou se identificar com as trajetórias de teóricas como Conceição, Lélia e Sueli.

Assim, a escrevivência, torna-se um instrumento discursivo e literário, conforme o indicado por Mariza Peirano (2014), quando discute que a etnografia não é apenas um método de pesquisa, mas sim uma construção teórica e um recurso literário de produção intelectual que transformam experiências, que foram intensamente vividas no campo, em texto (PEIRANO, Mariza, 2014, p. 386).

Esse movimento teórico torna passível uma antropologia polifônica em que há pluralidade de vozes que compõem a cena de investigação etnográfica, essas vozes têm de ser distinguidas e jamais caladas pelo tom imperial e muitas vezes autoritário de um autor esquivo, escondido no interior dessa primeira pessoa do plural. Tal como afirma Roberto Cardoso de Oliveira (1996):

A chamada antropologia polifônica, na qual teoricamente se daria espaço para vozes de todos os atores do cenário etnográfico, remete sobretudo, no meu entendimento, para a responsabilidade específica da voz do antropólogo, autor do discurso próprio da disciplina, que não pode ficar obscurecido (ou seja substituído) pelas transcrições das falas dos entrevistados. (OLIVEIRA, 1996, p.27)

Nesse sentido, proponho que, o escre(viver), se coloque como um exercício de construção de pontes de diálogo entre diferentes vozes em diversos âmbitos, a comunidade acadêmica, interlocutores de pesquisa, em suas distintas posições sociais, pesquisadores, leitores e estudantes.

As psicólogas SOARES, Lisandra V. e MACHADO, Paula S. (2017), apresentam uma proposta de aplicação da escrevivência como metodologia na produção de conhecimento na psicologia social, as estudiosas, apontam que a escrevivência, em meio a diversos recursos

metodológicos de escrita, utiliza-se da experiência do autor para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres. (SOARES, Lisandra V. e MACHADO, Paula S., 2017, P 206), dessa maneira, as autoras utilizaram a escrevivência para:

[...] narrar histórias de vida de mulheres que eram acompanhadas pela proteção social básica, no âmbito da política nacional de Assistência Social. A partir da minha posicionalidade como mulher negra, psicóloga e trabalhadora do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), ficcionalizei histórias de vida de responsáveis familiares vinculadas aos serviços do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), construindo histórias vivenciadas no cotidiano de trabalho, mas também recuperadas da memória de minha própria história e de mulheres negras que fazem parte da minha família, cuja posicionalidade se aproxima daquela ocupada pelas mulheres acompanhadas pelo CRAS. (SOARES, Lisandra V. e MACHADO, Paula S., 2017, P. 207)

SOARES, Lisandra V. e MACHADO, Paula S. (2017), aderem a perspectiva de Conceição de modo a relacionar as suas próprias experiências com as experiências das agentes, produzindo um produto literário com objetividade, mas aproximando a realidade das mulheres que acompanharam em sua pesquisa.

No meu caso, a posicionalidade em comum, como mulher idosa, não pode ser adquirida, mas ainda considero que a condição de mulher me faz experimentar situações aproximadas as minhas interlocutoras, o que possibilita que a escrevivência seja desenvolvida aqui como uma narrativa mediada por mim, como pesquisadora, mas não de forma ficcional, como o que Lisandra e Paula (2017) propõem, mas como ferramenta de construção de relato das trajetórias, na escrita etnográfica, recuperando memórias da história de mulheres, visualizando os impactos do comportamento feminino de uma geração, que também influenciam como a minha geração pode desenvolver perspectivas sobre a questão do envelhecimento de mulheres e atuação na vida pública.

A escrevivência se produz com o objetivo de desenrolar fios de experiências múltiplas (SOARES, Lisandra V. e MACHADO, Paula S., 2017) que, ao mesmo tempo, se enredam nas histórias de mulheres que possuem uma posição compartilhada, a geração, além de se apresentar como uma escolha analítico-metodológica para apresentar as histórias de vida de mulheres, que se articulam entre si, e também podem tocar as perspectivas de envelhecimento da minha geração jovem ou de mulheres adultas.

Esse posicionamento teórico é parte do movimento que a teoria feminista têm aderido nas últimas décadas, que como aponta Margareth Rago (2014) propõe uma nova relação entre teoria e prática:

Ao contrário do desligamento do cientista em relação ao seu objeto de conhecimento, o que permitiria produzir um conhecimento neutro, livre de interferências subjetivas, clama-se pelo envolvimento do sujeito com seu objeto. Uma nova ideia da produção do conhecimento: não o cientista isolado em seu gabinete, testando seu método acabado na realidade empírica, livre das emoções desviantes do contato social, mas um processo de conhecimento construído por indivíduos em interação, em diálogo crítico, contrastando seus diferentes pontos de vista, alterando suas observações, teorias e hipóteses, sem um método pronto. Reafirma-se a ideia de que o caminho se constrói caminhando e interagindo. (RAGO, Margareth, p. 11-12)

Considerando as interações e construções mútuas durante o percurso da pesquisa, é possível afirmar que os relatos de experiências de vida, que apresentaremos no próximo capítulo, possui a minha mediação, mas diferente da técnica de trajetória de vida, em que o controle da narrativa é especialmente do pesquisador (PEREIRA, Lígia Maria L., 2000), sob a sua perspectiva e análise, o uso da escrevivência faz com que ambas as vozes, pesquisadores e interlocutores, estejam presentes.

Recentemente, participando de uma mesa sobre processos criativos dentro da mesma festa literária em que conheci Conceição Evaristo, a FLIM do ano de 2019, reafirmei a visão de que o processo de produção de um texto etnográfico não é muito diferente do processo criativo de um artista, o que esclareceu como se possibilitaria o uso do conceito de escrevivência de Conceição como recurso metodológico.

Naquela mesa estavam presentes uma atriz, uma escritora, um roteirista e uma compositora e o ponto em comum entre eles, e me atrevo a dizer que é o que nos instiga e movimenta no fazer etnográfico também, é que o processo criativo se coloca como uma relação dinâmica com a sociedade. A compositora<sup>17</sup> elucidava o seu processo criativo como uma coleção de experiências que a formou como ser social e que conseqüentemente constitui suas obras, que é permeada por essas experimentações que são individuais mas, que possuem um conteúdo social, cultural e político.

Trago essa perspectiva do processo criativo para demonstrar que assim como a produção de Conceição, e de outros artistas que desenvolvem métodos e técnicas de retratar o mundo e tocar seu público sob uma perspectiva plural e cotidiana, nós cientistas sociais devemos considerar que nossa obra é produto da estrutura social e está exposta as interferências e envolvimento da nossa autoria, que não são neutras e nem por isso deixam de ser objetivas.

---

17 Essa compositora é minha amiga Camila Fernanda Silva de Souza, agradeço a ela pelo apoio e inspiração.



Reconhecer que o fazer etnográfico resulta em um produto que coleciona experiências, de pesquisadores e interlocutores, é fazer possível a construção de uma obra aproximada a realidade das pessoas que compõem o objeto de pesquisa. Esse movimento pode até mesmo revelar muito mais sobre a questão de pesquisa, como é possível perceber que ao estabelecer um diálogo teórico com Conceição foi possível dimensionar premissas que formam uma liderança feminina negra no Brasil.

Diante dessa abertura nos caminhos metodológicos da pesquisa com mulheres idosas promovida pelo encontro com Conceição Evaristo, considerando suas aproximações com o fazer etnográfico, vejamos como as narrativas e escrevivências conformam relatos de experiências femininas no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 3**

### **ENVELHECENDO EM MOVIMENTO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS FEMININAS**

A minha chegada ao campo não se deu por meio de um processo solitário tal como relatou Malinowski (1978) ao chegar as Ilhas Trobriand. Eu não fui a pesquisadora que viu sua lancha se afastar da aldeia nativa, mesmo que metaforicamente, isso porque o meu campo têm se estabelecido da cadeira da minha casa, pelo menos inicialmente. Posicionada diante do meu computador busquei descobrir quem são e onde estão minhas interlocutoras, é navegando pela internet que encontro notícias e referências de mulheres que apresentam o perfil que pretendo conhecer. Portanto, a integração como “nativa” para compreender o modo de vida dessas mulheres não foi estritamente necessária, afinal me localizo na mesma sociedade que elas e também sou mulher, o que nos distancia significativamente é a diferença geracional, perspectivas de classe e raça.

Contudo, diversas estratégias para estabelecer contato com as interlocutoras precisaram ser criadas e nem todas foram virtuais, em grande medida precisei escolher as pessoas que melhor traduziriam as problemáticas do tema de pesquisa e buscar maneiras de cativá-las a participar das entrevistas. Falando desse jeito o processo parece razoavelmente fácil, no entanto, como já foi relatado em inúmeras experiências etnográficas, nenhum campo é fácil.

Pode parecer que eu tenha descrito uma experiência etnográfica que se assemelha exatamente àquela que Malinowski tanto criticou, a antropologia de gabinete, no entanto, me atrevo a afirmar que as semelhanças entre o meu trabalho e a incursão empírica, tão debatida pelos clássicos da antropologia, são muitas.

#### **3.1 UMA DESCRIÇÃO DE CAMPO**

Como me dedico a estudar a participação social e política de mulheres idosas que construíram uma trajetória de vida pública ativa, antes e durante o processo do envelhecimento, o passo inicial para a escolha de interlocutoras deste estudo foi realizar um mapeamento de perfis de mulheres que possuem trajetórias que sintetizam essa temática. Busquei notícias e referências de mulheres que em alguma medida possuem destaque na vida social nos mais diversos segmentos: empresarial, filantrópico, político, artístico e cultural.

Ao delinear um perfil geral procurei pelas redes sociais, jornais online e sites de busca, possíveis organizações que poderiam agregar essas mulheres, ONG'S, Partidos Políticos, Empresas Estatais, Associações, Movimentos Sociais, dentre outras. A busca abrangeu todas as regiões do Brasil e alguns países da América Latina, pois, a proposta inicial deste estudo era traçar parâmetros entre os países da região, proposta que não pode ser cumprida em razão de negativas nos contatos com mulheres de outros países.

Com essa seleção de informações construí quadros onde detalhei um perfil básico de cada possível entrevistada, com nome completo, minibiografias, e meios de contato. Um mapeamento com cerca de três perfis por país latinoamericano e região do Brasil<sup>18</sup>.

Vale ressaltar que dentre as mulheres mapeadas, cerca de 33, três mulheres trans apareceram com grande destaque dentro dos movimentos LGBTTI, acredito que a supervalorização de suas trajetórias seja pela baixa expectativa de vida dessas mulheres. Sabe-se que, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA) a expectativa de mulheres trans e travestis é de 35 anos de idade<sup>19</sup>. Em entrevista realizada no mês de maio com uma ativista LGBTTI, Elena, pedi indicações de ativistas trans, quando realizei contato com a indicação dela, Fernanda, soube que ela possuía 53 anos de idade, e como a mesma fez questão de destacar ela “não é considerada idosa”, no entanto, insisti em realizar a entrevista, por acreditar que sua perspectiva sobre envelhecimento poderia colaborar em minhas análises, sobretudo, por considerar que mesmo mais jovem, Fernanda ainda faz parte da posição geracional escolhida para este estudo, a de mulheres nascidas entre a década de 40 e 60.

No que se refere as faixas etárias, foi perceptível uma boa distribuição, a média foi de 72 anos de idade, sendo possível encontrar mulheres atuantes nos mais diversos segmentos, sindicalistas, artistas, militantes de movimentos sociais, principalmente os movimentos contra as ditaduras da América Latina e de mães vítimas de violência, como tráfico de pessoas e homicídios, além de uma quantia considerável de parlamentares, um total de 8 mulheres, segmento que fica atrás apenas das mulheres afetas aos movimentos sociais tradicionais, um total de 9, o que revela que a atuação política é o principal meio de articulação de mulheres dessa geração que possuem posições de destaque.

---

18 Mapeamento disponível nos quadros 3 e 4 em anexo 1.

19 Fonte: ANTRA (Associação de travestis e transsexuais) - Mapa de Assassinatos de Travestis e Transsexuais no Brasil em 2017, disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>

Feito esse mapeamento inicial e exploratório enviei uma carta convite<sup>20</sup> por e-mail para alguns perfis pontuais, com características distintas de classe social, cor e atuação, e obtive poucas respostas. Na carta propus a construção de um relato escrito<sup>21</sup>, pois, foi a alternativa que me pareceu ser a mais viável inicialmente, considerando a distância entre mim e as interlocutoras. No todo, obtive resposta positiva de cerca de cinco mulheres, no entanto, algumas apresentaram novas sugestões para a sua participação, e apenas duas aceitaram realizar o relato de experiência por escrito, a nova sugestão era que a entrevista se realizasse pelo aplicativo de mensagens instantâneas do celular.

Foi possível perceber que as participantes apresentaram certa resistência pelo contato virtual, primeiramente na demora em responder meus convites, seguido do desconforto com a proposta de realizar os relatos escritos, o que significaria a utilização de ferramentas eletrônicas para a redação de texto, que pode revelar uma falta de intimidade com o recurso ou uma indisposição de tempo para a realização da tarefa. Por essa razão decidi diversificar os procedimentos para viabilizar as entrevistas, desta forma cada entrevistada pôde escolher a melhor maneira de relatar sua trajetória.

Ao considerar esse contexto do contato virtual, posso afirmar que minhas interlocutoras se encaixam na categoria de imigrantes digitais, pois, são pessoas nascidas antes do advento das tecnologias de informação e comunicação (TIC'S), que se viram obrigadas a utilizá-las, geralmente, no campo laboral, e mantêm comportamentos e atitudes que revelam sua relação artificial com as tecnologias (STENGEL; DOURADO; DIAS; SOARES; FRICHE; FRAGA; LOCATELLI e SANTOS, 2018). O que se apresenta como uma relação muito diferente da que nativos digitais mantêm com as tecnologias, pois já nascemos rodeados pelas TIC'S e temos mais intimidade no manuseio de suas ferramentas.

Por esse motivo, ao visualizar minhas interlocutoras como imigrantes digitais, não acredito que essa etnografia poderia se encaixar em categorizações como netnografia ou etnografia virtual, mesmo considerando que as comunicações online foram estritamente importantes para a viabilização das entrevistas. Defendo esse posicionamento, em razão de perceber que a defesa dessas nomenclaturas entende o ciberespaço como um lugar (POLIVANOV, Beatriz, 2013), e embora, realmente devemos admitir que há uma vida virtual e uma construção de espaços habitáveis socialmente nesse meio, podemos nos questionar

---

20 O modelo da carta convite está no anexo 3.

21 O roteiro de construção de relato escrito está no anexo 4.

quem habita o ciberespaço de maneira concreta e não o utiliza apenas como mediação ou uma ferramenta de comunicação? Seriam os nativos digitais?

A internet pode ser considerada uma cultura ou artefato cultural, como aponta POLIVANOV, Beatriz (2013), ou seja, a internet vista como um espaço em que a cultura é constituída e reconstituída (HINE, 2000, p. 9 apud POLIVANOV, Beatriz, 2013). Essa perspectiva considera que há uma diferença entre a vida online e a vida off-line, por outro lado, a perspectiva que considera a internet como um artefato cultural, a coloca como um produto da cultura, uma tecnologia que media relações, em que tem seu significado e a própria necessidade de manuseio produzida por pessoas, com objetivos específicos da cultura em que vivemos (POLIVANOV, Beatriz, 2013).

Para as imigrantes digitais a relação com a internet é muito mais próxima dessa perspectiva do uso de artefato cultural, pois elas se veem obrigadas a aderir as tecnologias para viabilizar a sua vida em sociedade, mas não lidam com isso de uma maneira orgânica, elas não possuem uma vida online, como as pessoas nativas digitais, e por mais que a distinção entre nativos e imigrantes digitais não pode ser feita exclusivamente pela data de nascimento, há de se considerar a relação que estabelecem com as TIC'S, ou seja, se passaram ou não pela adaptação digital, mantendo uma familiaridade com elas (STENGEL; DOURADO; DIAS; SOARES; FRICHE; FRAGA; Locatelli e SANTOS, 2018)

A posição geracional das interlocutoras deste estudo, possibilita que a internet chegue em suas vidas em um momento que a forma de estabelecer suas relações e construir espaços de socialização já estão bem solidificados e, portanto, a internet é só mais uma ferramenta que elas terão que aprender a manusear, assim como foram os telefones móveis.

Tendo em vista essa dinâmica, seria possível que me questionassem se a amostra ou a coleta de dados não se comprometeria, pois, embora haja muitos contatos realizados virtualmente, em decorrência da relação das interlocutoras com as tecnologias, alternativas diversas precisaram ser criadas, formas distintas de coleta das informações foram mobilizadas. Mas defendo que em razão da minha intenção de pesquisa se orientar na valorização das percepções que cada participante detém sobre a temática proposta, a forma como essas percepções são apresentadas, seja pela oralidade ou a escrita, não são tão importantes quanto o modo que se informa seus conteúdos ou a postura adotada por cada uma ao apresentar sua trajetória.

Apesar de rezear a adesão de diferentes plataformas para a viabilização das entrevistas, posso afirmar que obtive boas experiências de campo, principalmente no que se refere a primeira entrevista, que foi realizada pelo aplicativo de mensagens instantâneas do celular, embora essa entrevista tenha se prolongado por um longo período, cerca de 20 dias, em razão de haver espaços intervalos entre uma mensagem e outra, todas gravadas em áudio, percebi uma pequena aproximação que possibilitou o conforto da entrevistada durante as respostas, o que permitiu uma maior dedicação no repasse de informações.

Embora, eu tenha salientado inicialmente que esta pesquisa esteja concentrada, em grande medida, pelo contato virtual, não posso ignorar o fato de que a maior parte dos encontros foram possíveis apenas por conversas presenciais, três dentre as seis interlocutoras foram entrevistadas pessoalmente.

Uma das interlocutoras, Fátima, mora, inclusive, em Maringá (PR), cidade em que resido, e as outras, Elena e Leonor, residem em locais que eventualmente tive a oportunidade de estar presente durante o período da pesquisa por motivos acadêmicos. Nesse sentido, podemos considerar que o “estar aqui” e “estar lá” referenciados por Geertz ao tratar do trabalho de campo (estar lá) e da etnografia (estar aqui) não mais correspondem a lugares distantes entre si (GIUMBELLI, 2002, p. 104).

Ao passo que como pesquisadora estabeleci redes de produção acadêmica, compartilhei sobre a pesquisa com colegas de trabalho e alunos, oportunidades de campo apareceram, assim como relatei no capítulo 2 sobre o encontro com Conceição Evaristo, o contato realizado com uma das maiores produtoras de soja do país, Fátima, residente em Maringá (PR), foi viabilizado nesses momentos de troca com os pares.

Em um dos ciclos de formação de professores do colégio em que trabalhei em 2018, uma parceria com o Rotary Club foi realizada e ao conversar com a equipe pedagógica descobri que a presidente do Clube de filiação de Fátima estava presente e era minha colega de trabalho, fui colocada em contato com ela e recebi o convite para participar de uma das reuniões do clube logo na manhã seguinte. Infelizmente Fátima não estava presente nessa reunião, mas conheci uma liderança da Sociedade Rural da cidade que me forneceu o contato dela. Depois de algum tempo, fazendo ligações e escrevendo para Fátima no aplicativo de mensagens instantâneas, consegui marcar uma entrevista pessoalmente com ela.

É notável nesse caso que os trânsitos que percorremos na vida profissional e acadêmica possibilitam alguns contatos imprevistos que dinamizam a pesquisa. As entrevistas

de Leonor e Fernanda também surgiram nesse contexto, Leonor foi indicada por uma integrante dos grupos de pesquisa que faço parte na universidade<sup>22</sup>, e em uma missão discente<sup>23</sup> realizada em maio de 2019 em Florianópolis (SC), consegui encontrá-la. Já Fernanda, que participou com seu relato escrito, foi indicação de Elena. A entrevista de Elena foi resultado dos contatos iniciais realizados depois do mapeamento online, assim como Raquel, que também participou com relato escrito, mas no caso da historiadora, tive a oportunidade de marcar um encontro pessoal no período em que estive em Curitiba (PR) para apresentação de um trabalho acadêmico.

Perceba que aqui a escrita etnográfica está estreitamente ligada com o trabalho de campo, não há uma cisão clara entre esses dois momentos, A pesquisa etnográfica, portanto, torna-se parte do nosso cotidiano, nós não precisamos necessariamente ir para ilhas exóticas ou tratar de casos excepcionais para fazer etnografia, eventos rotineiros também causam surpresas, inspiram *insights* e promovem encontros e descobertas. Deste modo, a pesquisa de campo não tem um momento exato para começar ou acabar (PEIRANO, 2014).

Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonemos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos. (PEIRANO, 2014, p.379)

Tento em vista essa perspectiva é que afirmo que o meu fazer etnográfico se diferencia um pouco do clássico trabalho de campo, aquele cunhado e ensinado por Malinowski (1998), isso porque eu falo de uma cultura que não me é estranha, pois, também sou agente da própria cultura que estudo, sou nativa/etnógrafa, assim como afirma Peirano (2014).

Nesse sentido, pesquisar sobre mulheres idosas não é pesquisar sobre o outro (o diferente), é tratar de temáticas que diretamente se relacionam comigo em minha condição de mulher, pois envelhecer na nossa sociedade é uma projeção para o curso da minha vida e de outras mulheres jovens como eu e embora minhas interlocutoras sejam de uma geração distinta da minha, ou pertencem a classe, cor ou regiões diferentes, muitas das questões que permeiam suas trajetórias de vida se ligam a questões que mulheres da minha geração devem lidar para construir suas próprias trajetórias.

---

22 Essa integrante é Carla Ayres, agradeço pela indicação.

23 Viabilizada pelo Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD), em que UFSC, UEM E UNESP são parceiras para realizar pesquisas sobre a participação política democrática, a missão discente em questão é um projeto em que os discentes envolvidos nos núcleos de pesquisa que integram o PROCAD realizam um breve intercâmbio universitário. Tive a oportunidade de ficar um mês em Florianópolis, participando de disciplinas, grupos de estudos e durante a minha estadia na cidade encontrei Leonor.

A relação geracional é, portanto, inter-relacional, ou seja, devemos considerar a existência de uma herança cultural acumulada na realidade social (MANNHEIM, 1982, p.74), deste modo, as experiências de mulheres de gerações mais velhas informam também sobre a vivência da mulher de uma geração mais jovem, assim como eu e as possíveis leitoras deste texto que pertencem a diversas gerações que convivem entre si.

A condição de gênero se mostra como uma categoria de análise importante nesse sentido, pois, assim como afirma Joan W. Scott (1990), o gênero é uma forma de significar as relações de poder, portanto, as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder (SCOTT, Joan Wallach, 1990, p.86). Dessa maneira, o pertencimento de gênero pode influenciar nossas visões de mundo e a maneira com que lidamos com os processos políticos e sociais que atravessam a vivência social

À vista disso, busquei orientar os roteiros das entrevistas de modo a garantir a centralidade das percepções sobre a vida social. Valorizei, portanto, o relato da construção de trajetória de vida buscando destacar elementos como a relação com a vida familiar e a vida pública, a entrada no mercado de trabalho, dinâmicas cotidianas de convivência social, e, até mesmo, valores relevantes para a conduta na vida social.

Contudo, busquei ressaltar que a questão crucial da pesquisa é compreender a condição de mulher, questionando se ser mulher influencia consideravelmente nas experiências pessoais, profissionais ou sociais, sobretudo, se a atuação feminina na sociedade é algo relevante.

Além disso, a questão geracional, sobre o sentir-se idosa ou não, precisou ser muito bem demarcada, questionando se é perceptível diferenças entre a construção da sua trajetória em relação a gerações anteriores e, principalmente, sobre como elas se percebem com relação ao envelhecimento, ponto que inclusive não era uma questão inicialmente, no entanto, em todos os encontros que tive as entrevistadas fizeram questão de demarcar o seu sentimento sobre a velhice. Uma das interlocutoras, inclusive, sugeriu que eu mudasse o nome do projeto de pesquisa, pois ela não se sentia uma mulher idosa, mas sim, uma mulher madura e, por fim, eu acabei por acatar seu pedido.

É perceptível, portanto, que o maior desafio na construção do roteiro de entrevista<sup>24</sup> é delinear uma conversa sem que perguntas muito diretas engessassem o diálogo, dessa maneira, a minha estratégia foi fazer pequenas intervenções que tragam temáticas para o

---

24 O roteiro de entrevista está no anexo 6.



relato de experiência, que deve ser abordado com a maior simplicidade e fluência possível, por esse motivo escolhi iniciar a entrevista apresentando a temática da pesquisa, mas ressaltando que primeiramente o meu interesse é conhecê-las, saber de suas histórias e percepções sobre o mundo e si mesmas.

O intuito dessa postura como entrevistadora é proporcionar um maior conforto na fala das interlocutoras, o que não é muito difícil de se conquistar, pois, se tratando de mulheres de mais idade é perceptível seu gosto por relatar suas trajetórias e conquistas. E essa característica me incentivou ainda mais a utilizar a abordagem biográfica nas entrevistas.

Contudo, acredito que seja relevante um destaque para as diferenças nos retornos dos depoimentos, assim como relatei acima, quatro das falas recolhidas atenderam o formato convencional, de entrevistas semiestruturadas, uma realizada por áudio no aplicativo de mensagens instantâneas e as outras três pessoalmente.

Essas três modalidades de recolhimento de falas, conversas pessoalmente, trocas de áudios e relatos escritos, demonstram que nos relatos de histórias de vida há um movimento de apresentação formal de si. O discurso desenvolvido, principalmente, nos relatos escritos, se molda como uma apresentação pública, mais engessada. Esse movimento aparece em menor proporção na entrevista realizada por áudios e menor ainda nas realizadas pessoalmente. Tive a impressão que a minha intervenção imediata proporcionou uma maior dinâmica no fornecimento das informações, enquanto no relato escrito a participante se concentra em elaborar o que acredita ser relevante em sua trajetória oficial, sem a orientação de temas e questões apresentadas pelo entrevistador.

Nesse sentido, as entrevistas realizadas neste estudo, demonstram que a realização de entrevistas pessoais é crucial para que se apreenda as formulações dos entrevistados,

Assim como discutimos no capítulo anterior, a relação entre memória e história, e até mesmo da escrita etnográfica está muito próxima as ficções que construímos sobre a nossa vida em sociedade, e como diria Conceição Evaristo (2006), essas ficções são cotidianas e não deixam de informar sobre uma condição social, elas nos iludem, mas não como ilusões desconexas com a realidade são invenções sobre si e sobre o mundo que está a sua volta baseados na realidade prática.

Compreender os campos semânticos dos próprios agentes (KOFES, Suely, 2001, P. 27) se trata disso, da capacidade que, como cientistas, devemos desenvolver para a leitura desses dados, mesmo os encobertos pela apresentação oficial de uma história, de acordo com a

realidade e as necessidades que nossos agentes de pesquisa impõe. Dessa maneira, foi possível perceber que alguns métodos e técnicas de pesquisa não são eficazes para a faixa etária de pessoas com 60 e mais anos, os relatos escritos se colocam como uma delas.

DAMASCENO, Tatiana (2016), ao realizar uma pesquisa sobre as percepções de idosos aposentados na Maringá Previdência, Autarquia responsável pela concessão e manutenção de benefícios previdenciários dos servidores públicos estatutários municipais, já havia diagnosticado que alguns métodos de pesquisa são ineficazes para esse público, e no caso da antropóloga, a tentativa de aplicar uma amostra de entrevistas, a fim de realizar uma análise quantitativa, se mostrou inviável, pois, os entrevistados se recusaram a participar, ou participavam das entrevistas fugindo das questões propostas e levantando as próprias preocupações para a conversa. Essa realidade fez com que DAMASCENO, Tatiana (2016), buscasse novas soluções e a solução foi a boa e velha entrevista semiestruturada realizada pessoalmente.

Os percalços da pesquisa de DAMASCENO, Tatiana (2016), nos mostra que ao entrevistar pessoas idosas é preciso atenção aos meios de recolhimento de dados, e como já destacamos, essa geração não é nativa digital e estabelece suas relações de uma forma mais direta e orgânica, baseada no contato pessoal e nas conversas e trocas de experiências pessoais, oferecendo aquele café para introduzir um caso sobre a sua vida familiar ou um acontecimento cotidiano.

No caso das mulheres que entrevistei, as que encontrei pessoalmente me levaram até os locais em se sentiam confortáveis, seja a sala da sua casa, a cadeira debaixo da tenda do partido ou o sofá de espera da instituição que coordena, cada uma me colocou diante do espaço que lhes apresentava como as mulheres que eu busquei referenciar ao realizar o convite a elas, de pessoas com posição de destaque.

No caso da entrevista realizada por áudio, eu também fui levada até o seu local de atuação, o escritório, onde Lídia formulava seus relatos, cada um a seu tempo, na medida em que ela decidira que devesse e pudesse. Esse contexto colocou as entrevistas por escrito em um lugar diferente no acesso de informações e na própria formulação das entrevistadas sobre si mesmas. Vejamos a seguir os relatos que elas apresentaram, primeiramente apresento uma síntese biográfica de cada entrevistada para que possamos conhecê-las, seguido das análises que suas falas inspiraram sobre o tema de pesquisa.

### 3.2 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS FEMININAS

Lídia, Raquel, Fátima, Leonor, Elena e Fernanda, essas são as seis interlocutoras deste estudo, que junto de Conceição Evaristo, me proporcionaram a possibilidade de dimensionar as suas percepções sobre a atuação da vida pública durante o processo do envelhecimento. Cada uma das participantes demonstraram que a forma com que se vive a velhice é produto das oportunidades e escolhas que tomamos durante o curso da vida e que o movimento e a construção de um valor condutor para sua trajetória é essencial para que se construa uma história de vida publicamente ativa. Pensando sobre esse movimento apresento uma síntese dos perfis e trajetórias de cada uma das mulheres que construíram este estudo.

Vale ressaltar que os perfis de Lídia, Fátima, Elena e Leonor são narrados por mim, que medieei seus relatos e pude traduzir um pouco de suas trajetórias para que possam conhecê-las. mas no caso de Raquel e Fernanda, transcrevo na íntegra os relatos escritos que elas me apresentaram, para que se possa ter a dimensão dessa apresentação pública de si, que se mostra muito próxima a uma versão oficial de uma trajetória. Tomei o cuidado, apenas de formular nomes fictícios para preservar o anonimato das participantes.

#### 3.2.1 Lídia

Gaúcha, natural de Campo Bom (RS). Lídia, viveu sua infância em Belo Horizonte com a sua família, na década de 1970, se mudou para Santa Catarina para formar-se em advocacia, onde conheceu seu companheiro e se casou logo que se formou. Lídia nunca teve filhos, o que facilitou a sua atividade na vida profissional e pública, segundo sua informação. Transitou por muitos caminhos: advogou, participou da administração de governos no estado de Santa Catarina, atuou no setor terciário e até mesmo foi âncora de um telejornal local, no entanto, a sua entrada no ramo empresarial foi o que delineou grande parte da sua atuação pública. Junto de seu marido, Lídia construiu um comércio de itens importados, de *delicatessen*<sup>25</sup>, com produtos de uma notável marca francesa, o negócio que durou cerca de 10 anos, entre o fim dos anos 1990 e início de 2000, fez com que ela tivesse uma grande visibilidade na cidade e acabasse sendo convidada a integrar a Associação Comercial de Florianópolis. Seu trabalho no associativismo tomou corpo e Lídia aos poucos foi integrando redes estaduais e nacionais do empresariado industrial e comercial. Sua principal atuação era criar núcleos de mulheres nesses espaços, Lídia atua há 20 anos no associativismo feminino.

---

25 Loja de iguarias exóticas, raras e de alto padrão.

### 3.2.2 Raquel

Eu Raquel, brasileira, solteira, nascida em Frei Paulo, Sergipe, em 01/07/1943, enfermeira aposentada. Filha de uma família de classe média, meu pai Funcionário Público e minha mãe Prendas Domésticas. Meus pais tiveram 23 filhos, sendo que 09 morreram crianças e dos 14 criados eu sou a 3ª filha. Depois eles adotaram mais 05 filhos. Meu ambiente familiar foi sempre de partilha, cada um ajudando o outro, legado ditado até os dias de hoje, pelos meus pais. Eles sempre participaram de movimentos sociais e religiosos fizeram parte por anos do movimento Leonístico Lions Clube Aracaju Serigy, onde minha mãe até os 93 anos participava de ações comunitárias, ensinando corte e costura as mulheres carentes da Comunidade do Rosa Elze. Morreu aos 97 anos engajada nessas ações.

Retornando à minha história, aos 18 anos, impulsionada pela Fé e com o objetivo de ajudar o próximo, ingressei no convento das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição onde desenvolvi várias atividades e ingressei no curso de Enfermagem. Com 8 anos de convento, vi que um dos meus objetivos de vida “ajudar ao próximo” tinha uma margem de ação limitada e percebi que poderia fazer muito mais, para que esse mundo se tornasse um mundo melhor, fora da congregação, engajada em ações comunitárias e aí em janeiro de 1972, deixei a Congregação e assumi a chefia de Enfermagem da Maternidade de Alagoinhas na Bahia. Fazia um trabalho voluntário na Pastoral da Saúde, orientando as famílias com Noções de Higiene e Primeiros Socorros.

Em 1973 após Concurso Federal, passo a trabalhar no Hospital Ana Nery em Salvador (BA). Posteriormente fui convidada para assumir a Chefia de Enfermagem do Instituto de Perinatologia da Bahia (IPERBA) acompanhando a formação de profissionais da Saúde nos cuidados de neonatologia pela OPAS (Organização Panamericana de Saúde).

Particpei de várias atividades científicas, nacionais e internacionais, como palestrante .e publiquei alguns artigos científicos.

Fui membro da Diretoria da ABEN (BA) Associação Brasileira de Enfermagem; do Sindicato de Enfermagem e do Conselho Federal de Enfermagem (COREN - BA) e do Sindicato de Enfermagem; membro do Conselho Estadual da Saúde da Bahia e do Conselho Nacional de Defesa da Criança e do Adolescente..

Durante todo o período profissional fui voluntária da Pastoral da Saúde ministrando cursos de formação de Primeiros Socorros e Atenção Primária de Saúde e atendendo a população de algumas favelas da cidade de Salvador (BA).

Em 1985 fui convidada pela Dra. Zilda Arns, Fundadora e Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança, para colaborar voluntariamente na Pastoral da Criança, inicialmente nos finais de Semana e posteriormente fui liberada pelo Ministério da Saúde, ficando a disposição em tempo integral). Iniciei a formação, capacitação e acompanhamento dos Agentes da Pastoral da Criança em todo o Nordeste e Norte e posteriormente em todo Brasil e outros países da America latina; no Continente asiático no Timor Leste onde fui por 3 vezes, sendo que na primeira vez fui com uma Equipe do Ministério da Saude, em 2001 (logo após a Guerra) no período de permanência do Grupo de Ação Humanitária da ONU, Coordenado por um brasileiro. Na segunda vez em 2002 fui com uma companheira Pedagoga e capacitadora da Pastoral da Criança, que além da Ações Básicas de Saúde e Nutrição implantamos também a Ação “Brinquedos e Brincadeiras”. Na terceira vez 2008, fui acompanhando a Dra. Zilda Arns numa Missão Humanitária e após o retorno da Dra. Zilda, permaneci mais 32 dias, capacitando novas lideranças e acompanhando os lideres e coordenadores das Dioceses.

Como membro da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança fui convidada pelo Ministério da Saúde fazer um Curso de especialização nas Ações Integradas de Saúde. Na Argentina e no Peru

Por 2 mandatos fui eleita para Secretaria de Conselho Diretor e continuo como Conselheira do Conselho Fiscal.

A Pastoral da Criança é um Organismo de Ação Social da CNBB – Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil, cujo Objetivo Geral é a EVANGELIZAÇÃO.

(Raquel, 76 anos, Aracaju - SE, 13/022019.)

### **3.2.3 Fátima**

Viúva, residente em Maringá, no Paraná. Fátima, é pedagoga de formação e agricultora por acidente, assim como a mesma qualificou. Filha de agricultores do interior de São Paulo, Fátima foi inserida nos trabalhos com a lavoura desde muito cedo, ainda criança, mas em sua adolescência foi enviada para morar com sua tia a fim de dar continuidade aos seus estudos e se formou como professora primária. Fátima dedicou-se a educação durante anos, sempre manteve sua independência financeira e profissional. Casou-se com um economista que atuou no cultivo agrícola, com ele teve 3 filhos, a 2º filha do casal nasceu com necessidades especiais, o que fez com que a pedagoga se afastasse de suas atividades profissionais durante o início de vida da sua filha. Logo Fátima retornou ao trabalho na escola e iniciou um curso superior, que proporcionou a sua formação em pedagogia. Seu marido ao ser atingido por uma doença terminal precisou de cuidados, o que fez com que Fátima se afastasse novamente de suas atividades profissionais para cuidar do esposo. No entanto, sua família possuía uma facção e lojas de roupas que ela administrou. Quando tinha 52 anos seu marido teve complicações em sua doença e a deixou. E Fátima se viu obrigada a dar continuidade aos negócios da família, ela afirma que se sentiu impelida a mostrar que seria capaz de tocar sua fazenda e não deixar o legado de seu marido cair. Atualmente, com mais de 15 anos de atuação no agronegócio, ela testou tecnologias agrícolas, buscou formação e ganhou por 3 vezes consecutivas o título de maior produtora de soja, sendo uma delas em nível nacional. Por esse motivo ela é intitulada de rainha da soja ou senhora dos laranjais. Pois, a sua produção de laranjas também já foi premiada. Reconhecida pela alta produtividade de suas lavouras ela é convidada para realizar palestras sobre a atuação feminina na agricultura em eventos do agronegócio.

### **3.2.4 Elena**

Nascida em 1951, natural do Rio de Janeiro pertence a uma família de intelectuais negros, bisneta do primeiro professor negro do Rio de Janeiro a lecionar em um Colégio Militar. Filha de uma matemática e um estatístico, Elena se formou em História, especialista em gênero e raça e foi pesquisadora do IBGE durante 34 anos. Atualmente aposentada, ela continua

trabalhando em tempo integral na equipe da Rede Mulheres Negras, na cidade de Curitiba e se mantém presente em organizações que se dedicam as pautas de luta política sobre sexualidade e negritude. Suas principais bandeiras são: gênero, raça e sexualidade ampliada para o debate da violência doméstica, da violência com mulheres e entre mulheres. Além do seu trabalho na Rede Mulheres Negras no Paraná, ela é integrante da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), organização em que ocupou cargos na diretoria nacional e foi representante do Conselho Nacional da Saúde. Militante do movimento negro desde 1980, Elena participou ativamente da organização de mulheres negras, em âmbito nacional e estadual no Rio de Janeiro, quando conheceu mulheres referenciais do feminismo negro brasileiro, como Lélia Gonzales e Beatriz Nascimento. Elena construiu uma trajetória atenta as questões raciais, no entanto, na década de 1990, por perceber que o movimento negro não tratava sobre a lesbianidade de mulheres negras, decidiu se dedicar a luta do movimento LGBTTI e desde então se organiza por essa pauta. Mãe de 2 filhos, teve que se afastar das atividades da militância entre os anos de 1993 a 1998 e apenas após esse período é que seu engajamento político foi mais efetivo, assumindo posições de representação e coordenação nas organizações a que pertencia, apenas quando seus filhos estavam mais independentes, já adolescentes. Em 2009, mudou-se para Curitiba e, como ela mesma afirma, foi motivada por causas afetivas, desde então atua politicamente na região.

### **3.2.5 Leonor**

Advogada, formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nasceu em Alto Paraná, no estado do Paraná, mas criou-se em uma região de colônias alemãs em Santa Catarina, em São Pedro de Alcântara. Movida pelo sonho de seguir carreira diplomática, ela escolheu cursar letras nas UFSC, mas logo decidiu mudar para o curso de direito por acreditar que esta profissão seria mais propícia para a realização do seu sonho, no entanto, segundo Leonor, ela não conhecia o mundo em que vivia antes de entrar na universidade, só ali é que ela abriria os olhos para o fato de que o Brasil vivia em uma ditadura militar. Foi quando decidiu que para se sentir útil para o mundo em que vivia ela precisava se especializar e lutar por isso. Dessa forma, iniciou a sua militância no movimento estudantil, em prol da anistia e contra a ditadura militar. Com o decorrer dos anos, a advocacia se tornou para ela uma ferramenta de ação política, o que a levou a se tornar advogada sindical. Leonor permanece advogando na atualidade, pertence ao coletivo Memória e Verdade e é filiada ao Partido dos

Trabalhadores. Ela faz parte de uma corrente socialista trotskysta<sup>26</sup> dentro do partido, a advogada destaca que sua atuação política e social é em favor do combate das desigualdades de classe.

### 3.2.6 Fernanda

Em Goiânia Fernanda é desconhecida. Mas Fer é referencial no trabalho com mulheres transexuais e população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) e foi com esse trabalho de atendimento psicológico a pessoas marcadas pela sexualidade que pode abrir espaço para novas discussões de gênero no decorrer de sua profissão. Já na década de 1990, que o trabalho ficou conhecido; pois foi quando a epidemia da AIDS tornou-se também um trabalho do movimento social dos grupos mais vulneráveis e em específico em 1996, quando estudava em Campinas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que começou o trabalho no movimento social com a fundação do MTC: Movimento de Transexuais de Campinas. O surgimento de movimento de transexuais apareceu junto com o movimento de travestis como um único movimento e foi chamado até pouco tempo como movimento de “Transgêneros<sup>27</sup>”. A palavra Transgêneros foi incorporada e muitas vezes utilizada como uma unificação das políticas e ideologias dos dois segmentos – travestis e transexuais. Esse movimento social foi construído a partir de um reflexo da epidemia da AIDS, onde a epidemia desenhava um panorama da doença ser de grupos ligados à promiscuidade ou a prostituição. Esses grupos de travestis e transexuais apareceram sem força e com pouca frequência entre outros movimentos sociais, essas populações tinham ações ao enfrentamento da AIDS em conjunto e esporadicamente no movimento dos homossexuais. Desde sua fundação em 2000 a ASTRAL<sup>28</sup>/GO vem desenvolvendo um trabalho sistemático de parceria com o SUS, com a distribuição de material IEC (informativo, educativo e comunicativo) no Hospital de Doenças Tropicais (HDT) e Laboratório Central, encaminhando MULHERES: catadoras de papel, moradoras de rua, meninas em situação de rua, vítimas de tráfico de pessoas, trabalhadoras do sexo – MULHERES heterossexual, bissexual, homossexual e transexual, aos CTA<sup>29</sup> e HDT para atendimento ambulatorial, estimulando pessoas que visitam nossa entidade a fazer o teste anti-HIV na rede pública e a prevenção em DST/AIDS. Fortalecemos uma parceria local com as Secretarias de Saúde e que as secretarias estendam suas redes de serviços (hospitais, postos, bancos de sangue) e sejam informadas que existe um serviço de atendimento gratuito psicológico as portadoras do HIV/AIDS e mulheres em situação de risco social. Com o desenvolvimento de alguns projetos, podemos formar parcerias com os Postos de Saúde de Goiânia na tentativa de humanizar o atendimento com esses profissionais, com reuniões de sensibilização aos funcionários e diretores para um atendimento as travestis, as mulheres trabalhadoras do sexo e mulheres transexuais. Conseguindo montar entre 2006 e 2008, com a Coordenação Municipal e Estadual de DST/AIDS, seminários e cursos aos profissionais e técnicos de saúde no atendimento dessa população, a ideia é estender além do município de Goiânia um fortalecimento da rede em todo Estado. Temos como área de atuação a cidade de Goiânia e a periferia de Campinas, Praça A,

---

26 Segundo o que Leonor me informou, essa organização é ligada a IV Internacional Socialista e possui como principal referencial teórico Leon Trotsky, intelectual revolucionário da Revolução Comunista Russa.

27 Transgênero: Terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero trans-cende as definições convencionais de sexualidade. Fonte: UNAIDS - Manual de Comunicação LGBT (2015).

28 A Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL) foi uma importante organização para as pessoas transgênero no Brasil. Fonte: <https://antrabrazil.org/historia/>

29 Centro de Testagem e Aconselhamento.

Dergo, Consolação e Setor Santos Dumont e coma população-alvo trabalhadoras do sexo (mulheres) de baixa renda que atuam na rua, em bares, boates, saunas e hotéis de momento. No ano de 2007 as principais metas foram ações que favorecessem a adoção de comportamentos menos arriscados, educando-as sobre prevenção em DSTs/AIDS e fortalecendo o conhecimento sobre seus direitos e cidadania. Nossa preocupação partiu do pressuposto de que essas profissionais do sexo posam se informar dos seus direitos e de sua participação direta e indiretamente na prevenção e luta contra o HIV/AIDS e em uma consciência política. Os trabalhos executados são através de oficinas. Podemos perceber a desinformação sobre as DST/AIDS, sobre como se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis e dos direitos. Nosso trabalho neste período ultrapassou de prevenção para assistência, desde 2006 a 2008 foi a única instituição que abertamente falou em atendimentos as mulheres vulneráveis ao tráfico de pessoas e as prostitutas. Contamos com o projeto com mulheres catadoras de papel junto uma cooperativa já existente, uma ação comunitária de entrega de cestas básicas e educação reflexiva e social. Um projeto que apareceu como consequência de atendimentos das meninas em situação de rua, que frequentam a instituição desde 2002, deixando elas de serem meninas vulneráveis. O que possibilitou levantar um diálogo reflexivo com as mulheres sendo que algumas estão em situação de violência. Outra atividade veio com o Núcleo ASTRAL, na qual as capacitamos para ativismos e militância e reuniões. Essas mulheres apareceram com o contato de anos com as profissionais do sexo e nosso trabalho com a sensibilização do uso do preservativo feminino. Estamos sempre nos reciclando em curso de ações feministas, no Fórum Goiano de Mulheres e junto ao CONEM<sup>30</sup>. A Astral está na diretoria da mulher há cerca de 10 anos, levando discussões de identidade de gênero e da mulher transexual, pois são poucas militantes mulheres que sabem diferenciar as diferenças de poder e de gênero no recorte da orientação sexual e identidade de gênero. Um importante diálogo para vencermos o preconceito da imagem da mulher, só possuidora de um corpo cultural, para vivermos sem desigualdades e respeito. Trabalhamos essencialmente com prostitutas, profissionais do sexo e tudo que envolva o trabalho sexual como: tráfico de pessoas, exploração sexual, abuso e outros. Já nos últimos anos, a ASTRAL possui uma sede própria e com isso montou uma Casa de Passagem para as vítimas do tráfico de pessoas e da exploração sexual. O trabalho da Astral está diretamente ligado aos DIREITOS HUMANOS e a luta contra violência transfóbica<sup>31</sup>.  
(Fernanda, 53 anos, Goiânia (GO), 02/08/2019)

Todas as questões que se destacam nos relatos foram levantadas pelas interlocutoras como questões cruciais para se pensar sua atuação na vida pública. Quando relacionada ao processo do envelhecimento permeiam a condição de gênero das entrevistadas e são atravessadas pelas diferentes situações sociais que vivenciam. O relato de Raquel e Fernanda foram enviados por elas e eu tentei reproduzir praticamente na íntegra. Os outros 4 foram elaborados por mim a partir das entrevistas que elas me concederam.

### **3.3 OS SIGNIFICADOS DA CONDIÇÃO DE GÊNERO**

Um dos temas que aparecem com grande relevância nas entrevistas é a relação entre a família e a vida pública, que se mostra como um desafio para as mulheres mas, no que se

---

30 Conselho Estadual da Mulher de Goiás.

31 Advém da transfobia: Palavra criada para representar a rejeição e/ou aversão às tran-sexuais. A expressão está mais relacionada às ações políticas diferenciadas do movimento LGBT. Fonte: UNAIDS - Manual de Comunicação LGBT (2015).



refere as entrevistadas, mesmo que os cuidados domésticos e a criação dos filhos seja uma situação desafiadora, não é considerada como um empecilho para elas. Apesar do cuidado com os filhos e a família ser dimensão importante para as suas trajetórias, essa dimensão não impede que elas tenham construído uma vida pública.

[...] não é fácil lidar com os cuidados da casa e dos filhos e ainda da militância. Mas você vai levando. Eu fiquei afastada por um tempo e em 1998 eu retomo a militância. Em 2000 eu já tô militando direto de novo. Eu trabalhava durante a semana e militava no fim de semana, levando sempre as crianças de baixo do braço, eles sempre me acompanharam e quando eu tinha que fazer alguma viagem, sempre foram curtas. Eu nunca fiz viagens longas até mesmo por conta deles (os filhos). [...] a questão de assumir coordenação só veio depois que eles (os filhos) estão mais adolescentes. Mas, mesmo assim, sempre estive por perto, porque adolescente é adolescente né!

(Elena, 68 anos, Curitiba - PR, 16/05/2019)

Como é perceptível na fala de Elena, a criação dos filhos é causa de algumas pausas nas suas atividades políticas e apenas com o amadurecimento deles é que a militância é retomada com força. O mesmo quadro aconteceu com Fátima, que embora desde de muito moça tenha tido sua profissão consolidada como pedagoga, sua carreira na educação foi permeada por pausas em decorrência dos cuidados com a família. A primeira pausa ocorreu com o nascimento da sua segunda filha, que possui síndrome de down, depois ela se dedicou aos cuidados com a sogra idosa e sua última pausa foi quando seu marido teve uma doença terminal, resultando em seu falecimento. Desde a sua viuvez ela tomou a frente da administração dos negócios da família, em um período em que seus filhos estavam mais independentes e assim ela pôde se dedicar integralmente ao trabalho. Construiu uma nova profissão e agora como agricultora, permanece administrando a produção de suas propriedades.

É preciso considerar que Fátima e Elena são as únicas entrevistadas que possuem filhos, as demais optaram por não serem mães. No caso de Lídia, a relação é com seu marido, pois ela não possui dependentes, podendo focar em suas atividades do trabalho.

Eu tenho um marido que me apoia muito e é super parceiro meu, sempre entendeu a relevância do meu trabalho, sempre me deu todo o apoio para que eu pudesse exercer essa função, [...] e o fato de que eu não tenho filhos e eu acho que isso, com certeza, trás uma facilidade grande, porque me deixa com mais tempo pra me dedicar a essas funções (do trabalho).

(Lídia, 69 anos, Florianópolis – SC, 06/02/2019)

A escolha de não ter filhos colabora para uma maior projeção na vida pública, que pode seguir sem pausas ou preocupações com o cuidado de dependentes.

Nunca quis ter filhos, (- você não tem filhos? - não, não tenho) já era uma coisa resolvida. Eu não queria nem casar e nem ter filhos, mesmo não sabendo da história da política, o mundo que se apresentava pra mim não era o mundo que eu queria. Desde pequeninha eu não gostava daquela vida que a maioria das mulheres levavam, eu não era de esquerda, eu não era de direita, mas eu sempre disse: ‘eu quero ser uma pessoa independente’ e meu pai incentivava muito a gente, ele era uma pessoa que dava muita liberdade para a minha mãe, assim a minha mãe nunca pedia a autorização dele pra nada. Ele não mandava nela, os dois sempre tiveram uma relação de igual e ele sempre me fazia sentir muito segura, porque ele dizia assim: ‘filha minha não precisa casar’ [...] Então, eu me senti sempre muito à vontade por isso, ele não queria que a gente tivesse filho também. [...] Todo mundo perguntava pra mim em festas de família: ‘quando é que a Leonor vai ter filho? Ei Leonor, só tu que não tem filho...’, aí ele dizia: ‘ela tá muito nova pra isso’, eu achava estranho. Aí chegou um dia que um pessoal disse: ‘e aí não vai ter filho?’, isso era no meu segundo casamento e aí ele disse assim: ‘ela tá muito velha pra isso’ (risos). Então eu me senti sempre muito à vontade pra dizer que eu já não queria ter filhos. Quando eu me meti na história da política de esquerda muito menos, porque eu me sentia mais livre, mais livre no sentido de... como aconteceu na ditadura, deles pegarem as crianças e prenderem as crianças como reféns para os pais se entregarem e eu disse não, eu não vou ter (filhos) porque eu sabia que eu queria militar para o resto da minha vida na construção de um mundo mais justo, de igualdade adjetivando no socialismo.

(Leonor, 62 anos, Florianópolis - SC, 06/06/2019)

A postura de Leonor ao decidir não ter filhos ou se casar é influenciada pelos valores cultivados no seio nuclear de sua família e na sua inserção na militância de esquerda. A advogada preferiu se manter nesse caminho, pois tinha como prioridade se manter livre de dependentes para que pudesse se dedicar melhor a atuação política que tanto valoriza.

Imersas em um período histórico que proporcionou uma maior liberdade para as mulheres com relação a reprodução, assim como vimos nos dados sobre natalidade no texto introdutório, a maior parte das entrevistadas demonstraram que se abster da maternidade, no contexto social em que vivemos, é um facilitador para construir uma trajetória de vida pública de destaque, mas não um impedimento, assim como demonstram as trajetórias de Elena e Fátima.

Além disso, é possível observar que há algumas diferenças entre cada unidade geracional sobre os significados de ser mulher e atuar como mulher.

Para Lúcia, o seu trabalho com o associativo feminino surge no sentido de capacitar e instruir mulheres sobre como lidar com suas vidas profissionais e o mercado de trabalho.

Na realidade eu comecei a trabalhar com o nicho voltado para as mulheres, até foi por uma questão meramente por acaso, por ter entendido, acredito eu, quando comecei esse trabalho associativo, que tenha sido por entender que eu teria um nível de experiência profissional, uma visão internacional (de mercado), que enfim eu era uma mulher que gravitou em outros ambientes e que teria alguma possibilidade de construir alguma coisa que pudesse trazer alguma formação a mais para o crescimento dessas mulheres (associadas). Na realidade, durante essa trajetória toda o que me motivou foi a necessidade da gente construir, por tudo que eu ouvi, por

uma série de demandas e de reclamações das mulheres com os conflitos que nós vivemos, soluções para se ter equilíbrio entre família e trabalho. Diante de uma série de dúvidas e questionamentos com relação ao que as mulheres (empresárias) passam diariamente é que tentamos (ela e a associação) tanto ouvi-las e começamos a construir um tipo de trabalho que a gente pudesse colaborar para que essa caminhada da vida profissional e familiar pudesse ser um pouco mais leve. Então, dentro desse trabalho que nós fizemos nas associações comerciais, enfoca essa gama de assuntos que trazem grandes dúvidas, que trazem grandes coisas complexas.

(Lídia, 69 anos, Florianópolis – SC, 06/02/2019)

Embora Lídia afirme que uma das questões mais tocadas pelas mulheres que estão no meio empresarial é a dicotomia da vida pública e privada, essa tensão não interfere na sua experiência de vida pessoal. Ela se sente tocada pelo tema, pois afeta as mulheres que ela tem contato e reconhece a dificuldade de se reafirmar como profissional em meio a tantos empresários homens como uma experiência comum entre as mulheres de sua classe.

Na realidade eu tive bastante, eu não diria que foram obstáculos, seriam motivos pra eu até desistir dessa caminhada toda, porque na realidade, não é fácil, como eu te disse, era um ambiente muito masculino, os homens de um modo geral não davam muita atenção. Enfim, você estava ali mas sem muita expressividade, as pessoas não estavam nem te ouvindo direito. Então, foi uma construção. Foi uma questão de persistência, de entender que esse espaço da mulher deveria ser ocupado e que é possível entender que as mulheres hoje, dentro da economia desse país, são parte significativa. Num contexto atual, nós fazemos a diferença na economia do nosso país. Durante muitos anos, eu fiz muita questão que essa presença feminina fosse demarcada de forma muito clara, muito precisa. Eu me lembro que em todas as reuniões que ia, eu sempre procurava levar dados relativos as mulheres, sobre a importância das mulheres na economia, o quanto nós éramos em quantidade de micro-empendedoras. Enfim, sempre busquei demarcar o que significa a capacidade de uma mulher profissional na atualidade, a diferença que ela faz dentro de uma empresa, apresentava dados que nem sempre esse universo masculino tá muito preocupado e nunca estive muito preocupado em saber, por uma questão até de falta de informação. Foi muita persistência de posicionamento, de me colocar como uma profissional, uma mulher que estava ali pra contribuir com o grupo, pra dividir experiências e nem sempre isso é fácil, mas eu acho que a persistência, a capacidade que você tem de resiliência, de persistir, de levar informações, de estar ali presente, de querer participar, com isso tudo você consegue passar essa imagem (de importância), que muitas vezes é mal entendida, em muitos grupos, por uma questão de não sabermos, como eu te disse, de gravitarem nesse ambiente masculino.

(Lídia, 69 anos, Florianópolis – SC, 06/02/2019)

Lídia demonstra ter sentido necessidade de se munir de informações para se reafirmar como público decisivo no mercado financeiro e empresarial. Ao demarcar presença ela demonstra que abriu um caminho para que a valorização do trabalho feminino fosse considerada no meio que estava inserida e essa é uma das grandes motivações de Fátima para atuar e se apresentar como uma referência na agricultura para as mulheres.

Me deixa um tanto orgulhosa sabe? Me sentir assim, é um retorno daquilo que eu fiz, não só o retorno de produção, mas poder passar isso (minha experiência) é muito gratificante, mostrar para as pessoas. Porque as mulheres hoje tem medo, existe

ainda muito tabu dentro da agricultura, com relação as mulheres que estão lá no meio da roça e existem muitos que estão lá e que não valorizam o que ela faz e as vezes ela tem medo, ela tem receio, ela acha que aquilo não é pra mulher e isso de eu mostrar (minha experiência), dizer pra elas que eu fiz, que eu consegui, isso pra mim, ah eu vou com o maior prazer do mundo, pra dizer pra elas que elas são capazes. Eu fui pra Paragominas, sabe onde é que fica? Então, lá no Pará, longe, longe, da onde desci no Pará, andei mais 300 e poucos km de carro, pra dizer pras mulheres de lá que elas são capazes e isso me deixa assim muito orgulhosa das pessoas me chamarem pra falar.

(Fátima, 74 anos, Maringá - PR, 17/04/2019)

Fátima demonstra que essa questão da atuação como mulher parte muito mais de uma motivação pessoal, de provar para si mesma que seria capaz de se tornar uma boa agricultora, de cumprir o desafio de superação ao assumir um papel que ela não tinha nenhuma experiência.

Eu fui pra agricultura por necessidade e uma opinião minha, eu vou atrás, eu vou cuidar, eu vou aprender, eu vou lutar por isso.

(Fátima, 74 anos, Maringá - PR, 17/04/2019)

O significado do ser mulher para Fátima aparece em meio a essas provas de capacidades.

Você tem que gostar do que você faz, só assim você vai ter sucesso. Na medida que eu fui pra roça e eu fui aprendendo, fui gostando. Então pra mim foram conquistas, eu conquistei isso, conquistei aquilo... O meu ego fica lá em cima e não por conquistas de aparecer lá nos jornais e revistas, mas as coisas que conquistei pra mim, sabe? Pra minha cabeça, pro meu coração. E pra eu dizer: 'olha eu consegui chegar até aqui e mostrar pros meus filhos e pra minha família que a mulher é tão capaz quanto qualquer outro'.

(Fátima, 74 anos, Maringá - PR, 17/04/2019)

Fátima acredita que a depender da ação de cada mulher, se for dedicada, ela é capaz de realizar tudo que deseja:

Desde que uma mulher queira ser igual o outro, homem, ela é até melhor, porque mulher é dedicada, mulher vê os mínimos detalhes, ela trabalha com amor e dedicação, não vou dizer que todas são assim, mas eu tô dizendo por mim, eu trabalhei com amor, dedicação e determinação. Eu acho que depende da pessoa, se você me dá oportunidade... Porque vamos pensar assim: 'O barquinho tá passando, eu tenho que entrar no barquinho. O barquinho não vai voltar de novo, porque que a água leva, essa água não sei quando vai voltar e se volta, ela vai pro mar e vai embora". Então você não pode perder as oportunidades, a chance que você tem, porque eu me vejo assim igual a todo homem.

(Fátima, 74 anos, Maringá - PR, 17/04/2019)

Um dos fatores que podem colaborar para que essa visão de Fátima seja tão presente é o fato dela ter destacado a sua religiosidade como um dos principais valores que movem a sua vida.

A fé é muito importante, eu não faço nada sem que eu não coloque Deus na minha frente, eu esqueci desse detalhe de falar, mas é Deus em primeiro lugar.

(Fátima, 74 anos, Maringá - PR, 17/04/2019)

Para Fátima, as motivações para ocupar uma posição no mercado de trabalho são mais individualizadas, provando capacidades e habilidades que lhe eram questionadas pela sua condição de mulher, assim como Lídia destaca em seu depoimento. E embora Fátima pontue a fé como um valor importante em sua trajetória, não me parece que seja determinante, principalmente se comparamos a sua trajetória a de Raquel, que possui como grande motivação para o seu engajamento social, a sua religiosidade.

A minha grande motivação em toda minha vida profissional e caminhada espiritual foi participar com os dons que gratuitamente Deus me concedeu, na construção de um mundo melhor, mais justo e solidário, na construção do Reino, que começa aqui e agora.

(Raquel, 76 anos, Aracaju - SE, 13/022019.)

Raquel foi religiosa e decidiu desistir do convento por acreditar que ao se dedicar integralmente ao seu trabalho teria uma maior possibilidade de atuação na sociedade. A manutenção da vida pública é um processo orgânico na vida de Raquel, que surge justamente como resultado de toda uma trajetória que foi dedicada a atuação religiosa e, principalmente, ao engajamento social em políticas de saúde, ao fornecer acesso a informação para famílias carentes. Percebe-se que a religiosidade é significada de maneiras muito distintas no caso de Raquel e Fátima e isso se deve a diferença na situação de classe que cada uma vivência.

Já Elena, Leonor e Fernanda evidenciam um posicionamento de conteúdo mais politizado, adotando pautas que se mostram cruciais para a manutenção das suas trajetórias e que em grande medida condicionam suas escolhas e espaços de atuação social.

Leonor transformou o sonho de ser diplomata em um instrumento de organização e atuação política. A advocacia permitiu que ela construísse uma trajetória profissional que não estava exatamente aliada aos seus desejos de juventude, mas que carregou valores políticos que foram desenvolvidos fortemente nessa fase da vida. Com a impossibilidade de integrar o Instituto Rio Branco, Leonor utilizou sua graduação em Direito para intervir socialmente e se dedicou a defender o que tanto valoriza: a luta socialista, o debate de gênero e os direitos humanos.

Fui fazer direito mesmo porque eu achei que facilitava a minha entrada no Instituto Rio Branco. Na época eu já fazia inglês, fazia francês, tudo para facilitar (a carreira

de diplomacia). Quando eu me dei conta que eu não poderia ser diplomata de um governo ditatorial, eu pensei: ‘o quê que eu vou fazer com o direito?’. Fiquei meio perdida e então eu disse: ‘eu vou advogar e advogar pra classe trabalhadora no movimento sindical’. E foi isso que eu fiz, eu fui advogada durante 35 anos e advogo para classe trabalhadora, pelos direitos humanos, milito na questão da criança e do adolescente, pelos direitos das mulheres e embora eu não goste da advocacia, não era pra mim, não foi minha primeira alternativa de vida, foi o que me sobrou, para não começar tudo de novo, falei: ‘vou ficar com isso vou tentar ser útil com isso que eu tenho na minha mão’

(Leonor, 62 anos, Florianópolis - SC, 06/06/2019)

A trajetória de Leonor foi marcada por sua vida política, movimento estudantil, sua atuação em sindicatos e campanhas políticas. O direito foi o meio que Leonor encontrou para se sentir politicamente atuante, mesmo não gostando de exercer essa profissão. Seu engajamento político é o que deu significado para o exercício da advocacia.

O que mais me impactou na vida foi o seguinte, primeiro eu tive uma profissão que eu não gosto, uma profissão chatérrima, ridícula, que é muito frustrante, eu já tentei ajudar muita gente e consegui ajudar. Mas, mesmo assim eu lido com papel, o que eu não gosto, sabe eu era mais de uma outra área, não sei qual seria a minha área, mas eu pensei em tudo na minha vida, menos advogada (risos) e foi o que me sobrou. Então, isso foi em razão da política, eu só sou advogada porque eu sou uma militante de esquerda, se eu fosse de direita eu não seria advogada, eu acho que eu seria diplomata ou qualquer outra coisa, ou juíza ou promotora, mas eu só advogo por isso (pela militância política), porque eu achei que com isso eu poderia ser útil e acho que de alguma forma eu fui, porque eu fui advogada em Tubarão (SC), fui advogada em Criciúma (SC), trabalhei com os mineiros (sindicato), trabalhei no vestuário, trabalhei no calçado e aí vim pra Florianópolis e fui advogada no sindicato dos servidores federais e municipais. Eu fui advogada no sindicato dos motoristas. Então, eu já advoguei em uns 10/15 sindicatos. Então, eu acho que de alguma forma eu fui útil, eu sempre faço aquilo que nenhum advogado quer fazer, eu faço de graça.

(Leonor, 62 anos, Florianópolis - SC, 06/06/2019)

O que a fala de Leonor demonstra com clareza é que a maneira com que escolheu viver em sociedade foi moldada pelas suas aspirações políticas e a própria escolha de manter uma vida pública ativa é consequência do seu envolvimento com os movimentos sociais e a organização partidária e até mesmo a manutenção dessa vida pública durante o processo do envelhecimento foi em razão disso.

Eu tava louca pra me aposentar, eu já militei um monte, né. Então, eu ia continuar, eu sou da direção do PT de Florianópolis, sempre fui, eu tenho 40 anos de militância diária, sem parar um dia, sempre militando e quando eu fiz 60 anos eu disse assim: ‘agora eu vou dar uma parada, antes dos 60, eu vou ficar mais por cima, ajudando mais a juventude, sem aquele esforço de montar tenda, carregar faixa, carregar cadeira, mas aí veio o golpe, o golpe de 2016. Antes do golpe, eu comecei a ir pra rua e comecei a militar incessantemente, eu acho que já era importante continuar, mas eu tava cansada e mesmo com esse cansaço, tem dias que eu não aguento, porque dói tudo, dói o corpo, dói a cabeça [...] e mesmo assim eu tô na rua. Então,

toda quinta feira eu venho pra cá (tenda lula livre<sup>32</sup>) e a como você vê, a maioria das pessoas aqui são pessoas de idade, porque a gente sente dificuldade de envolver a juventude.

(Leonor, 62 anos, Florianópolis - SC, 06/06/2019)

A escolha de continuar militando é como se fosse um resultado do contexto político, mas quando analisamos com mais cuidado todo o discurso de Leonor, percebemos que ela continua presente e ativa politicamente pois, essa é uma dimensão da sua vida que é crucial. É o que determina e determinou muitas das escolhas mais importantes de sua trajetória.

Elena demonstra que as pautas que defende e sua atuação política são forte incentivadores para a manutenção do ativismo ao envelhecer. É como se o significado que foi construído para a manutenção da vida se solidificasse pela participação nos movimentos sociais, negro e LGBTTI.

Eu me dedico ao ativismo o dia inteiro, se eu não tiver o ativismo eu vou fazer o quê? Sabe? Pra mim é uma coisa que enriquece, que me faz estar sempre na vida, na vida, estar no ativismo é estar aqui conversando com você, sabe? Estar conversando com você é estar todos os dias em atividade, é estar todo dia viva acompanhando as coisas e analisando e ponderando e pensando, sabe? É estar vivendo, porque eu acho que o ativismo traz isso, ele traz um cansaço danado, ele traz muitos momentos em que a gente quer desistir [...] mas independente disso, eu pretendo ser militante até o último dia, posso até mudar a minha militância, elaborar outras coisas, ter outros olhares como eu tenho feito, há várias questões em relação a militância, em relação aos processos da militância, mas ser militante.

(Elena, 68 anos, Curitiba - PR, 16/05/2019)

A militância se torna essencial na vida de Elena, assim como é para a vida de Leonor e de Fernanda, pois ela organiza a vida social, orienta suas decisões e as constroem como pessoas localizadas socialmente, que conseguem elaborar uma leitura sobre sua vida em sociedade e a partir disso buscam intervir politicamente nela.

[...] quando eu assumo realmente a minha identidade negra, ser lésbica pra mim é muito fácil, ser negra é que é o grande problema, com tudo que a LGBTFOBIA mata, porque as travestis estão morrendo, a discriminação tá aí, mas ser negro é muito mais difícil, esse ser, quando eu digo ser negro não é dizer: 'ah eu sou negra', não, é o ser, é sentir-se negra e saber viver sentindo-se negra. Uma coisa é: 'ah eu sei que eu sou negra', outra coisa é: 'como eu vou viver sabendo que sou negra? Como eu vou construir a minha vida com esse sentir-se negro de fato?

(Elena, 68 anos, Curitiba - PR, 16/05/2019)

Para Elena a condição de raça transcende a condição de gênero e orientação sexual, mas é a sua atuação como mulher negra que a torna uma militante assídua.

32 A tenda Lula Livre foi uma ação nacional do Partido dos Trabalhadores, durante os anos de 2019 a 2020, em que os militantes do partido organizavam tendas nas ruas, disponibilizando espaço e tempo para estabelecer um diálogo com a população pedindo a soltura do Ex-Presidente Lula, que segundo o que afirmam os militantes e a própria Leonor, foi preso político.

[...] a atuação feminina é importantíssima, é você estar ali no espaço dizendo o tempo todo que você está ali, enquanto mulher, com toda a capacidade e todo direito ao debate, a compreensão daquele lugar que você ocupa. [...] Quando você se torna militante, quer dizer, quando você descobre que quer ser (militante), depois você vai tornar-se ativista. É a maturidade do ativismo, e nem todos conseguem.

(Elena, 68 anos, Curitiba - PR, 16/05/2019)

A condição de gênero é uma categoria muito importante para a trajetória de Fernanda, também, que se coloca como parte do movimento de que se mostra como referência para as pessoas construírem políticas de estado e de convivência mais democráticas, de inclusão e respeito as diferentes formas de ser e agir em sociedade.

Uma sociedade harmônica é aquela que preza o respeito pelo outro, qualquer que ele seja. Contudo, essa harmonia só pode ser construída pela elaboração minuciosa de um conjunto de proposições que subsidiem políticas públicas de assistência a essas pessoas no âmbito, principalmente, da saúde, da educação e da empregabilidade. A empregabilidade é o ponto central no processo de envelhecer e as pessoas trans. Urge a necessidade de rever os direitos LGBT, a educação, o trabalho e qualidade destes. É uma obrigação do Estado zelar pela qualidade da saúde educacional, mental, social e física dessa população. O serviço educacional deve ser o de ocupar-se em compreender e levar as pessoas ao entendimento e aceitação das contradições internas e externas do ser humano e o silêncio dessas pessoas muitas vezes reforça a invisibilidade na rede educacional. A compreensão das questões de gênero e sexualidade, subjetivas, também promove o respeito às diferenças e à dignidade humana. Os efeitos de “gênero”, ou mesmo de “corpos”, entendidos em suas “subjetividades”, também, promovem o respeito às diferenças e a dignidade humana. Existe necessidade imediata de mecanismos para o emponderamento desta população para ocuparem espaços políticos e públicos para combater a opressão de gênero nas instituições e que os espaços e avanços conquistados não sejam vencidos por uma parcela conservadora.

(Fernanda, 53 anos, Goiânia - GO, 02/08/2019)

Embora as maneiras com que expressem seus discursos, apresentem seus argumentos e até mesmo signifiquem suas trajetórias sejam diferentes, todas as participantes possuem em comum um conteúdo político estruturante em suas histórias. A ocupação de um espaço público é importante para todas as interlocutoras. Nesse momento é possível perceber como as unidades geracionais se dispõem dentro de uma geração, possibilitam diferentes perspectivas, mas estão conectadas por um mesmo contexto político.

Assim, diante dos relatos que tomamos contato até agora, percebemos que as experiências apresentadas neste estudo revelam perspectivas sobre diferentes temas: maneiras de se estabelecer uma relação com a família e a vida pública/atuação social, política e profissional, as rupturas e continuidades de um processo de envelhecimento que revela os conflitos entre diferentes situações geracionais e o pioneirismo na maneira de pensar e agir ou na construção de novas maneiras de atuação social, política e profissional. Envelhecer revela



ainda para essas mulheres a importância da atuação feminina e os diversos significados que o ser mulher imprime sobre a vida em sociedade e a própria construção de sentidos para o envelhecimento. É sobre esses sentidos que iremos tratar agora.

### **3.4 ENVELHECENDO EM MOVIMENTO: DICOTOMIA ENTRE MENTE E CORPO.**

Eu acho importante que fique bem claro que essa necessidade, na realidade, na pessoa sentir que ela está vivendo a vida.  
(Lídia, 69 anos, Florianópolis – SC, 06/02/2019)

No que se refere ao sentido do envelhecimento é possível perceber que todas as mulheres entrevistadas buscaram atenuar o sentir-se velha ou demonstrar como elas conseguem prolongar uma vida ativa quando se movimentam, quando permanecem ‘vivendo a vida’, cultivam o ‘estar na vida’, indicando sempre movimento, negando a condição de pessoa idosa reclusa, que se abstém da vida em sociedade.

Para não se sentir velha você não pode parar, você tem que estar sempre querendo fazer isso ou aquilo. Eu não digo assim fisicamente, mas mentalmente eu não sou velha não, eu me vejo como uma jovem capaz de fazer tudo o que eu já fiz.  
(Fátima, 74 anos, Maringá - PR, 17/04/2019)

O maior amparo para justificar esse movimentos em suas vidas é a alegação de que a mente ainda é agitada, o que não corresponde com a condição física de um corpo envelhecido, mas tal como uma mente jovem, elas se consideram capazes de elaborar ações e intervenções na vida pública e, talvez, de maneira até mais perspicaz dado ao acúmulo de experiências. Porém, para que essa saúde mental seja mantida é preciso obter uma atitude positiva e incisiva perante ao comando de sua própria vida.

A mulher só não vai pra frente quando ela não quer, porque se ela não quiser ele vai (ficar parada). Então, eu vejo assim: eu fico muito irritada quando eu vejo uma pessoa sentada, quem não faz nada e só pensa em doença, só pensa na desgraça, só fica falando mal da vida dos outros, (isso acontece) porque ela não tem a mente ocupada, a gente tem que manter a cabeça ocupada. Se você não tem nem Alzheimer, não tem nem nada que te atinge (sua saúde), você pode estar sempre ativa. Agora você vê a velhara tudo no celular, né? Eu acho incrível, mas eu falo: ‘velho vamos trabalhar, vamos andar’. [...] Eu aprendi a fazer coisas, assim, tem muitas coisas que a gente não faz porque não tem dom, mas eu faço outras coisas, e isso vem de família a minha vó também era assim. Então graças a Deus eu sou uma pessoa feliz, as tristezas a gente esconde, mas eu sou uma pessoa feliz. Eu choro, também, mas ninguém precisa ver o que eu choro. Vou te contar um fato de quando eu fiquei viúva. A gente fazia parte de um grupo, uma entidade que realizaria um desfile e eles queriam que desfilassem mães e filhas juntas e convidaram a mim e a minha filha, que é a ‘dowzinha’. Eles queriam que a dowzinha fosse desfilando e eu tinha que ir junto com ela. Eu disse: ‘ah não tem problema, eu vou com!’. E a gente tava feliz, ah quer dizer, eu tava (feliz), eu vesti um vestido lindo, maravilhoso, (estava) magrinha toda em forma ainda e ela (a filha) vestida igual e nós fomos pro desfile. Chegou uma hora que claro que eu não ia chorar e que eu não estaria chorando, né? Aí chegou uma pessoa e falou que eu era uma viúva alegre. E eu falei: ‘graças a deus eu sou uma viúva alegre’. Porque na hora de chorar eu não vou chorar pra

você, eu vou chorar no meu travesseiro, na minha casa.[...] Eu realmente sou uma pessoa feliz e pra gente ser feliz a gente tem que se fazer feliz, a felicidade você vai lá buscar, não se pode esperar que te tragam a felicidade, temos que dar um empurrãozinho e a gente sempre tá dando empurrãozinho (risos), mas eu sou uma pessoa feliz.

(Fátima, 74 anos, Maringá - PR, 17/04/2019)

A fala de Fátima revela um esforço em demonstrar como para ela é importante construir uma imagem de uma pessoa lúcida, forte e autossuficiente, que supera suas dificuldades sem lástimas ou pesares. Esse posicionamento pode revelar uma certa negação ao envelhecimento, assim como a mesma disse, quando perguntei se deveria ou não chamá-la de senhora: ‘eu não me sinto velha,não’.

No entanto, para que não haja essa possibilidade de sentir-se velha, o movimento e a significação do processo do envelhecimento como uma fase da vida se mostra tão produtiva quanto qualquer outra.

Com relação ao envelhecer, eu convivo com muitas pessoas que evidentemente vivem em outra realidade, e eu consigo observar que muitas não querem sair da zona de conforto por uma questão que pela faixa etária acabaram se aposentando e nem sempre faziam o que gostavam e acabaram criando uma situação de vida que levou com que elas ficassem paralisadas, fazendo com que muitas delas agora busquem encontrar um hobby, enfim fazer alguma coisa que lhes traga prazer. Mas a grande maioria das pessoas que eu vejo sentem um vazio existencial, por terem deixado de fazer alguma coisa que lhe traga prazer e as vezes esse recomeçar é muito difícil. Eu acho que existem muitas oportunidades,mas as pessoas não conseguem sair da sua zona de conforto, porque pra fazer algo, não é nem sempre cansativo, você precisa agir, você precisa sair, você precisa se movimentar. Nem sempre as pessoas estão disponíveis pra isso. Eu me sinto muito feliz, porque eu consegui continuar a fazer uma série de ações, me dispus a continuar, porque eu poderia ter parado e não querer mais fazer nada, mas pelo contrário, me senti muito instigada pelo desafio de fazer alguma coisa interessante, ainda mais sabendo que eu poderia contribuir com aquele trabalho pela minha experiência e aquilo sempre me fez me oxigenar muito, a cada dia que passa. Pra mim isso é muito bom, é uma coisa que eu pretendo continuar, por isso que eu te disse eu já estou com planos, vamos criar um instituto com pessoas bem mais jovens que eu, mas é muito interessante eu me sinto muito feliz por ter essas oportunidades e feliz também porque eu tenho vontade de fazer, porque eu tenho essa oportunidade e tô me agarrando a ela de uma forma muito positiva para não desperdiçá-la e transformar essa oportunidade numa grande alegria pra mim.

(Lídia, 69 anos, Florianópolis – SC, 06/02/2019)

Para as duas entrevistadas, quem se sente velho é quem não descobriu as possibilidades que essa fase da vida pode proporcionar: novas experiências, novos gostos e até mesmo uma liberdade que não poderia ser sentida antes.

É muito ruim ficar velha, é muito ruim, é muito ruim mesmo, assim, fisicamente, porque eu sou uma pessoa muito ativa, muito independente, a nível até do meu próprio corpo, não preciso de ninguém carregar peso pra mim, ninguém pra dirigir e me levar de um lado pro outro, eu fiz tudo o que eu quis sozinha, eu nunca tive medo de andar pela cidade a noite, viajar, nada, não tinha medo. Agora meu corpo é

bem deficiente, cheio de dores, eu faço uma passeata e passo o dia inteiro em atividade, no outro dia eu sou obrigada a ficar em casa de cama, porque não tem um osso que não dói, então fisicamente é muito ruim e mesmo pra mulher, tu sabes que a mulher quando entra na menopausa ela perde muita energia física, a questão sexual fica muito mais difícil e tudo isso é meio triste, né. É tão bom transar, é tão bom beijar, namorar e sentir essas sensações, então os hormônios vão diminuindo e isso vai se perdendo, mas ao mesmo tempo é uma libertação, eu não tenho mais essa questão sexual tão forte, eu me sinto mais livre também, porque eu não preciso mais tanto do outro sexo, eu tenho marido e tudo, mas ao mesmo tempo eu não preciso mais daquilo ali, eu posso me dedicar mais a outras coisas. A gente tem uma depressão, mas é uma depressão diferente, de questionamento diferente. Então dá uma certa maturidade, eu já assim olho pras coisas e não busco razão, como eu era muito questionadora (na juventude), ‘pra quê isso? onde é que isso vai levar?’, agora eu não busco sentido pra nada, então o que me ajudou a chegar depois dos 50 anos, 60 anos, não vou nem dizer velhice né, na minha maturidade, é que eu me sinto mais livre, eu me sinto uma pessoa mais livre e menos complicada e menos questionadora sobre as questões da vida, claro eu sou sempre questionadora em relação ao processo econômico, óbvio, eu não me conformo com isso, [...] mas hoje eu consigo ver e não ter grande sofrimento, porque eu faço o que posso fazer e eu não faço o que não posso fazer, eu era uma pessoa que sofria muito, muito, primeiro que eu não via sentido na vida, mas a vida não faz sentido mesmo, eu não achei o sentido, pra mim ela continua sem sentido, é só isso, é isso e pronto, é isso pronto e acabou então vamos viver isso, vamos encontrar as pessoas, vamos procurar viver bem com as pessoas, vamos fazer o que for preciso, é assim que eu vivo, dessa forma. A maturidade da idade me trouxe um pouco de paz, mas não é sempre também sabe, de vez em quando eu passo noites acordada com aquelas angustias, porque eu fiz isso, porque eu não fiz assim, porque eu fiz isso com aquela pessoa, isso com coisa de 30 anos atrás, a culpa continua sabe e eu sou ateia, mas a cultura judaico-cristã é muito arraigada na gente. Mas ainda assim a gente não consegue ser livre, eu luto pela liberdade, mas sabe quando se luta, não importa o quanto e ainda é escravizada por essa cultura toda, eu ainda sou isso apesar da idade, mas eu busco pra cada dia me libertar mais.

(Leonor, 62 anos, Florianópolis - SC, 06/06/2019)

A sexualidade, a vida conjugal, as relações pessoais, todas as instâncias da vida se mostram a partir de novas configurações com o processo do envelhecimento e para as mulheres a destituição dos padrões de beleza é um dos grandes marcos desse movimento. Assim como afirma Fernanda, o envelhecer possibilita se desvincilhar dos ‘estereótipos da beleza e da cultura machista de servir o outro’. Isso se mostra da forma mais singela, que é assumir o cabelo grisalho, que foi, para Elena, o primeiro passo para lidar com o envelhecimento.

Elena, afirma, ainda, que é preciso ‘ser amiga desse corpo que envelhece, para não sofrer tanto e ficar exigindo dele’, pois, assim como todas as outras interlocutoras, ela admite que embora, se sinta dona de uma mente ativa e jovem, ainda possui um corpo que envelhece e sente dores, mas que isso não pode constituir um impedimento para que ela leve a sua vida da maneira que acredita que deve ser.

Então você imagina o que é pra mim, eu que elaboro o dia inteiro e penso lá na frente o tempo todo sobre uma série de debates que essa sociedade precisa ter, como eu lamento estar envelhecida, eu gostaria de estar bem mais nova, com 20 anos pela

frente, 20 anos bem de saúde, de cabeça. E então é disso que a gente precisa falar desse envelhecimento, toda vez que a gente fala de envelhecimento lá vem a pauta das doenças, não sei o que ... [...] como é que eu posso fazer pra me desangustiar? Para que eu fique mais tranquila, eu preciso falar com quem tá mais novo, não deixar de conversar com elas (jovens) e levantar essa série de coisas para que elas pensem como é que é isso, é assim que eu penso o envelhecimento, de uma maneira mais leve, de uma maneira mais feliz e entender que quem vem primeiro vai embora primeiro e quem tá novo vai ficar velho e vai morrer também e temos que ter essa humildade de passar pro outro (experiências e saberes), aí é que tá a sabedoria.  
(Elena, 68 anos, Curitiba - PR, 16/05/2019)

Dessa maneira, não só o cuidado com o corpo e a saúde física deve ser considerado, mas a própria relação com gerações mais jovens possibilita que essa atitude de movimento constante prevaleça.

Em grande medida há uma responsabilização pelo cuidado do próprio corpo e mente, percebe-se esse movimento de individualizar essa atitude ativa como resposta que contradiz o padrão imposto por nossa organização social, que ainda coloca as pessoas de mais idade em um estado estagnado. Em decorrência desse contexto, é possível analisar que as entrevistadas percebem uma dicotomia entre corpo e mente, o corpo, representando o velho e a mente, representando o que é jovem.

Meu grande problema é que eu tenho a dicotomia da idosa física e não conseguir ser idosa mental, então pra mim isso é muito complicado. Minha companheira me chama muita atenção, ela fala: 'Elena, para! Você não dá mais conta disso!', e eu falo: 'eu não dou mesmo', mas pra mim eu dou conta, entende? Mentalmente eu dou conta, dos debates e das elaborações, das minhas leituras. Mas o corpo realmente reclama.

(Elena, 68 anos, Curitiba - PR, 16/05/2019)

Nesse sentido, o corpo, que se remete ao velho, é a faceta do envelhecimento que mais as incomoda, mas a maturidade, que o processo do envelhecimento proporciona, traz um conforto psicológico na vivência social, que acaba por equilibrar um pouco do mal estar com a chegada da velhice e justamente por esse motivo que a manutenção dessa mente jovem e do movimento de uma vida pública, agitada social e politicamente é tão valorizada por elas.

A vivência de Fernanda, da mulher trans que viveu com mais intensidade as cobranças sobre o corpo de uma mulher, demonstra alguns dos motivos pelos quais o corpo é tomado pela carga negativa do velho e descartável.

O processo de envelhecimento é difícil para uma pessoa trans e comporta a fase da velhice com uma cultura machista e pouco sadia, mas não se esgota nisso. As modificações naturais são confundidas com enfermidades e dependências e a população LGBT não tem um cuidado familiar e tudo é reforçando por uma a cultura de estereótipo de que velhice é doença, incapacidade e o corpo trans serviu anos para cultura do consumismo e

nesta fase é descartável pela sociedade. O envelhecimento é um processo natural de todo o ser humano. Dessa forma, quando se define o envelhecimento e/ou a velhice, percebe-se que o preconceito é uma característica marcante e é utilizado como estereótipo negativo sobre a velhice, imagine isso na figura de uma pessoa trans. Precisa conhecer a visão do idoso LGBT e ter respeito do envelhecimento por estas pessoas e a velhice é importante para se construir representações positivas para a uma sociedade diversa e plural.

(Fernanda, 53 anos, Goiânia - GO, 02/08/2019)

O relato de Fernanda nos mostra que as trajetórias de mulheres que elaboram como suas vidas estão localizadas socialmente e a partir disso buscam se mostrar presentes em espaços que costumeiramente não eram ocupados por elas, defini trajetórias de vida que se organizam política e socialmente em prol de uma nova dinâmica de vida em sociedade, estabelecendo novos padrões de família, relacionamentos, impelem novas pautas políticas e novas maneiras de agir politicamente.

Esse contexto só se mostrou possível em razão do período histórico que todas as interlocutoras desse estudo compartilharam, que possibilitou profissionalização, acesso ao conhecimento científico e técnico, a participação de cargos de trabalho de destaque, resultado do processo de democratização de direitos, protagonizado por essas mulheres que fizeram parte desta pesquisa.

## CONCLUSÃO

Envelhecer em movimento é uma tarefa árdua até mesmo para as velhas animadas. O movimentar-se é constituído por uma luta constante entre as falências do corpo e as insubordinações de uma mente que se considera “jovem”, vivaz. Este estudo nos mostra como se constrói a possibilidade de viver o processo do envelhecimento de modo ativo, mas distante das ilusões de pensar o “estar na vida”, como denominou nossa interlocutora Elena, como um prolongamento da juventude ou de uma vida social ancorada na cadeia produtiva do mercado de trabalho.

“Estar na vida” é viver se movimentando, elaborando discursos sobre si e sobre o mundo, colaborando para a construção de espaços sociais, viabilizando maneiras de sobrevivência e vivência social dignas a todas as idades e, sobretudo, construindo um referencial do que é envelhecer.

Como bem pontuou outra interlocutora deste estudo, Lídia, “nós somos na realidade um resultado de várias experiências que te transformam na pessoa que você é, a vida que você leva, aquilo que você faz”, o que significa que construir valores que orientam sua trajetória de vida e produzem significados é imprescindível para a manutenção de uma vida pública das velhas animadas que fazem parte deste estudo. E isso tudo só é possível, pois, houve uma coleção de experiências que proporcionaram esse destino, que é comum a todas as interlocutoras deste estudo: o de manter-se ativa social e politicamente durante o processo do envelhecimento.

Como minha pesquisa se concentrou em compreender como as mulheres de mais idade lidam com o envelhecimento e a partir disso organizam sua atuação social e política, foi possível compreender que a antropologia contribui de maneira significativa para o debate sobre a velhice como um objeto de investigação, no que se refere ao desenvolvimento de metodologias pertinentes ao estudo deste público especificamente, o de pessoas idosas. Assim como apontamos no capítulo 3, as metodologias de pesquisa com pessoas de mais idade enfrentam problemáticas características as peculiaridades dessa geração, que só podem ser resolvidas na medida em que transformamos as entrevistadas em parte ativa do processo de investigação.

As seis entrevistas realizadas, com mulheres com cerca de 60 e mais anos que mantiveram uma trajetória de vida pública ativa a frente da militância política, ocupando

cargos públicos, gerenciando pequenas e grandes empresas, liderando associações e organizações não governamentais, entre outros grupos e instituições sociais, demonstram que o bom e velho encontro pessoal e as entrevistas semiestruturadas, ainda são o método mais eficiente de coleta de dados, principalmente quando se trata de um grupo geracional que tanto valoriza as conversas cotidianas. Ao resgatar a trajetória dessas mulheres, verificar a importância por elas atribuída aos problemas de gênero e como se percebem em uma fase da vida que é considerada como a última do ciclo de vida, a velhice, foi possível dimensionar que envelhecer só se torna uma questão, pois, a elas é imposto uma maneira de ser e agir típica dos envelhecidos, em que a passividade e a imobilidade se tornam atitudes mais corriqueiras na vida em sociedade, pelo menos é o que consensualmente se espera. No entanto, por mais que o corpo envelhecido apresente desafios, a vivacidade de suas mentes e os anseios políticos e sociais, tão presentes durante todo o curso de suas vidas, não permitem que seja esse o comportamento aderido por elas.

Nesse sentido, compreende-se que o uso do conceito de geração, cunhado por Karl Mannheim (1928), permite situar trajetórias que, embora compartilhem uma mesma posição geracional, apresentam perfis muito distintos e produzem diferentes perspectivas da vida em sociedade, ainda demonstram que há conexões e determinações estruturais da geração a que pertencem que as colocam em posições semelhantes e por mais que a maneira que desenvolvem significados para o mundo seja distinta, há condicionantes que potencializaram a possibilidade de viverem nas posições de destaque que vivem.

O contexto que tornou possível a vida pública ativa para essas mulheres ao envelhecer, fundamenta-se no período histórico compartilhado por elas, que possibilitou profissionalização, acesso ao conhecimento científico e técnico, a participação de cargos de trabalho de destaque, condições que são resultados do processo de democratização de direitos, protagonizado por essas mulheres. Este estudo indica que o conceito de geração é um posicionamento teórico de análise que proporciona o dimensionamento de como trajetórias de vida podem informar sobre os valores e possibilidades cultivados por toda uma geração e como isso impacta vivências cotidianas.

Além disso, por ser a condição de gênero de uma geração de mulheres em posição de liderança que conecta a diversidade de perfis presentes aqui, com o intuito de efetivar a análise diante de todas as dimensões do conceito de geração de Mannheim (posição geracional, conexão geracional e unidade geracional), a categoria gênero tomou um espaço

importante nesta investigação, principalmente no que se refere a análise interseccionada das situações sociais vivenciadas pelas agentes de pesquisa.

Este diagnostica que as questões que mais se destacam nos relatos cruciais para se pensar sua atuação na vida pública, permeiam a condição de gênero das entrevistadas que são atravessadas pelas diferentes situações sociais que vivenciam. Diante disso, basear a metodologia para investigação e análise deste objeto de estudo sob a perspectiva de uma mulher, assim como foi relatado no capítulo 2 sobre o encontro com Conceição Evaristo, permitiu que se iniciasse um debate determinante para os caminhos metodológicos deste estudo, em que a escrita de vivências é valorizada. A escrevivência, perspectiva que reconhece o fazer etnográfico como um resultado da coleção de experiências de pesquisadores e interlocutores, tornou possível a construção de uma pesquisa aproximada a realidade das pessoas que compõem o meu objeto de estudo.

O estabelecimento de um diálogo teórico e metodológico com Conceição Evaristo possibilitou dimensionar premissas que formam uma liderança feminina negra no Brasil. Demonstrando que a possibilidade de formação de uma liderança negra passa pelo contexto de consolidação de um movimento político que difunde uma narrativa agregadora e que possibilita referenciais teóricos de compreensão da vida em sociedade. A trajetória de vida de Conceição Evaristo, dentre outras autoras e feministas negras citadas neste estudo, indica isso. O encontro com Conceição Evaristo evidencia essa perspectiva como um meio de desenvolver técnicas de escrita que retratam o mundo sob um ângulo plural e cotidiano.

Considerando o exposto, afirmo que este estudo cumpriu seus objetivos e apresentou um trabalho que revela experiências de vida e pressupostos teóricos e metodológicos que versam sobre questões geracionais e de gênero e por meio desse movimento dimensiona análises pertinentes sobre a vida ao envelhecer, afetas a realidade social das agentes de pesquisa.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABLGBT. **Quem Somos?**. Site da ABLGBT. Disponível em: <<https://www.abglt.org/>>. Acesso em: 19 de Março de 2020 as 00:05.

ANTRA. **História**. Site da ANTRA. Disponível em: <<https://antrabrazil.org/historia/>>. Acesso em: 19 de Março de 2020 as 00:40.

\_\_\_\_\_. **Mapa de Assassinatos de Travestis e Transsexuais no Brasil em 2017**. ANTRA . Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>, Acesso em: 10 de Março de 2020 as 00:45.

ALMA PRATA. **Sueli Carneiro: filósofa, educadora e porta-voz de uma geração**, Site Alma Preta. Disponível em: <<https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/sueli-carneiro-filosofa-educadora-e-porta-voz-de-uma-geracao>>. Acesso dia 19 de Março as 00:30.

VERÍSSIMO, Tássia. **Série Mulheres e o Arquivo: Maria Beatriz Nascimento**. Arquivo Nacional, 10 de Abril de 2019. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/1622-serie-mulheres-e-o-arquivo-maria-beatriz-nascimento>>. Acesso em 19 de Março de 2020 as 00:35.

BAIRROS, Luiza. **“Nossos femininos revisitados”**. In: Estudos Feministas, Rio de Janeiro, vol,3, IFCS/UFRJ, PRCIS/UERJ, 1995.

BÁRBARA, Lenin Bicudo. **A vida e as formas da sociologia de Simmel**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 2, 2014.

BAROSSO, Luana. **(Po)éticas da escrevivência**. 23 estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 51, p. 22-40, maio/ago. 2017.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. Sociologia, Problemas e Práticas**, n° 52, 2006.

BOSI, Ecléia. **Lembranças de Família, p.423-433, In: Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3° Edição, São Paulo: Companhia das Letras,1994.

\_\_\_\_\_. **Memória da cidade: lembranças paulistanas**. Estudos avançados, v. 17 n. 47, 2003.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos pagu (26), janeiro-junho de 2006:

CAMARANO, Ana Amélia. PASINATO, Maria Tereza. **Envelhecimento, pobreza e proteção social na América Latina**. Texto para Discussão n° 1292, Rio de Janeiro: IPEA, 2007.

CARNEIRO, Sueli. **Gênero e raça na sociedade brasileira**. In: Escritos de Uma Vida. Letramento; Edição: 1ª, 2018.

CARVALHO, Guilherme Paiva de, **UMA REFLEXÃO SOBRE A REDE MUNDIAL E COMPUTADORES**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n. 2, p. 549-554, maio/ago. 2006

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Panorama Soical da América Latina e Caribe** (2017). Disponível em: <[https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/43228/4/S1701051\\_pt.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/43228/4/S1701051_pt.pdf)>. Acesso em: 24 de abril de 2018 as 15:35)

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Relatório Anual 2012: “Os bônus na mira: aporte e carga para as mulheres” (2013)**. Disponível em: <<https://www.cepal.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/1/50391/P50391.xml>>. Acesso em: 24 de abril de 2018 as 15:40.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within\*: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

DAMASCENO, Tatiana Gonçalves, **Aposentados da Maringá Previdência: um olhar sobre a velhice**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Maringá, 2016.

DEBERT, Guita. Grin. **Gênero e Envelhecimento**, Revista Estudos Feministas, N 1, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice**. IN: DEBERT, Guita. Grin. (org.) Antropologia e Velhice. Campinas: Textos Didáticos do IFCH/UNICAMP, no 13, p. p. 7-27, 1998.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP,1999.

DOURADO, Simone Pereira da Costa, e ALMEIDA, Carla Cecília. **A juventude pensada a partir do envelhecimento: demografia e comportamento político dos grupos geracionais**. Soc. e Cult., Goiânia, v. 17, n. 1, p. 63-73, jan./jun. 2014.

DUARTE, Constancia Lima, CORTÊS, Cristiane, PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **Voz(es) da escrevivência**. LETERAFRO, 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ensaio/14-conceicao-evaristo-voz-es-da-escrevivencia-constancia>>. Acesso em: 20 de abril de 2018 as 20:58.

Dhnet, Rede de Direitos Humanos e Cultura. **Linha do tempo dos Direitos Humanos Brasil**. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/tempo/tempo\\_br.htm#19491940](http://www.dhnet.org.br/tempo/tempo_br.htm#19491940)>. Acesso em: 16 de março de 2020.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1994.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da Afro-Brasildade: história e memória**. Releitura (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2006.

\_\_\_\_\_. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: Mulheres no Mundo –Etnia, Marginalidade e Diáspora, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005

\_\_\_\_\_. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. Blog Literafro. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 19 de Março as 00:00.

FEIXA, Carles Feixa. LECCARDI, Carmem. **O conceito de geração nas teorias sobre juventude**. Soc. estado. vol.25 no.2 Brasília May/Aug. 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes, e AMADO, Janaina.. **Apresentação**, In: FERREIRA, Marieta de Moraes, e AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. 6º ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FORACHI, Marialice M. (org) **Diagnóstico do nosso tempo**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1961.

GELEDÉS. **História, 1935, nascia Lélia Gonzalez**. Site do Instituto Mulher Negra GELEDÉS. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-1935-nascia-lelia-gonzalez/>>. Acesso em: 19 de Março de 2010 as 00:00.

GIUMBELLI, Emerson. **Para além do "trabalho de campo": reflexões supostamente malinowskianas**. RBCS Vol. 17 no 48 fevereiro/2002.

GONÇALVES, Marlene. Resenha: **“A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento”**. Pro-Posições- vol.13,N.2 (38)- maio/ago, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós –modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.-Rio de janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. **O jovem radical**. In: Industrialização e desenvolvimento social no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites**. Cadernos Pagu (3) 1994.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, e AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. 6º ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. **“Argonautas do Pacífico Ocidental”**. *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1998.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações** in: Marialice M. Foracchi, Karl Mannheim: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. **O problema do intelectual**. In: FORACCHI, Marialice M. e FERNANDES, Florestan. Karl Mannheim. Ática: [s.n.], 1982.

\_\_\_\_\_. **O Problema da juventude na sociedade moderna**. In: **Diagnóstico de Nosso Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

\_\_\_\_\_. **O problema de uma Sociologia do Conhecimento**, In: MERTON, R. et al. Sociologia do Conhecimento. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

Ministério do Trabalho e Previdência Social. **AEPS – Anuário Estatístico da Previdência Social (2016)**. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/dados-abertos/dados-abertos-previdencia-social/>>. Acesso em: 24 de abril de 2018 as 15:30.

MOTTA, Alda de Britto. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento**. Soc. estado. vol.25 no.2 Brasília May/Aug. 2010.

OLIVEIRA, Andréa Karla Cavalcanti da Mota Cabral de. **Histórico, produção e aplicabilidade da Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340/2006**. Câmara dos Deputados, Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (Cefor), 2011.

Oliveira, Luiz Henrique Silva de. **“Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. Estudos Feministas, Florianópolis, 17(2): 000-000, maio-agosto/2009.

OLIVEIRA, Maria Coleta; VIEIRA, Joice Melo; MARCONDES, Glaucia dos Santos. **Cinquenta anos de relações de gênero e geração no Brasil: mudanças e permanências** in: ARRECTH, Marta. (org). Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos 50 anos. 1º edição, São Paulo, editora UNESP, CEM 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, São P AULO, USP, v. 39 nº 1, 1996.

PEDRO, Joana Maria **A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração**. Rev. Bras. Hist. vol.23 ano.45 São Paulo July2003

PEIRANO, Mariza. **Antropologia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez, 2014.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias**. HISTÓRIA ORAL, 3, 2000.

PERROT, Micheli. **Práticas de memória feminina.** Revista Brasileira de História, SÃO PAULO V.9 N°18 PP 09-18,1989.

PHILLIPS, Anne. **De uma política de ideias a uma política de presença?** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 268-90, 2001

POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos.** Esferas Ano 2, no 3, julho a dezembro de 2013

RAGO, Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História.** In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.)- MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?.** Belo Horizonte, MG, Letramento, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma Categoria Útil para a Análise Histórica”.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul-dez.,1990.

SILVA, D. C. **A contribuição do conceito de geração de Karl Mannheim para os estudos sobre envelhecimento na América Latina.** Anais do IX Seminário Nacional Sociologia e Política, Curitiba, 2017.

SILVA, D. C. **Juventude e Participação Política: a experiência da juventude no debate em conferências.** In: Seminário Valores da Democracia Pelos Olhos dos Jovens, 2017, São Paulo. Livreto dos Artigos: Valores da Democracia Pelos Olhos dos Jovens. São Paulo: Plataforma de Jovens do Centro Cultural Brasil Turquia (CCBT), 2017.

SILVA, D. C.; LIMA, J. I. ; DOURADO, S. P. C. . **Juventude e Envelhecimento: reflexões sobre participação política a partir do recorte geracional.** In: Carla Gadini Giani Martelli; Maria Chaves Jardim; Éder Rodrigo Gimenes. (Org.). Participação política e democracia no Brasil contemporâneo. 1ed.São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2018, v. , p. 34-48.

SIMMEL, Georg. **“A natureza sociológica do conflito”.** In: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **“O âmbito da sociologia.”** In: Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **“O nível social e nível individual”.** In: Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **A metrópole e a vida mental.** In: VELHO, Otávio. (org) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Jorge Zaar Editora, 1979.

SOARES, Iraneide da Silva, 2016; **CAMINHOS, PEGADAS E MEMÓRIAS: uma história social do movimento negro brasileiro.** Universitas: Relações Internacionais. v. 14, n. 1 (2016)

SOARES, Lisandra Vieira e MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*. vol. 17. nº 39. pp. 203-219. mai. –ago. 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

STENGEL, Márcia Stengel; DOURADO, Simone Pereira da Costa; DIAS, Vanina Costa; SOARES, Samara Sousa Diniz; FRICHE, Marilza de Lima; FRAGA, Jéssica Buthers Lima Ferraz ; LOCATELLI, Renata Sartori; SANTOS, Luis Filipe. **GERAÇÃO, FAMÍLIA E JUVENTUDE NA ERA VIRTUAL**. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 424-441, ago. 2018

STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia**. In: Strathern, Marilyn. *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosacnaify. 2014 [1986]. p. 159-209.

TATAGIBA, Luciana. **1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil**. *Revista Política e Sociedade*, v. 13, n. 28, 2014.

UNAIDS. **Manual de Comunicação LGBT**. ABLGBT. Disponível em: <<https://unids.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>>. Acesso em: 18 de Março de 2020 as 15:00.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. *Revista Sociedade e Estado – Vol.25, nº2, 2010*.

\_\_\_\_\_. **A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005.

\_\_\_\_\_. **Karl Mannheim: um pioneiro da sociologia da juventude**. Anais do XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, UFPE, Recife (PE), 2007.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Terezinha Henn. “**Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional**”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 3, e54025, 2019.

ANEXO 1

**Quadro 3: mapeamento detalhado de mulheres idosas em posição de liderança nas regiões brasileiras e América Latina.**

<b>Quadro 3: Mapeamento de mulheres idosas em posição de liderança nas regiões brasileiras e América Latina.</b>						
	<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Local</b>	<b>Seguimento</b>	<b>Perfil</b>
<b>Brasil Sul</b>	69	Branca	Ensino Superior Completo	Maringá, PR	Empresarial	Educadora que se tornou uma produtora de soja interior do Paraná, é considerada a rainha da soja e senhora dos pomares de laranja, por possuir propriedades muito produtivas.
	69	Branca	Ensino Superior Completo	Florianópolis, SC	Empresarial	Advogada, empresária e liderança associativista do setor empresarial no Brasil, atua no incentivo do associativismo de mulheres empresárias.
	79	Preta	Ensino Superior Completo	Curitiba, PR	Educação	Educadora que ver o perfil da diva guimarães
	63	Branca	Ensino Superior Completo	Florianópolis, SC	Política Institucional	Advogada Sindical, militante da frente socialista do Partido dos Trabalhadores.
	67	Branca	Ensino Superior Completo	Florianópolis, SC	Política Institucional	Foi a primeira prefeita do Estado de Santa Catarina, militante do Partido dos Trabalhadores.
	67	Branca	Ensino Médio Incompleto	Governador	Movimento Social	Pescadora artesanal, representante do movimento de pescadoras do litoral de Santa Catarina.
	68	Preta	Ensino Superior Completo	Curitiba, PR	Movimento Social	Militante do movimento de mulheres negras de Curitiba e da associação nacional LGBTTI.
	65	Branca	Ensino Superior Completo	Porto Alegre, PR	Política Institucional	Deputada Federal de Santa Catarina.
	77	Preta	Ensino Superior Completo	Maringá, PR	Educação	Educadora Infantil.
<b>Brasil Sudeste</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Local</b>	<b>Seguimento</b>	<b>Perfil</b>
	74	Branca	Ensino Superior Completo	São Paulo, SP	Religioso	Freira Católica militante do movimento “Católicas pelo Direito de Decidir”.
	62	Preta	Ensino Superior Completo	São José dos Pinhais, SP	Educação	Primeira mulher negra professora do Instituto Tecnológico (ITA) de São

						José dos Pinhais, professor e pesquisadora da Física.
	72	Preta	Ensino Superior Completo	Rio de Janeiro, RJ	Artístico Cultural	Escritora Brasileira, primeira mulher brasileira a se candidatar a ABL.
	80	Branca	Ensino Superior Completo	São Paulo, SP	Empresarial	Empresária e consultora de moda, integrante da Academia Brasileira de Moda.
	84	Branca	Ensino Superior Completo	São Paulo, SP	Política Institucional	Deputada Federal do Partido Socialismo e Liberdade.
	72	Branca	Ensino Superior Completo	São Paulo, SP	Movimento Social	Atriz e militando do movimento de resistência a ditadura no Brasil.
	63	Branca	Ensino Médio Completo	Belo Horizonte, MG	Movimento Social	Travesti, Militante do Movimento LGBTTI.
<b>Brasil Centro-Oeste</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Local</b>	<b>Seguimento</b>	<b>Perfil</b>
	94	Branca	Ensino Superior Completo	Corumbá, MS	Artístico Cultural	Artesã e Escritora. Membro e fundadora da Academia Corumbaense de Letras
	74	Branca	Ensino Superior Completo	Cuiabá, MT	Política Institucional	Senadora pelo PT, agora filiada ao PTB.
	75	Branca	Ensino Superior Completo	Cumari, GO	Política Institucional	Primeira Deputada Federal por Goiás, filiada ao PSB.
<b>Brasil Norte</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Local</b>	<b>Seguimento</b>	<b>Perfil</b>
	58	Preta	Ensino Superior Completo	Santarém, PA	Movimento Social	Liderança do Movimento Quilombola, cantora e compositora.
	64	Branca	Ensino Superior Completo	Boa Vista, RO	Política Institucional	Representante política.
<b>Brasil Nordeste</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Local</b>	<b>Seguimento</b>	<b>Perfil</b>
	70	Preta	Ensino Médio Completo	Sobradinho, BA	Movimento Social	Agricultora familiar e sindicalista.
	62	Preta	Ensino Médio Completo	Salvador, BA	Movimento Social	Ativista política pela causa das trabalhadoras domésticas,
	76	Branca	Ensino Superior Completo	Aracaju, SE	Filantropia	Líder religiosa.
	63	Branca	Ensino Superior Completo	Cachoeira, BA	Política Institucional	Representante política do estado da Bahia e militante pelos direitos humanos, seguiu na linha de frente na ditadura militar no BR.
<b>América Latina</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Local</b>	<b>Seguimento</b>	<b>Perfil</b>
	91	Branca	Ensino Fundamental Completo	Buenos Aires, Argentina	Movimento Social	Ativista e uma das fundadoras do Madres de La Plaza de Mayo, movimento de mães de



						desaparecidos na ditadura militar de 1976 a 1983 na Argentina.	
	62	Branca	Ensino Superior Completo	San José, Costa Rica	Artístico Cultural	Artista Plástica especializada em Esculturas, que possui reconhecimento nacional e ativismo político ativo.	
	90	Branca	Ensino Superior Completo	Cidade do México, México	Movimento Social	Ativista dos direitos humanos.	
	66	Branca	Ensino Superior Completo	Lima, Peru	Filantropia	Pesquisadora e ativista pelos direitos de pessoas com necessidades especiais.	
	68	Branca	Ensino Superior Completo	Buenos Aires, Argentina	Movimento Social	Militante do movimento de mães vítimas do tráfico de pessoas.	
<b>População LGBTTI</b>		<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Local</b>	<b>Seguimento</b>	<b>Perfil</b>
		63	Branca	Ensino Fundamental Incompleto	Belo Horizonte, MG	Movimento Social	Mulher Trans, militante LGBTTI.
		87	Branca	Ensino Fundamental Incompleto	Cidade do México, México	Movimento Social	Mulher Trans, militante LGBTTI, fundou a primeira casa de repouso para a população LGBTTI no mundo.
		53	Branca	Ensino Superior Completo	Goiania, GO	Movimento Social	Mulher Trans, militante LGBTTI

**Quadro 4: perfil geral do mapeamento de mulheres idosas em posição de liderança nas regiões brasileiras e América Latina.**

<b>Quadro 4: Perfil Geral do Mapeamento</b>							
<b>Tot al</b>	<b>Mé di a de Idad e</b>	<b>Escolaridade</b>		<b>Cor</b>		<b>Representatividade dos Seguimentos</b>	
		Possui Ensino Superior	Não Possui Ensino Superior	Branca	Preta/Parda	Movimentos Sociais Tradicionais	9
33	72					Movimentos LGBTTI	3
						Representantes da política institucional	8
		25	8	25	8	Educação	6
						Filantropia	2
						Cultura	2
						Empresarial	3

### ANEXO 3: Carta Convite

Cara \_\_ (nome da participante) \_\_,

Eu me chamo Daiany C. Silva e sou mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Estado do Paraná, realizo um estudo sobre a participação social e política de mulheres idosas na América Latina e considerando a sua notável participação \_\_\_\_\_ (nome da organização) \_\_\_\_\_ gostaria de convidá-la para participar da minha pesquisa.

Intitulada como “Gênero e Envelhecimento: reflexões sobre a participação social e política de mulheres idosas na América Latina” essa pesquisa fará parte da minha dissertação de mestrado na UEM e trata-se de um estudo sobre a história de mulheres, com 60 e mais anos de idade, que construíram no decorrer de suas vidas uma trajetória de vida pública ativa, ocupando posições de destaque no Brasil e na América Latina. O objetivo central desse estudo é compreender como essas mulheres mantiveram uma vida socialmente ativa, antes e durante o processo de envelhecimento e como a presença delas influencia nas estruturas de socialização dos espaços de poder.

A metodologia se baseia na análise de relatos de trajetórias de vida e caso você aceite participar, contarei com a sua disponibilidade e colaboração para elaborar um relato autobiográfico, escrito por suas próprias mãos, o intuito é preservar suas percepções sobre suas vivências e garantir que como pesquisadora interferirei minimamente na construção desse material. Esse processo de recuperação de memórias e resgate de experiências é essencial para que se expressem os significados que as mulheres, que serão minhas interlocutoras nessa pesquisa, dão a sua vivência social. A sua participação será muito importante para o avanço do conhecimento científico nas Ciências Sociais. Caso a resposta ao meu convite seja afirmativa, entrarei em contato com as orientações necessárias para o melhor andamento da sua participação.

Atenciosamente,

#### ANEXO 4: Roteiro de construção de relatos

Cara \_\_ (nome da participante) \_\_,

Aqui estão algumas orientações para a construção de seu relato autobiográfico, no entanto, a estrutura do seu relato não possui um modelo fixo, não há relatos demasiadamente grandes ou pequenos, o importante é que nele estejam presentes as suas percepções sobre sua vida social. Quero conhecer os caminhos que percorreu até chegar aos espaços que ocupa hoje, acontecimentos que impactaram suas escolhas e episódios que marcaram sua história de alguma forma. Esta pesquisa visa compreender a construção da sua trajetória de vida, portanto, todos os elementos serão importantes, a sua relação com a vida familiar e a vida pública, a sua entrada no mercado de trabalho, dilemas familiares, as dinâmicas cotidianas de convivência social, e, até mesmo, valores que considera relevantes para a sua conduta na vida social. Para tanto, você poderá utilizar, além da escrita, todo recurso que achar necessário, fotos, noticiários, documentos, áudios, vídeos, etc...A sua história deve ser contada de acordo com as suas preferências. Contudo organizei alguns tópicos que poderão nortear sua escrita:

- Uma questão crucial na pesquisa é a compreender o papel das mulheres, por isso esse estudo têm como interlocutoras as mulheres, nesse sentido, é importante saber se ser mulher influenciou consideravelmente as suas experiências pessoais, profissionais ou sociais, de forma vantajosa ou desvantajosa. Foi possível perceber em algum momento que ser mulher te colocou em uma posição distinta dos demais que ocupam os menos espaços que atualmente você ocupa?
- Seria possível pra você destacar algum elemento (valores, religião, grupo econômico, etnia, etc...) que influenciou na formação de sua conduta e na chegada ao posto que você ocupa? Como você percebe isso durante o curso da sua vida?
- Como você lida com o processo do envelhecimento?

OBS: as questões acima não precisam ser respondidas diretamente, ou necessariamente, são apenas questões para reflexão na construção de seu relato.

Estarei a sua disposição, para o esclarecimento de dúvidas entre em contato que responderei o mais rapidamente possível.

Agradeço a sua colaboração.

Atenciosamente.

### ANEXO 5: Ficha de dados gerais

Nome Completo					
<b>RG</b>		<b>CPF</b>			
<b>Data de Nascimento</b>		<b>Naturalidade</b>			
<b>Endereço Completo</b>					
<b>Qual instituição ou grupo que você representa?</b>					
<b>Qual é a sua função nesta instituição ou grupo?</b>					
<b>Nível Educacional</b>					
<input type="checkbox"/> Não Frequentou a escola		<input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto		<input type="checkbox"/> Ensino Superior completo	
<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto		<input type="checkbox"/> Ensino Médio Incompleto		<input type="checkbox"/> Pós-Graduação	
<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo			<input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto		
<b>Estado Civil</b>					
<input type="checkbox"/> Solteira		<input type="checkbox"/> Casada		<input type="checkbox"/> Divorciada	
				<input type="checkbox"/> União Estável	
				<input type="checkbox"/> Viúva	
Considerando a classificação racial do IBGE, em que grupo étnico você se classificaria?					
<input type="checkbox"/> Branca		<input type="checkbox"/> Negra		<input type="checkbox"/> Morena ou Parda	
				<input type="checkbox"/> Indígena	
				<input type="checkbox"/> Oriental	
				<input type="checkbox"/> Outro (especifique)	
<b>Você Pertence a alguma religião? Se sim. Qual?</b>					
<b>Somando os salários e rendimentos mensais médios de sua família, qual é o valor em reais (R\$) ou em salários mínimos?</b>					
<input type="checkbox"/> Sem Renda		<input type="checkbox"/> De 3 até 5 Salários Mínimos (R\$ 2862,01 a 4770,00)			
<input type="checkbox"/> Até um Salário Mínimo (R\$ 954,00)		<input type="checkbox"/> De 5 até 10 Salários Mínimos (R\$ 4770,01 a 9540,00)			
<input type="checkbox"/> De 1 até 2 Salários Mínimos (R\$ 954,01 a 1908,00)		<input type="checkbox"/> Acima de 10 Salários Mínimos (R\$ 9540,00)			
<input type="checkbox"/> De 2 até 3 Salários Mínimos (R\$ 1908,01 a 2862,00)					
<b>Atualmente você está atuando profissionalmente?</b>					
<input type="checkbox"/> Não estou trabalhando.		<input type="checkbox"/> Estou aposentada e trabalho em período parcial.			
<input type="checkbox"/> Trabalho em período integral.		<input type="checkbox"/> Nunca me aposentei e continuo trabalhando pois, sou autônoma.			
<input type="checkbox"/> Estou aposentada mas, continuo trabalhando em tempo integral.		<input type="checkbox"/> Outro (especifique)			
<b>Qual é a sua área de atuação profissional?</b>					

## **ANEXO 6: Roteiro de relato de experiência com abordagem biográfica.**

- O objetivo dessa entrevista é conhecer os caminhos que percorreu até chegar aos espaços que ocupa hoje, acontecimentos que impactaram suas escolhas e episódios que marcaram sua história de alguma forma. Portanto, preciso saber primeiramente sobre suas origens, quem é você, de onde você veio?
- Qual a sua área de atuação profissional?
- Como foi a sua vida familiar e como você a conciliou com a sua vida profissional?
- Qual momento você considera mais significativo em toda a sua trajetória, no geral, seja no âmbito público/profissional ou pessoal?
- Foi possível perceber em algum momento que ser mulher te colocou em uma posição distinta dos demais que ocupam os mesmos espaços que atualmente você ocupa?
- A questão da atuação feminina é algo relevante pra você? Porquê?
- Como você justificaria a sua atuação na vida pública mesmo durante o processo de envelhecimento?
- Seria possível pra você destacar algum elemento (valores, religião, grupo econômico, etnia, etc...) que influenciou na formação de sua conduta e na chegada ao posto que você ocupa? Como você percebe isso durante o curso da sua vida?
- Você percebe que há diferenças entre a sua geração e gerações anteriores?
- Como você lida com o envelhecimento?

OBS: Esse roteiro foi utilizado nas entrevistas realizadas pessoalmente e por mensagens instantâneas.

## ANEXO 7: Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-la a participar da pesquisa intitulada “Gênero e envelhecimento: reflexões sobre a participação social e política de mulheres idosas na América Latina”, que faz parte do curso de pós-graduação em Ciências Sociais e é orientada pela professora Simone Pereira da Costa Dourado da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é dimensionar as configurações da participação social e política de mulheres idosas latinoamericanas. Para isto a sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: elaboração de relato autobiográfico. Informamos que não há riscos ou desconfortos envolvidos na pesquisa. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Ressaltamos, ainda, que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade, todo material elaborado será arquivado para uso exclusivo da pesquisa. Não há benefícios diretos aos participantes além da contribuição para o avanço no debate científico na área de especialidade. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada e entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(nome por extenso da participante da pesquisa)  
declaro que fui devidamente esclarecida e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Professora Simone Pereira da Costa Dourado.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica.

Eu Daiany Cris Silva declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura da pesquisadora.